A canção de EVA



June Strong

Autora de Projeto Sunlight

A canção de EVA

June Strong
Autora de *Projeto Sunlight*

Tradução de
Hélio Luiz Grellmann

Casa Publicadora Brasileira
Tatuí – São Paulo

Título do original em inglês:
SONG OF EVE

Direitos de tradução e publicação em
Língua portuguesa reservados para a

Casa Publicadora Brasileira
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34
18270-000 – Tatuí – SP
Fone: (015) 250-8800
Atendimento Direto: (015) 250-8900

Quarta edição
Três mil exemplares 16º milheiro
1998

Editoração: Abigail R. Liedke e Ivacy F. Oliveira
Programação Visual: Manoel A. Silva e Herlem X. de Campos
Ilustração de capa: Marta Telumi Irokawa

IMPRESSO NO BRASIL
Printed in Brazil

5051/4691

Depois de haverem acampado e feito a refeição, reuniram-se todos ao redor do fogo e Natã tomou a harpa. Os homens encostaram-se nas árvores ou se espreguiçaram sobre o solo, em relaxante expectativa. Seus dedos extraíram das cordas uma doce e melancólica melodia, com a qual Shaina se achava familiarizada desde a infância. Aquele era um cântico de sua terra natal, e ele o executou ali, naquela noite, enquanto repousava junto às próprias fronteiras de seu amado vale. Havia naquela música um caráter misterioso que se acentuava face às luzes do acampamento, faíscas que flutuavam em direção ascendente por entre a espessa escuridão. Certa vez ele dissera à filha que o cântico possuía letra – palavras que falavam a respeito da tristeza de Adão diante de seu banimento do Éden, e nesta noite ela sentiu a melancolia como que invadindo seus próprios ossos.

Dedicatória:

Este livro é dedicado, com amor imensurável, a meus filhos – Melody, Lori, Kim, Jeff, Mitch e Amy.

Agradecimentos:

Nenhum livro é escrito por apenas uma pessoa. Existem sempre aqueles que sustentam, suportam, inspiram, bem como aqueles que intercedem.

Muito abrigada.

a Don, que compartilhou a máquina de escrever comigo, durante meses;

a meus netos, que esperam pacientemente que eu deixasse o meu “isolamento”;

a Alta, Howard, Isabel e outros, os quais oraram sem cessar;

a Shirley, que amável e voluntariamente se dispôs a lançar todo conteúdo num processador de textos;

a Deus, que não permitiu que eu me debatesse sozinha, antes andou a meu lado durante toda uma existência.

"Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos Céus, nem o Filho, senão somente o Pai. Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do homem. Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio, comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do homem."

S. Mateus 24:36-39

Índice

Índice Atualizado

1. O Presente..... 9
2. A Viagem..... 19
3. O Pregador..... 52
4. A Decisão..... 70
5. O Vale..... 86
6. A Partida..... 113
7. A Menina..... 129
8. O Barco..... 150

Referências..... 175

Os textos bíblicos são da Versão Almeida Revista e Atualizada.

Capítulo 1

O Presente

A luz solar da tardinha como que brincava por entre paredes de marfim e plantas tropicais de um verde forte, espreguiçando-se em meio a elas. A água, murmurando sobre as pedras num dos cantos, fazia com que a grande arejada sala quase parecesse uma extensão do frondoso mundo que se estendia para além da janela aberta. Um pássaro tão azul quanto um pedacinho do céu, esvoejava em torno de uma garota; esta, com os joelhos erguidos, achava-se sentada sobre um sofá de macia lã cardada. Sem prestar atenção ao que fazia, estendeu ela a mão ao pássaro; era, porém, muito fácil perceber-se, através de seus sonhadores olhos verdes-marinho, que seus pensamentos vagueavam bem longe dali.

"Bem, pequena Safira", disse ela finalmente, acariciando afetuosamente as penas lisas e macias do pássaro, "você perturbou meu devaneio, de modo que agora deve ouvir-me. Papai prometeu-me uma surpresa para esta noite, e não se trata de uma surpresa qualquer. Algo muito especial. E mamãe está desnorteada por causa disso. Posso vê-lo através do modo como ela caminha." A mocinha sorriu enquanto, com os olhos da mente, podei ver uma vez mais o porte ereto e desaprovador de sua mãe. Mas ela não dissera *não*. "Muito misterioso tudo isso, não é assim que você diria, minha pequena amiga?"

O pássaro ergueu sua pequenina cabeça, como se efetivamente estivesse meditando sobre a questão.

“Não creio que ele esteja pensando em comprar-me algo, pois sabe muito bem que não desejo nada daquelas coisas que são vendidas no mercado. Todas as pulseiras de prata que causam tanto deleite à mamãe, a mim tão-somente atrapalham quando quero correr por entre as árvores ou trabalhar no jardim. Talvez ele esteja pensando em fazer algo para mim. Sim, deve ser isso mesmo!” Ela aconchegou o pássaro sob o queixo, deixando que seu espesso cabelo castanho, com algumas manchas cor de cobre, caíssem em torno da ave como se fosse um ninho. Talvez um pássaro esculpido, tão lindo quanto você. Mas *mamãe* não faria objeções a isto. De fato, tudo está muito misterioso!”

Colocando o pássaro de volta no grande aviário que enchia um dos cantos da sala com música e cores, ela escapuliu por entre uma área de flores, arbustos e relva muito verde, dirigindo-se a uma estrutura longa e baixa que se achava na parte dos fundos da propriedade. A visão que obteve ao entrar era-lhe muito familiar, mas ainda assim jamais se cansava dela. O local de trabalho de seu pai era um lugar de paz, a despeito da constante presença de um ou dois artesãos, demasiado ocupados com o aquecimento e alimentação dos fornos, ou com o preparo do barro. Sabendo que seu pai não era um oleiro comum, caminhou por entre as obras que ali se encontravam. Tudo era *azul*. Pedaços rejeitados de barro azul jaziam no solo, grandes vasos azuis em vários estágios do processo de fabricação, urnas azuis e adoráveis tigelas. Mais do que tudo, porém, ela apreciava as esculturas; sempre voltava a contemplar vagarosamente e com apreço a coleção, percebendo a ausência de alguma peça que havia sido vendida ou a presença de uma nova peça de arte, recém-saída das habilidosas mãos de seu pai.

Hoje ela reconheceu um pavão, cuja cauda abria-se em sutis graduações de barro azul. Durante quanto tempo teria seu pai trabalhado nos detalhes? Um sentimento de orgulho subiu-lhe à cabeça, e era muito parecido com o pomposo andar do pavão, em sua própria colônia, por entre as tamargueiras. Como podia ele captar tão bem a mínimas nuances de posição ou expressão?

Ainda sorrindo satisfeita, ele dirigiu-se até onde papai moldava uma tigela profunda mediante seguros toques de seus dedos. Como criança, ela aprendera que teria sempre a liberdade de vir e sair desse lugar sem qualquer problema, desde que se abstivesse de fazer perguntas enquanto papai estivesse trabalhando. Tão arraigado achava-se o hábito que, agora, já aos quinze anos de idade, ela não fez qualquer ruído enquanto contemplava a habilidade artística de seu pai. Quando a tigela foi completada, ele indicou as suas bordas e com hábeis movimentos formou – utilizando pequenos restos de barro úmido – uma grinalda de folhas e flores para o adorno da margem. A garota deixou escapar um suave som de deleite. Natã ergueu a cabeça e surpreendeu-se com a presença da filha, tão absorto estivera em seu trabalho. “Então você gostou?” - perguntou ele. “Eu também. Agora, minha pequena, deixemos todo esse barro para trás e vamos à procura de sua mãe.” Pôs-se de pé e esticou-se vagarosamente – um homem de excelente constituição física, surpreendente estatura, cabelos cor de areia e olhos negros e gentis.

Ele traz em si as próprias tonalidades da terra, pensou Shaina enquanto o examinava detidamente. *Seu manto de tecido grosseiro, sua pele, seus olhos, seu cabelo. Ele tem trabalhado com a terra por tanto tempo, que até mesmo já se tornou parte dela*. Somente a terra de *trabalho* de Natã era azul, o belo barro azul do rio

Havillá, cuja região ficava no escondido vale de sua infância. Era com esse barro inanimado que ele preparava as peças raras, cujo preço alcançava cifras extravagantes no mercado. As criações cerâmicas de outros homens podiam servir muito bem para carregar água ou servir ao fogo, mas Natã, o filho de Sepp, combinava seu gênio criativo com um meio único de produção artística, raro entre os homens. Isto conduzira sua família a ocupar um lugar entre os ricos, e, enquanto Natã e Shaina andavam despreocupadamente por entre os jardins que circundavam a casa, ele se sentia agradecido e, como sempre, um pouco surpreso pelo fato de que um trabalho que tanto apreciava tivesse se demonstrado tão lucrativo.

- O que você esteve fazendo durante o dia? - perguntou ao pai, volvendo-se a garota que andava ao seu lado.

- Trabalhei com Ira em meu jardim até ao meio-dia - respondeu ela - Estivemos semeando durante horas ao sol quente, e isto não foi muito confortável, mas os resultados são realmente dignos do esforço. Você verá as belas roseiras cobrirem-se de rosas brancas e os novos arbustos trazidos das montanhas encontraram um lugar perfeitamente adequado sobre as rochas, logo atrás. Ira é um gênio papai. Estou aprendendo muito com ele.

- Não há necessidade de você trabalhar tanto - admoestou Natã. Caso estejamos com poucos servos, peçamos a Ira que contrate outros. Você não precisa crescer com tanta terra debaixo das unhas, tal como ocorreu comigo. Você é uma gentil mocinha, cheia de boas maneiras, meu amor. – Sorriu afetuosamente enquanto contemplava sua única filha.

Ela estendeu diante do pai suas mãos tostadas pelo sol e apresentou-lhe os dedos delgados.

- Papai, não existe sujeira debaixo de minhas unhas. Escovei-as longamente durante o banho, e você deve admitir que pareço tão viçosa e amimalhada como uma princesa. Durante o calor do dia, enquanto mamãe descansava, estive passeando ociosamente e brincando com Safira. E tentei adivinhar qual é a sua surpresa. – Shaina espiou com o canto dos olhos em direção ao pai que caminhava ao seu lado.

- Oh, você o fez mesmo? Pois bem, em breve sua curiosidade terá fim, pois tudo indica que o jantar está posto, e sua mãe já nos aguarda.

No sombreado quintal, uma mulher esbelta, de tez morena, colocou sobre a mesa uma bandeja com uvas e fatias de melão; com um gesto manual, despediu duas servas que estavam por perto. Natã abraçou-a calorosamente e Shaina ficou pensando pela centésima vez, quão ardente e obviamente ele amava sua mãe. Com boas razões, por certo, já que sua opressiva beleza só parecia aumentar com a idade. Ela era vivaz e engenhosa – uma companheira sábia, sem dúvida. Shaina herdara os olhos verdes-marinho da mãe, embora noutros aspectos revelasse os traços característicos do lado paterno, tais como a aparência dourada, como que beijada pelo sol.

Depois que Natã havia tomado banho e vestido um roupão limpo, a família pôs-se à vontade e desfrutou dos pães achatados de cevada e frutas, que em conjunto compunham a refeição vespertina. Era a alimentação simples da terra natal de Natã, e ele ainda a preferia às demais. Enquanto comiam, Shaina aguardou impacientemente que ele mencionasse o trato de revelar-lhe a surpresa, porém o pai dava indicações de haver esquecido o assunto. A mocinha percebeu a relutância dele em quebrar a serenidade do momento, mas não mais

lhe era possível refrear a curiosidade típica da adolescência.

- Papai, você prometeu que minha inquietação logo seria resolvida.

Natã hesitou por um momento e então lançou-se em frente.

- Dentro de duas semanas estarei indo à terra do rio Havillá a fim de visitar meus pais e refazer meu estoque de barro; antes, porém, de retornar, quero viajar até o Jardim do Éden e tentarei encontrar-me com o velho patriarca Adão. Dizem que ele está envelhecendo rapidamente e talvez não viva por muito tempo mais.[1] O lugar fica muitos quilômetros além da minha terra natal, de modo que será uma viagem extenuante, mas isto é algo que assentei em meu coração fazer.

Natã caiu então em silêncio, como que perdido em pensamentos, e Shaina ficou a perguntar-se o que tudo aquilo teria a ver com ela. Agora ela desejava que o pai completasse os pensamentos ainda retidos na mente. Será que ele estaria pensando em *trazer-lhe* alguma planta *rara* lá do Jardim? O que estaria ele planejando? A garota olhou rápida e furtivamente em direção à mãe, mas foi capaz de ver unicamente o desdém estampado no impassível rosto materno.

Então, rapidamente, como que para encerrar o assunto, Natã disse:

- Meu plano é levar você comigo.

Shaina não teria se sentido mais aturdida se ele houvesse dito que planejava fechar sua oficina de artes em cerâmica. Ne mesmo mamãe jamais o acompanhara nessas viagens realizadas duas vezes ao ano com o objetivo de adquirir novos suprimentos de barro, pois a viagem era longa e cansativa. Cautelosa excitação começou a produzir-se no íntimo da jovenzinha. Aquele

era um presente situado além da mais desenfreada imaginação. Cavalgar por entre os arredondados outeiros que circundavam a cidade e ir ainda para muito além, em direção à misteriosa terra que havia sido o lar de seu pai antes que ele encontrasse sua mãe e desta forma pusesse a perder seu coração e sua herança! Muitas vezes ele falara à filha a respeito do calmo vale povoado de árvores gigantescas que estendiam seus galhos qual frondoso teto por sobre os habitantes. Um lugar em que os raios solares se infiltravam por entre os caminhos e por vezes flamejavam sobre as cores de pedras preciosas que jaziam soltas ao longo dos regatos e acima do solo, em lugares secretos, onde os homens não as haviam tornado objeto de sua ganância![2] Certa vez ele trouxera para a esposa uma água-marinha, emoldurada por uma estrutura de prata. Mamãe arrumara seu espesso e escuro cabelo para um lado e colocara a jóia em torno do penteado negro e brilhante. A jóia era exatamente da cor dos olhos de mamãe e sua figura apresentara-se simplesmente maravilhosa enquanto ele ria com prazer no quarto de obras de arte. Shaina pudera ler a satisfação estampada no rosto de papai enquanto ele contemplava a esposa.

E dizer que agora ela própria iria visitar essa terra! Encontrar seus avós, tios e primos! Ver as barrancas do rio, das quais os servos de papai arrancavam o barro que depois se convertia em esculturas e bacias, aqui em sua oficina! Repentinamente ela se deu conta que não pronunciara uma única palavra e que papai olhava em sua direção com um ar estranho.

- A idéia assustou você, querida? Claro que não a obrigarei a me acompanhar. Foi apenas uma fantasia minha. – Então ele adquiriu um ar solene. – Não Shaina, não apenas uma fantasia. Um ardente desejo. Eu gostaria muitíssimo de compartilhar tudo com você. Desejo que

você me acompanhe na peregrinação ao Éden. Eu gostaria muitíssimo!

Shaina escolheu carinhosamente as palavras. Papai lhe atribuíra grande honra, e queria que ele percebesse que ela entendera muito bem o gesto.

-Não tenho palavras para expressar meus sentimentos. Este é um presente além de qualquer compreensão. – Seus olhos lampejaram e toda formalidade desapareceu.

– Sinto-me como nunca dantes. Nem sei como poderei esperar pelo momento de montar Hadesh e dirigir-me para as montanhas!

- Você não faz idéia daquilo em que está se metendo – vociferou sua mãe – e seu pai não tem direito de leva-la consigo.

Shaina teve a sensação de que uma feroz batalha fora travada por detrás dos bastidores. Raramente seu pai negava algo à esposa; ao contrário, sentia o maior prazer em atendê-la. Desta vez, porém, a vontade dele prevalecera. Shaina mal tentava adivinhar qual teria sido o custo.

- Sou jovem e forte, mamãe, e estou acostumada ao trabalho no jardim. Nada há a temer!

- E se você for atacada por ladrões ou animais selvagens, suponho que pretenderá usar os seus frágeis braços a fim de mantê-los no devido lugar!

Natã falou antes que a filha tivesse tempo de responder.

Os servos viajam sempre armados, Ona. Você sabe disto. Shaina seria, em qualquer eventualidade, nossa primeira preocupação. E você sabe igualmente que meus pais têm o direito de conhecer sua neta. Tornemos feliz esta oportunidade. Não há lufar para irritação diante

deste assunto, querida. Pensei que havíamos concordado quanto à isto.

Mas a mamãe foi incapaz de silenciar.

- Não é para apresentá-la à sua família que você a estará arrastando através desses desertos. Sei muito bem que você quer leva-la a ver o Jardim com espadas flamejantes[3] e um velho caduco que afirma ter vivido lá dentro alguma vez. É para isso que você a exporá a toda sorte de perigos e desconfortos. Não tente enganar-me, Natã. Você nutre a esperança de fazer sua filha uma seguidora, uma discípula de Adão. Um fanático que opta por levar uma vida solitária em tendas e que almeja retornar à inocência!

Como você é devoto, meu esposo! Quando os ricos vêm e desejam ter suas imagens sagradas esculpidas pelas habilidosas mãos que você tem, não lhes é possível ceder. Oh não, você se sente obrigado a manter sua estúpida lealdade a esse Deus invisível que nunca ouve, nunca ajuda e jamais responde. Que é incapaz de perdoar. Que nos lançou para fora de nosso verdadeiro lar. Ele se foi, Natã. Você é incapaz de compreender? Ele se foi. É bem melhor orar às árvores, ao Sol e aos espíritos. – Os olhos de Ona estavam umedecidos por lágrimas. Shaina tentou adivinhar se eram de cólera ou desespero.

Natã ergueu-se, assomando por sobre a esposa quando dela se aproximou. Muito gentilmente, apanhou-a nos braços e a conduziu para dentro. Shaina pôde ouvir suas murmurantes vozes durante muito depois que a escuridão envolvera o frondoso caramanchão em que ela permanecera sentada. Porventura mamãe conseguiria convencê-lo a deixar a filha em casa? Fosse como fosse, ela sentiu que isso não iria acontecer. Desta vez papai se conservaria firme. Sem dúvida, mamãe tinha razão: ele *realmente* a estaria levando para adorar o Deus

verdadeiro e vivo, junto aos portões do Jardim do Éden. E, se chegassem a tempo, poderiam ouvir a voz de Adão e contemplar sua face – a mesma que, no passado, havia visto diretamente a face de Deus. Seu pai não mencionara Eva. Porventura viveria ainda a esposa de Adão? Ela apreciaria muito observar a legendária beleza da primeira mulher!

Shaina caminhou um pouco pelo jardim, numa tentativa de acalmar-se antes e ir para o leito. A fragrância das madressilvas impregnava o ar noturno e ondas flutuantes de bocas-de-leão reluziam à luz da Lua. Ao chegar ao seu próprio jardim, aquele que Ira a ajudara a desenvolver num cantinho separado, espremido entre duas paredes de pedra natural, ela ajoelhou-se sobre a relva umedecida e ergueu a face em direção ao céu. Não sabia como aproximar-se do grande Deus dos Céus, nem mesmo sabia o que dizer-Lhe; mas ali, em meio à noite, teve consciência de Sua presença. E – estranho aquilo! – sentiu um almejo, um anseio por Ele!

Capítulo 2

A Viagem

Era estranho estar de pé e vestida tão cedo. Shaina acompanhou os últimos preparativos da viagem a partir de um pequeno terraço situado abaixo de seu quarto. Ela se perguntava, impaciente, se algum dia a caravana iria pôr-se em movimento. Presentemente tudo parecia confusão: vozes em tom alto misturavam-se com o ocasional lamento de algum cavalo fortemente carregado, que se rebelava contra as cutucadas do servo que o tinha sob seus cuidados. Tudo aquilo mais parecia um sonho. Homens e animais começaram a movimentar-se na semi-escuridão, sem poderem ver muito bem em meio ao orvalho que nessa hora se erguia a fim de umedecer a terra.[1] Ela jamais esqueceria esse momento. Foi aquele um ponto decisivo em sua vida, um ponto de mudança e de despedida dos quinze anos de infância amimalhada. Seu pai considerava que ela estava pronta. Um novo vínculo unia-os agora. Desta vez ele tomara posição firme em favor da filha. Ela o ouvira chamá-la do interior da casa, onde ele havia ido para despedir-se da esposa. Aquele era sempre um momento difícil, e agora duplamente desagradável que se criara entre ambos.

No momento em que adentro ao dormitório dos pais, ela pôde ver lágrimas caindo dos negros olhos de papai. Ele roçou levemente um último beijo no cabelo da esposa e deixou rapidamente o quarto. A frieza que circundava sua mãe, ereta como uma rainha à luz esvoaçante dos lampiões de cerâmica, fez com que Shaina soubesse que

ela não perdoara o esposo. Durante um breve momento a garota sentiu o desejo de liquidar com aquela tensão – ela diria ao pai que não iria acompanha-lo. Mas uma aguda consciência interior advertiu-a de que aquilo era uma experiência de sofrimento que ela e o pai teriam de atravessar, e que nenhum deles deveria fraquejar.

Envolta pelos braços da mãe, a garota uma vez mais maravilhou-se diante daquela cativante e perfumosa essência. Será que ela própria viria a se tornar uma mulher tão feminina, tão poderosa em amabilidade? Começava a compreender quanta saudade sentiria da mãe. Nem mesmo Fenice, sua ama desde os primeiros dias de vida, seria capaz de suprir a segurança que ela sentia nos braços de Ona.

- Estarei pensando todos os dias em você, mamãe, e isto me confortará quando o caminho for difícil.

- E ele será difícil, Shaina. Você pode estar certa disso. Mas Fenice estará a seu lado. Isto me traz um pouco de alívio à mente. E seu pai não hesitaria em dar a vida em favor de você. Fale francamente com ele a respeito de todas as suas necessidades. Ele estará ocupado e terá muitas preocupações, mas é seu desejo transformar essa viagem num verdadeiro deleite para você. – Ela suspirou. – Shaina, Natã alimenta estranhos desejos secretos que eu não pretendo compreender. – Nunca dantes ela se referira ao esposo, diante da filha, como Natã, e a garota que esta era uma nova forma de falarem entre si, de mulher pra mulher. – Eu o amo e muitas vezes o torno extremamente feliz, mas também lhe roubei algo que é por demais vital ao seu ser. Sinto-me irritada por não conseguir satisfazê-lo completamente. – Um sorriso distorcido permeou sua face. – A maioria dos homens julgariam que eu sou suficiente, mas não Natã. Por vezes temo que ele me odeie pelo fato de ser meu prisioneiro.

Mas tudo isso é demasiado para sua jovem cabecinha. Vá, minha querida, e descubra o mundo. Aqui estarei esperando por você. Caso chegue a ver a "rainha da beleza", diga-lhe que espero que seu pedaço de fruta tenha valido o quanto custou. – Sua risada sarcástica acompanhou Shaina quando esta se dirigiu para fora, rumo à luz matinal. A garota almejou muito que a despedida houvesse ocorrido sob um clima diferente.

Enquanto cavalgava Hadesh, seu coração batia excitadamente. Fenice, agora cavalgando a seu lado, demonstrou estranho tremor na voz ao falar.

- Será que alguma vez tornaremos, minha querida, a ver seta civilizada cidade e nosso bonito lar?

- Fenice, você está esquecendo que esta cidade está longe de ser civilizada. Não nos arriscamos a deixar nosso lar à noite, e por vezes os malvados golpeiam nossas próprias portas.[2] Francamente, qualquer dia tomarei o rumo do deserto. Dizem que a maioria dos animais se mantêm distanciados, desde que não sofram ataque. Além do mais, acredito que o Deus dos Céus estará conosco.

Fenice, mulher forte e cheia de vitalidade, avançando já em muito para além dos 500 anos de idade, bufou indignadamente e acariciou uma pequena figura de prata que trazia pendurada ao pescoço através de um cordão de couro. Shaina possuía suas próprias opiniões a respeito dos vários deuses que as pessoas adoravam. Suas representações e imagens não pareciam de muita ajuda diante de sua mente prática; sabia, porém, que os servos atribuíam grande poder às mesmas. Até mesmo sua mãe ajoelhava-se diariamente diante de uma primorosa deusa de prata que se erguia por entre a folhagem, num canto de seu aposento de dormir.

Natã cavalgou para junto da filha, roçando-lhe levemente o ombro.

- Estamos prontos para partir Shaina. Quero ter a certeza de que Deus nos acompanhará nesta viagem. Para mim, isto representa muito mais que uma simples expedição à busca de barro. Vamos orar ao Deus Altíssimo?

Shaina inclinou a cabeça e ali, diante dos servos expectantes, surpresos e impacientes, Natã ergueu sua voz ao Céu, suplicando pela presença e proteção de Deus.[3] A garota ouviu uma praga e uma tendência a desaprovação, mas Natã era um patrão bondoso e amável, e ela sabia muito bem que os homens pensariam muito bem antes de abandoná-lo.- É este seu costume, papai? – perguntou ela no momento em que ele começava a retornar a algum ponto posterior da caravana, composta de carroças, jumentos pesadamente carregados e homens montados.

- Não. Ele balançou a cabeça, esboçando um sorriso pesaroso. – Normalmente não sou lá muito corajoso.

Aquela noite eles armaram suas tendas nas montanhas que circundavam a cidade. Durante todo o dia havia percorrido uma estrada montanhosa, que seguia por um aclive suave mas constante. Shaina e Fenice haviam olhado para trás, maravilhadas, ao verem a cidade que lhes ficava bem abaixo. Agora em sua tenda armada sob um pinheiro solitário, olhavam em direção às esmaecidas luzes do vale. Shaina pensou em sua mãe, tão sozinha. O dia fora agradável e a viagem rendera bastante. Os homens achavam-se muito animados. Viagens como essa representavam uma quebra da rotina, e eles as aguardavam com ardente expectativa.

Em certo momento, durante a noite, Shaina despertou com um terrível rugido que provinha do meio

dos arbustos e, erguendo a ponta da tenda, pôde ver três homens da equipe de vigilância tomarem tochas da fogueira e arremessarem-nas em direção ao ponto de onde viera o barulho – e este avançava agora noite a dentro. *Então é verdade. Realmente existem animais temíveis aqui nas florestas*. Ela tremeu um pouco e tratou de aproximar seu colchão ainda mais do de Fenice.

Os dias seguintes simplesmente a deixaram atônita. Ela imaginava haver visto muita beleza quando, em companhia de Ira, havia preparado os jardins, mas nada a preparara mentalmente para compreender as árvores que pareciam estender-se até às nuvens, ou as flores que se espalhavam por toda parte à volta do caminho salpicado de luz solar. Havia ali uma flor de alfazema em forma de taça, tão grande quanto às tigelas fabricadas por papai; seus estames eram longos e de cor púrpura intensa, e terminavam em rendilhados discos escuros que balouçavam ante a mais leve brisa. Shaina teve que desmontar e enterrar sua face naquela profunda garganta purpúrea. Pediu ao pai que escavasse uma daquelas plantas a fim de levá-la para seu jardim, mas ele lhe fez lembrar que a planta não suportaria a longa viagem; prometeu-lhe, porém, que durante o regresso atenderia o desejo da filha. Parecia-lhes encontrar maravilhas a cada nova curva, e ela a todo momento ficava retida a contemplar essas belezas, tendo logo depois que correr a fim de alcançar o restante da comitiva. Sempre que parava, dois servos faziam o mesmo, aguardando enquanto ela levava uma flor ao nariz ou examinava um novo arbusto brotando de uma fenda rochosa. Percebeu então, que seu pai antecipara sua curiosidade e tomara providências para que ela pudesse ser satisfeita em segurança.

Cerca de seis dias mais tarde eles atingiram o alto de uma cordilheira; avançava a tardinha e, enquanto contemplava a terra do rio Havillá, ela sentiu-se embriagada pela descoberta. Havia visto cores inimagináveis e respirara ar tão puro quanto cristal. A fragrância de milhares de flores castigara suas narinas.

Depois de haverem acampado e feito a refeição, reuniram-se todos ao redor do fogo e Natã tomou a harpa. Os homens encostaram-se nas árvores, ou se espreguiçaram sobre o solo, em relaxante expectativa. Seus dedos extraíram das cordas uma doce e melancólica melodia, com a qual Shaina se achava familiarizada desde a infância. Aquele era um cântico de sua terra natal, e ele o executou ali, naquela noite, enquanto repousava junto às próprias fronteiras de seu amado vale. Havia naquela música um caráter misterioso que se acentuava face às luzes do acampamento, faíscas que flutuavam em direção ascendente por entre a espessa escuridão. Certa vez ele dissera à filha que o cântico possuía letra – palavras que falavam a respeito da tristeza de Adão diante de seu banimento do Éden, e nessa noite ela sentiu a melancolia como que invadindo seus próprios ossos. Até mesmo a jovial Fenice sentou quietamente e suspirou quando os últimos acordes foram executados.

Os homens pediram então que fossem executados tons mais alegres, e Natã concordou, afastando assim a nostalgia. Eles riram e cantaram, turbulentos face à liberdade, antecipando com prazer o dia seguinte. Usualmente, Shaina apreciava suas ásperas vozes em contraste com o suave tanger da harpa de seu pai; mais que tudo, ela gostava de ver a loira cabeça de papai inclinar-se sobre o instrumento enquanto seus dedos fortes e seguros extraíam carinhosamente os tons das cordas. Nessa noite, porém, ela não conseguiu libertar-se

da sensação que lhe causara a velha melodia. Esta ainda tremia em seu coração, tal como as primeiras lágrimas algumas vezes derramadas. Como era possível que umas poucas notas musicais despertassem a estranha dor da perda? Ela perguntou-se a respeito de quem teria criado a canção e por que teria essa pessoa evocado tal intensidade de sofrimento.

Amanhã ela encontraria seu avô, e mais tarde, talvez, Adão. Oh, se eles tão somente conseguissem chagar a tempo!

Enquanto desciam a encosta da montanha na manhã seguinte, Natã cavalgou ao lado se sua filha, chamando a atenção para os pontos notáveis se sua infância. Um aglomerado de tendas estendia-se numa clareira, para além d qual, grandes áreas cercadas continham porções dos vastos rebanhos do avô. Campos semeados, verdes luxuriantes sob o sol matutino, espraiavam-se em direção ao sudeste.

- Vovô deve ser rico – exclamou Shaina – Você nunca me falou sobre isto papai.

- À sua moda, sim, creio que ele é rico, embora aqui a riqueza seja de pouca importância. Ele aprecia o que faz, e fá-lo muito bem. Deus o leva à prosperidade.

O rio não carecia de identificação. Ele serpenteava, sereno e reluzente, através de meandros enflorescidos; logo depois, rugia por entre rochas e através de cascatas, tão somente para desaparecer nas espessas florestas e bem mais adiante apresentar-se outra vez. O vale parecia, de fato, apenas um local adequado a essa jóia aquosa, e Shaina esboçou a cena em sua mente, detalhe por detalhe, de modo a poder gravá-la para sempre. O vale não a surpreendeu. Dentro de si mesma, sempre sentira a sua essência.

- Também estou chegando em casa, papai – disse ela quase com reverência, esperando que ele compreendesse.

- Eu sei – respondeu ele, estendendo sua mão à procura da filha. – Você é filha deste lugar. É por esta razão que eu tinha de trazê-la até aqui, sem me importar com o que sua mãe pensasse a respeito. Era minha obrigação fazê-lo.

Sem mais palavras, eles cavalgaram a descida da montanha, mais unidos em espírito do que em qualquer ocasião anterior. Quando a caravana parou diante do acampamento, uma senhora saiu da tenda maior. Com mais de 400 nos de idade e quase tão alta quanto Natã, ela ficou de pé, loira como uma estátua de sol, sorrindo para o filho à moda de boas-vindas. Seus cabelos da cor de trigo maduro possuíam quase a mesma tez que sua pele, e deixavam a face a descoberto, pois fixavam-se num amplo coque logo acima da nuca. Tudo naquela mulher transcendia a saúde e vitalidade, e a isto somava-se um olhar tão pacífico quanto Shaina jamais pudera ver antes numa face humana.

- Natã, meu filho, estivemos esperando sua chagada durante vários dias. Sabíamos que o barro traria você de volta, mais cedo ou mais tarde. Apeie, garoto. Estou precisando de um bom abraço!

Natã desmontou e segurou a mãe nos braços durante longos momentos; e Shaina pôde ver, por sobre os ombros de seu pai, que os negros olhos da avó estavam rasos de lágrimas. Curiosamente ela nunca dantes pensara em seu pai como sendo filho de alguém! Agora pôde reconhecer os fortes laços que existiam entre mãe filho, e compreendeu então que Ona, sua formosa mãe, deveria ter trazido incrível sofrimento a esta mulher dourada de Havillá.

Finalmente Natã volveu-se e, chamando Shaina com um gesto de mão, falou a sua mãe:

- Mamãe, trouxe-lhe uma surpresa. Esta é minha filha, meu tesouro, minha única descendente. Shaina, cumprimente Abigail, sua avó.

A garota deslizou do lombo do cavalo e olho para dentro daqueles olhos agudos e avaliadores, sabendo que a avó a estava "medindo". Ela não vacilou, antes devolveu o gesto através dos olhos verdes-marinho herdados de sua mãe. Abigail por fim apanhou as mãos bronzeadas de Shaina e disse:

- Estas são mãos laboriosas, e não as mãos de uma indolente garota da cidade.

- Shaina é uma jardineira decidida que se recusa ficar sentada à sombra, tecendo roupas finas. Parece-me que sua mãe é mais tolerante com sua atividade na terra do que eu. Estou sempre dizendo que supro tudo que é necessário, e que minha filha não precisa ficar reparando canteiros com o jardineiro, mas Ona responde: "Deixe que ela o faça, se isso a satisfaz." Assim, enquanto as outras garotas se divertem nas piscinas ou riem à toa nos vinhedos, ela fica cuidando das plantas ao lado de Ira, tal qual uma filha de Havillá.

Shaina em prestou atenção às palavras do pai. Sentiu o orgulho de sua voz. O mesmo ocorreu com a mãe dele. Abigail estendeu os braços em torno da neta e abraçou-a com tanta firmeza quanto o fizera com o filho.

- Bem-vinda ao lar, doçura. Sempre temi não ter a oportunidade de pôr os olhos sobre a filha de Natã, mas aqui está você agora, tão adorável quanto um lírio do rio. Jamais permitirei que você a leve de volta, sabe – avisou ela, lançando um olhar inquiridor em direção ao filho. – Nunca tive uma filha, e pode estar certo de que apreciarei ter uma.

- Prometi a Ona que ele voltará conosco – precaveu-se Natã; e Shaina teve a certeza de que o pai rememorava os difíceis momentos que tivera em casa nos últimos dias. – Mas permaneceremos aqui por alguns dias, e isto permitirá que você, mamãe, se familiarize bem com a Shaina.

- Uns poucos dias? Os homens demorarão pelo menos duas semanas para escavar e secar o barro. Depois ainda será necessário carregar as carroças. Que bobagem é esta de "uns poucos dias"?

- Tenho outros planos mamãe, e deles falarei à hora do jantar. Creio que isso será de seu interesse. Onde está papai?

- Ele está trazendo as ovelhas das pastagens que estão junto ao rio. Por que você não vai a cavalo ao seu encontro? Mas tome o cuidado de não espantar as ovelhas.

- Você está falando com um antigo garoto pastor. Você realmente acredita que eu pudesse espantar as ovelhas?

Abigail encolheu os ombros com indiferença.

- Você já está fora há muito tempo. Quem é capaz de saber o que a vida na cidade fez com você?

- Ela tão somente tem feito crescer meu desejo pela simplicidade e paz desta terra. Você nem é capaz de imaginar quanta maldade é praticada noutras partes do mundo!

- As pessoas não temem a Deus? – quis saber Abigail.

O filho resfolegou.

- Deus é apenas uma vítima de sua zombaria e ridículo. Eles riem de Sua face e a cada momento inventam novas formas para exibir a desconsideração que sentem por Sua ira.[5]

- Certamente você O defende, Natã, e fala acerca de Seu amor. – Os olhos da mãe repousaram sobre o filho enquanto ela aguardava sua resposta, mas ele não devolveu o olhar.

- Não, mamãe, eu não o faço – disse ele após uma pausa. – Isto significaria perder meu negócio, minha esposa e talvez até mesmo a vida, e de fato não estou numa situação que me permita sair em defesa de Deus a qualquer custo.

Saia preferiu não ter ouvida a resposta do pai, e que a avó não houvesse feito a pergunta. O pai montou seu cavalo e dirigiu-se abruptamente à estrada.

Entrando na tenda, Abigail começou os preparativos para a ceia, com o auxílio de duas servas. Enquanto ela colocava arroz numa panela, Shaina observava com curiosidade. Ocasionalmente sua mãe servia uma bandeja de bebidas ou frutas, mas o preparo, em si, ficava sempre sob os cuidados das servas.

- Shaina, você poderia colher um pouco de tempero para mim na horta que fica atrás da tenda? – Abigail estendeu-lhe um instrumento cortante e uma cesta. Relutando em admitir sua ignorância, a garota hesitou.

- Temo que eu venha a cortar as folhas erradas, vovó. Sempre ocupei-me tão somente do cultivo de flores.

Abigail deixou a panela a cargo de uma serva e disse à neta que a seguisse. Atrás da tenda entraram numa grande horta, onde havia surpreendente número de vegetais e frutas. A boca de Shaina encheu-se de água tão só mediante caminhar por entre as fileiras cultivadas. Em sua casa os servos compravam todos os alimentos no mercado, e ele nem sabia a respeito dos segredos envolvidos no cultivo de framboesas ou cenouras. Mas sua vocação para a agricultura despertou dentro dela enquanto ouvia atentamente e com encanto as

explicações da avó quanto às necessidades e hábitos das mais variadas plantas. Juntas, encheram a cesta com grandes, onduladas e verdes folhas, e Abigail ergueu a barra de seu avental a fim de colocar nele peras maduras. Gastaram bastante tempo na horta, e foi tão-somente porque as fiéis servas cuidaram do caldeirão sobre o fogo, a ele acrescentando vegetais[6], que a refeição estava pronta quando Natã e Sepp apareceram em meio a uma nuvem de pó, tangendo as ovelhas.

Mais tarde, assentados diante de uma farta mesa, conversaram enquanto o sol desaparecia atrás das montanhas. A comida pareceu maravilhosa a Shaina. O arroz silvestre marrom, enriquecido com cenouras e cebolas da horta de Abigail, estava delicioso. Ela vira enquanto uma serva cortava pequenos pedaços de tempero verde dentro da panela borbulhante, e Abigail lhe explicara que aqueles temperos cresciam num canto especial da horta; no dia seguinte ela lhe mostraria onde ficavam. Havia tanto a aprender em tão poucos dias! Ela mordiscou um escuro e cascudo pedaço de pão de centeio enquanto tentava decidir qual a sua opinião a respeito do leite de cabra. Sepp contemplou-a astutamente e apenas disse:

- Você é bem-vinda a este lugar, filha de Natã. Nenhum abraço. Nem mesmo um toque. Mesmo assim, Shaina sentiu que ele se alegrava com sua presença. Ele era alguém a ser aguardado, saboreado vagarosamente, conquistado.

Enquanto bebiam o suco de peras acompanhado de queijo suave e macio, Abigail volveu-se para o filho:

- Vejamos qual é o seu tão importante plano, que o levará a afastar de mim minha neta antes mesmo que eu a conheça.

Natã parou por um momento, procurando retirar com os dentes as últimas porções de frutas que estavam em torno do caroço, pesando bem suas palavras. Shaina percebeu que ele se sentia tão desconfortável como quando tivera que expor o assunto à esposa, só que por razões muito diferentes. Diante de Ona ele era o puro, sempre acusando-a de indiferença face ao desejo que ele sentia de buscar a Deus. Aqui, ele era o pecador, aquele que se desgarrara, que se havia vendido, que rejeitara a Deus. Ona zombava de seu desejo de conhecer as origens do mundo, ao passo que os que se encontravam à volta dessa mesa não conseguiam compreender sua ambígua lealdade. Seu coração bateu forte em favor do pai. Pela primeira vez ela compreendeu, na qualidade de sua filha, que também ela teria de tomar decisões. O pensamento fê-la sentir-se desconfortável.

-Durante muito tempo tenho desejado conhecer com meus próprios olhos o Jardim do Éden e, se possível, o patriarca Adão. De algumas caravanas que passaram pela cidade, ouvi dizer que ele está envelhecendo rapidamente, e talvez não viva por muito tempo mais. Quem sabe, após sua morte, o grande Deus dos Céus arrebatará o Jardim, e desta forma não mais teremos lembrança de como tudo começou. – Uma insinuação de gracejo mascarava a terrível fome de seu coração.

- Trata-se de uma longa viagem – disse Sepp – e cidades existem onde raramente alguém se atreve a acampar, dentro ou fora de seus muros. Por que não deixar Shaina aqui conosco, se você insiste em ir até lá? Esta não é uma experiência para crianças.

A garota suspendeu a respiração. Ela desejava muito ir, mas não se atrevia a declará-lo perante este gigante homem, ele próprio parecendo mito um patriarca.

Antes que Natã pudesse responder, Abigail falou:

-Irei com você, meu filho, e tomarei conta da garota. Este sempre foi também o meu sonho. Estou inda nos primórdios da vida e não sinto temores. Levaremos conosco uns poucos e fortes servos, dignos de confiança; nossa caravana será, pois, pequena, e assim viajaremos rápido.

Shaina lançou um olhar cauteloso ao avô, procurando ver como ele reagiria à sugestão, porém sua amadurecida face mostrou-se inescrutável.

A sua presença é necessária aqui, mamãe – disse Natã. – Durante o dia existem centenas de tarefas que exigem seu tempo e habilidades, embora Deus saiba que isto removeria um grande fardo de minha mente, e assim, muito agradeço a oferta.

- Deixe-a ir. – A voz do esposo era firme e final. – Ela tem trabalhado arduamente e merece muito bem um descanso.

- Mas se alguma coisa viesse a acontecer-lhe, se eu não a trouxesse de volta a este lugar, jamais seria capaz de perdoar-me.

- Se ela tiver de morrer, será isto manifestação da vontade de Deus, quer seja aqui ou ali; de todos os modos, garanto-lhe que sua mãe não morrerá muito facilmente. – Sepp riu disfarçadamente e repousou a mão sobre a da esposa. – Esta é uma mulher de muitos recursos.

Shaina não conseguiu permanecer quieta por mais tempo.

- Então está tudo acertado? Você irá conosco vovó? Oh, isto é melhor do que eu seria capaz de imaginar. Podemos deixar Fenice aqui. Ela não se sente bem longe da cidade e teme prosseguir viajando.

Abigail sorriu diante do entusiasmo da neta.

-Haverá dias, minha filha, em que você muito gostaria de tê-la ao seu lado. Se não levarmos servas

conosco, você terá de ajudar no preparo da comida e na lavagem das roupas. Aprenderá um pouco a respeita da vida das servas e talvez nunca mais dispense com tanta facilidade a fiel Fenice.

- Desejo pensar cuidadosamente a esse respeito, mamãe. – Natã ergueu-se da mesa. – É suficiente que eu ponha em risco a vida da minha filha, sem colocar a senhora sob perigo.

- Você é incapaz de imaginar quantas vezes suspirei por ver o lugar em que Adão andou em perfeita união com seu Criador e, se esta for a vontade de Deus, de ver o próprio patriarca. Ouvi dizer que eles têm sido ridicularizados, acusados e atormentados ao longo de todos esses anos. Quão grande o preço que tiveram de pagar!

- Quão grande é o preço que todos nós temos pago – disse Shaina docemente, ecoando a amargura sempre manifestada por sua mãe. Suas palavras não escaparam ao ouvido atento de Abigail.

- Andar com Deus é um privilégio que todos nós temos, Shaina, e quando tudo houver passado, esqueceremos o sofrimento e nos lembraremos apenas de quanto isto custou para Ele.[7]

- Não consigo compreender, vovó.

- Tampouco eu. Simplesmente confio nEle. Nosso ancestral Sete, terceiro filho de Adão, viajou por este vale e assim nos ensinou. Ele disse: “Apenas confiem em Deus. Ele ama vocês e prometeu acertar tudo novamente”. De modo que é isto que temos feito, Sepp e eu: simplesmente confiamos nEle. Por vezes, enquanto trabalho na horta, sinto a Sua presença tão perto de mim, que tenho a impressão de poder estender a mão e tocá-Lo.

- Mas se todos somos pecadores, como poderão as coisas mudar algum dia? Como poderá Deus aceitar-nos novamente?

- Sete afirmou que Deus fez uma promessa lá no jardim, no próprio dia em que Eva comeu do fruto proibido, e ainda que ninguém compreenda plenamente a promessa, ela nos traz esperança. Deus jurou que enviará um Libertador.[8] Penso que toda mulher que acredita nessa promessa olha a seu filho primogênito e fica a pensar se, porventura, não será ele o prometido.

- Você pensou isto a respeito de meu pai?

- Ele foi um bebê querido e bom menino. O tipo de filho que toda mãe gostaria de ter, especialmente depois de criar alguns marotos. De todos os meus filhos, Shaina, ele parecia o mais indicado para tornar-se um libertador. Todos eles, os marotos, são agora filhos de Deus, e apenas Natã, meu precioso Natã, anda apartado dEle. – Lágrimas invadiram os olhos de Abigail e ela não conseguiu prosseguir falando.

Shaina inclinou-se e estalou um beijo no brilhante cabelo de sua avó, enquanto esta permanecia sentada à mesa.

- Vamos entrar, pois está ficado frio. E não se entristeça por causa de papai. Certamente ele não estaria fazendo esta peregrinação se houvesse abandonado a Deus. Muitas vezes ele me fala a respeito do Senhor. Existem imagens espalhadas por toda nossa casa, mas papai sempre me ensinou que elas são inúteis pedaços de metal – embora bonitas – e que existe apenas um Deus verdadeiro que mora além dos céus e que conhece nossos pensamentos e almeja receber nosso amor e obediência.

- Você está certa. Uma centelha ainda arde em seu coração. Temos três dias para empreender os preparativos para a viagem, de modo que devemos

trabalhar com afinco. Depois, repousaremos e adoraremos no sábado, iniciando a jornada no primeiro dia.9 Shaina nem mesmo nutria a idéia do que fosso o sábado, mas decidiu que, para aquele dia, já havia feito perguntas em número suficiente.

Quando Abigail se referiu a "trabalho", tinha ela em mente um torvelinho de atividades que ultrapassavam em muito a experiência de Shaina. As duas lavaram roupas e estenderam-nas a secar sobre os arbustos; prepararam pães bem tostados e empacotaram suprimentos de legumes e frutas frescas em vasilhas feitas com pele de cabra. Shaina arrancou e lavou vegetais de raízes e amarrou cevada em pequenos saquinhos.

Aproximando-se o entardecer do sexto dia, os preparativos cessaram completamente, o no momento em que o Sol se achava acima da linha do horizonte, como se fosse um dos damascos de Abigail, todo o clã reunira-se ao redor das mesas, por entre as árvores frutíferas, tendo diante de si uma refeição simples.10 Durante os poucos dias passados, Shaina encontrara ocasionalmente um tio ou um primo, mas sua preocupação com a viagem fora tamanha, que nem mesmo tivera tempo para relacionar-se com os parentes. Agora todos estavam reunidos aqui, bem mais de 400 em número, manifestando um estado de espírito que ela situaria entre a comemoração e a adoração. Shaina, sentada ao lado de Natã, sentiu que todos esperavam por alguma coisa. Quando a última criança se acomodou, Sepp pôs-se em pé. Esperou mais um pouco até que todo ruído cessasse. Então ele falou aos homens, mulheres, crianças e servos assentados em sua presença.

"Chegou mais um sábado. Deus seja louvado por Sua bondade e proteção. Pela chegada de Natã em segurança. E pelo Prometido". Ainda maior que seu pai, o avô mais

parecia um gigante em meio a seus familiares e amigos; ainda assim, ela percebeu uma reverente humildade em seu avô.

- Que é sábado? – cochichou ela em direção ao pai; mas este, colocando o dedo sobre os lábios, advertiu-a de que deveria permanecer em silêncio. Não percebera até então a pilha de pedras cuidadosamente arranjadas, ao lado de seu avô. Sua mente fervilhava de perguntas. Subitamente um servo apanhou um gracioso cordeiro e colocou-o nas mãos de Sepp; ato contínuo, com um hábil golpe, o avô matou-o. Tudo acontecera tão rápido que a garota apenas conseguiu respirar nervosamente, horrorizada. Nem mesmo foi capaz de soltar um grito. Teria o avô enlouquecido? Com olhos suplicantes buscou uma resposta de papai, mas seus lábios apenas sussurraram a palavra *espere*.

Com as mãos ainda escorrendo sangue, Sepp colocou o cordeiro sobre o altar de pedras e ateou-lhe fogo mediante o uso de uma tocha que um servo segurava, solícito. O odor de carne queimada espalhou-se por entre as mesas, e Shaina pensou que iria sentir náuseas. Seu avô inclinou a enorme cabeça e orou, mas ela mal conseguiu pensar nas palavras que iam sendo pronunciadas – embora tivesse certeza de que ele pronunciara uma vez mais o Prometido. Mesmo depois que ele terminara sua oração, todos continuaram com a cabeça inclinada, orando silenciosamente. Apenas aos poucos a conversação sussurrada voltou a ocorrer entre eles.[11]

Enquanto comiam, ela cochichou ao pai:

- Por que ele fez aquilo? Foi terrível. Estragou tudo de bom que ocorreu durante estes dias. Por que todas as pessoas parecem tão à vontade, como se não tivessem mais nada para fazer na Terra?

Natã suspirou, percebendo agora que deveria ter preparado a filha.

- Shaina, tudo isso possui profundo significado, mas não é o momento de discutir o que está ocorrendo. Enquanto estivermos viajando em direção ao Éden, sua avó responderá as perguntas que você tiver. A partir deste momento, até amanhã à noite, nenhum trabalho será feito neste lugar. O tempo será reservado à adoração a Deus, à comunhão com Ele. Este é o Seu mandamento.[12] Mais tarde falaremos ainda a esse respeito. Agora meu bem, com e deixe os pensamentos desagradáveis. – Natã enterrou os fortes e avos dentes numa maça, cujo suco espirrou num esguicho fino. Shaina percebeu que nessa noite não haveria mais respostas.

Durante seis dias eles haviam viajado através da espessa floresta, havendo há muito deixado para trás as pradarias de Havillá. Sepp decidira que seria excessivamente perigoso que tomassem a estrada que passava pelas cidades, nas planícies. Nestas os homens espreitavam o corpo e os bens dos viajantes, e raras eram as caravanas que cruzavam sem registrar perda de vidas ou de bens. Em vez de seguir por esse caminho ele esboçou em sua esplêndida memória uma trilha que cruzava pelas montanhas, e que fora utilizada há muitos anos por seus antepassados. Enviou com eles Rúben, seu melhor batedor. Mesmo assim, aquela viagem representariam um desafio, e agora Natã e Rúben viajavam sempre à frente, atentos, pesquisando a floresta com olhos perscrutadores e cautelosos. Abigail e Shaina vinham logo depois, e após elas seguiam quatro servos, fortes e grandes como carvalhos, a fim de protegê-las. Uns poucos animais de carga, abarrotados de suprimentos, completavam a caravana.

-Somente oito de nós contra todo o perigo. – dissera Shaina ao montar seu animal na manhã da partida.

- Nove – corrigiu Abigail. – Deus vai à frente e em nosso meio. Jamais esqueça isto.

Todo clã se reunira em torno deles, e Sepp orara fervorosamente em favor de sua segurança e do êxito de sua missão.

Agora, as enormes árvores haviam cedido lugar pelo menos a algumas clareiras, eles acompanharam as arenosas praias de um comprido lago. Raios solares tremeluziam através das águas límpidas e esverdeadas, indo refletir-se em seixos de ouro muito abaixo. Shaina implorou ao pai que montassem acampamento nesse lugar de luz e maravilhas. Eles haviam mantido um passo acelerado, de modo que Natã, sabendo que sua mãe necessitava de tempo para os preparativos sabáticos, ordenou a parada. Um grande e gracioso leão apareceu andando a passos largos ao longo da praia, mas a fera desviou-se deles e penetrou por entre os arbustos. Natã, enquanto erguia a pequena tenda ocupada por Shaina e Abigail, percebeu o temor no olhar da filha.

- Aqui, onde os homens raramente aparecem, os animais simplesmente mantém distância. Somente nos lugares onde eles foram caçados e mortos, é que eles se tornam perigosos.

Depois de haverem todos desfrutado de um refrescante banho a nado, os homens estiraram-se sobre a areia, deixando que o Sol aquecesse seus cansados corpos. Shaina e Abigail sentaram-se sobre uma rocha achatada, balançando os pés na água e tentando identificar as flores exóticas que cresciam ao redor. Fazendo girar uma felpuda flor amarela numa das mãos, a garota reuniu a coragem necessária e deixou escapar:

- Por que vovô queimou o cordeiro?

A mulher sorriu enquanto os raios do sol iluminavam suas feições coradas e fortes.

- Pensei que seu pai houvesse lhe explicado. É sem dúvida um ato estranho para aqueles que não lhe conhecem o significado.

Lembre-se que lhe falei do Prometido. Pois bem, Sete nos disse: "Ele terá de morrer. Terá de derramar Seu sangue em favor de nossos pecados." Tudo isto é um grande mistério, mas Deus quer que o levemos a sério a fim de termos consciência do terrível preço do pecado; portanto , instruiu-nos a matarmos um cordeiro perfeito, que representa *Aquele que deverá morrer;* assim, queimamos o cordeiro sobre o altar. Cada vez que participamos da cerimônia, tomamos consciência de que nossos pecados é que ocasionam a morte do inocente cordeiro e – ainda muito pior – causarão a morte dAquele que há de vir.[13]

Seu avô oferece um cordeiro em favor de nosso acampamento ao pôr-do-sol de cada sexta-feira, quando inicia o sábado.[14] Embora eu já o tenha visto fazer isto centenas de vezes, meu coração ainda queda silente diante do solene ato e de seu significado.

- Será que a morte do cordeiro sacrificado por vovô também cobre meus pecados, ou apenas os de vocês, os seguidores de Deus?

- Quando vier o Prometido, Shaina, Ele morrerá por todos. Alguns aceitarão Seu sacrifício, ao passo que outros zombarão e O negarão. Se você crer e obedecer, o sacrifício será também em seu favor.[15]

- Quero fazer-lhe outra pergunta, vovó. – Shaina fundou vagarosamente os pés na água clara e morna. – Não compreendo bem o sábado. Em que sentido é o sétimo dia diferente de todos os demais?

- Seu pai não lhe falou nada? Em seu lar não existe a reverência do sábado? – Abigail contemplou a neta, e seu olhar denotava completa perplexidade.

Apercebendo-se da dor que causara à avó, a garota sacudiu a cabeça.

Abigail suspirou profundamente.

- Quando Deus terminou a criação da Terra, querida – toda esta beleza que temos diante de nós – apreciou muito a obra de Suas mãos. Exatamente do modo como você e eu olhamos nossa horta ou jardim depois de um dia de atividade e nos sentimos contentes. Ele havia gasto seis dias em Sua extraordinária atividade, de modo que declarou ser o sétimo dia um período de regozijo e repouso. A oportunidade de desfrutar Suas novas obras criadas e para alegrar-Se. Deus chamou o sétimo dia de sábado e deixou uma regra bem simples – que todos nós devemos repousar e alegrar-nos nesse dia. Nada de trabalhos. Apenas comunhão com Ele.[16]

- Isto é muito lindo. Muito lindo – disse Shaina em voz baixa – Oh, quanto eu gostaria de haver conhecido tudo antes. Por que papai nunca me falou sobre isto?

A avó tomou a mão da garota e ali permaneceram sentadas no ensolarado silêncio, satisfeitas com a nova proximidade que sentiam entre si; por fim Abigail ergueu-se e pediu a um dos servos que preparasse o fogo.

- Devemos cozinhar algo para amanhã, Shaina, e celebraremos o sábado aqui, neste maravilhoso lugar. Chego apensar que o Éden não poderia ser mais belo.

Mais tarde, junto ao fogo que mal apagava a escuridão, Shaina perguntou ao pai:

- Por que você nunca me falou sobre o sábado e a forma de observá-lo?

O pai sorriu amargamente.

- Sua mãe não tem paciência com tais atos de adoração, e suas sagradas imagens bateriam com violência suas cabeças umas contra as outras diante do simples pensamento da presença de Deus em nossa casa. São dois mundos completamente separados, minha pequena, e ao casar com sua mãe eu fiz a minha escolha. Trouxe você até aqui para que também possa fazer a sua.

As palavras do pai fizeram brotar dentro dela, uma vez mais, aquele importuno sentimento de mal-estar.

Duas semanas mais tarde a pequena caravana seguiu um grande e voraz curso d'água que se apartava das montanhas e adentrava o vale do Éden. Eles haviam cautelosamente contornado uma área habitada por *gigantes*,[17] perderam a trilha durante três dias e viram estranhas e gigantescas bestas que poderiam havê-los apanhado facilmente no coração da floresta, se assim o desejassem. Os homens deram vivas ao deixarem a floresta para trás.

- Em vez de fazer todo esse barulho, Natã, seria bem melhor se agradecêssemos ao Deus do Céu por nos haver trazido em segurança ao nosso destino. – Abigail repreendeu o filho enquanto cavalgava ao seu lado.

- Você está certa, mamãe.

- Natã reuniu o pequeno grupo em torno de si e então orou calmamente na verde encosta da montanha, enquanto os cavalos tinham o pasto de agradável odor à altura dos joelhos. A partir do ponto em que a margem das montanhas se encurvava para baixo, em direção ao vale, grandes penhascos brancos davam forma de copo a uma extensão de terra, ocultando-a completamente da vista.

- Ali – disse Rúben reverentemente – está o Jardim.

- É enorme. – Shaina ouviu a surpresa da voz da avó. – Sempre o imaginei como tendo aproximadamente a extensão de nossas terras, em volta de casa.

- Dizem que são necessários três dias de caminhada para percorrer toda a sua extensão. E em todos os pontos os penhascos impedem a entrada, exceto nos portões. Em minha infância papai contou-me muitas coisas a respeito deste vale. – Os olhos de Rúben acompanharam as brancas paredes. – Jamais sonhei que chegaria a vê-lo com meus próprios olhos!

- Tampouco eu – Abigail fez coro com a voz suave.

Um grande acampamento, cerca de uns dois ou três quilômetros adiante, estendia-se em direção às montanhas de outra região elevada, e Shaina adivinhou que aquele era o lar do patriarca Adão, o pai de todos eles. Fizeram a refeição na encosta da montanha, saboreando o momento, mal se dando conta dos grãos tostados e figos que consumiam. Cada viajor achava-se ocupado em seus próprios pensamentos, de modo que as palavras eram escassas.

Quando, afinal, o grupo se pôs em movimento, Shaina cavalgou ao lado do pai, desejando compartilhar com ele daquela experiência. Acompanharam os penhascos por várias horas, chegando finalmente a uma trilha que conduzia ao fundo do vale. No crescente crepúsculo uma estranha luz bruxuleava sobre o empoeirado caminho, embora o sol há bastante tempo já houvesse mergulhado trás das árvores.

- Que é isto? – Shaina perguntou constrangida, mas ninguém respondeu, pois que nenhum membro do grupo sabia a resposta. Somente quando alcançaram o nível do solo, ao pé do penhasco, é que puderam ver, justamente adiante deles, a mais extraordinária vista que qualquer um poderia imaginar. Diante da entrada do Éden dois seres achavam-se em pé – eram espantosamente grandes e belos.18 Suas asas formavam um arco sobre determinado ponto entre ambos. Dali procedia uma luz

faiscante e viva, sendo a própria glória de Deus; assemelhava-se a compridos dedos de fogo vermelho-ouro que atravessavam o escuro céu, a terra ensombreada e os trementes corações do pequeno grupo de Natã. Todos apearam de suas cavalgaduras e caíram em terra, prostrados pelo terror. Coisa alguma os havia preparado para aquela vista. Porventura estaria Deus irado com a presença deles? Estariam eles violando espaço sagrado? Morreriam todos? Com toda aquela glória irradiando sobre ela, com seus mais íntimos pensamentos sendo expostos, Shaina subitamente recuou do egoísmo que sentira ali. Todas as palavras petulantes ou desonestas que alguma vez proferira, agora ecoavam em sua memória. Pela primeira vez percebeu todo o erro de que era capaz. Ela era o próprio pecado. Durante um período que lhe pareceu a eternidade ela chorou sobre o solo do vale do Éden, até sentir uma mão sobre o ombro, e esta gentilmente a ergueu, afastando-a da Luz. – A voz fez com que os outros também se erguessem e os conduziu – tropeçando como se cegos fossem – a alguma distância dos anjos e daquela glória que queimava a própria alma.

- Que é isto? – Shaina colocou novamente a pergunta que fizera antes, no caminho.

- É a presença de Deus guardando o portão – declarou a mulher calmamente, como se já houvesse respondido a mesma pergunta milhares de vezes. Somente então Shaina contemplou-a e percebeu instantaneamente que se tratava de Eva, a mãe da humanidade – ou a traidora da humanidade, conforme Ona preferia chamá-la. Shaina havia imaginado uma anciã encarquilhada e cheia de rugas. Viu, porém, diante de si uma face em que a idade parecera não haver exercido efeitos: sua beleza era extraordinária, sua tristeza faria quebrantar qualquer coração, e ao mesmo tempo uma

incandescente e firme paz irradiava de seu ser. A garota sentiu que poderia ficar a contemplá-la para sempre.

Natã falou com aquele seu modo gentil:

- Muito obrigado por ter vindo até a nós. É uma experiência amedrontadora cambalear sob este esplendor. Você deve ser Eva. Viajamos muitos e muitos quilômetros para ver o jardim e nos encontrarmos com você e Adão. De modo nenhum pretendíamos causar-lhe transtornos.

Eva sorriu, e o som produzido foi argênteo, tal como o murmúrio de uma pequena cascata à luz da Lua.

- Vocês são capazes de imaginar quantas pessoas amedrontadas nós removemos daqui? Não são muitas. Os zombadores acham-se todos muito ocupados com seus esquemas satânicos, e os adoradores têm-se tornado poucos. Sintam-se à vontade para passar a noite em qualquer lugar do vale. Aqui vocês estão em segurança. Eu lhes trouxe comida.

Assim dizendo depositou um pão ainda morno nas mãos de Abigail e uma tigela de guisado de lentilhas nas de Shaina.

- Adão e eu os observávamos enquanto, à tardinha, vocês margeavam os muros do Jardim.

Antes que o grupo pudesse expressar seu agradecimento, ela havia desaparecido na escuridão. Quase sem palavras, eles acamparam e comeram, como se aquela sagrada Luz os houvesse deixado mudos. Mesmo agora ela faiscava e penetrava pelas paredes da barraca de Shaina, a despeito de se encontrarem eles a alguma distância da entrada do Éden.

- Vovó – sussurrou ela suavemente – este é um lugar sagrado. – Mas Abigail já dormia, de modo que não houve resposta. Shaina escapuliu em silêncio da tenda e ajoelhou-se, rosto voltado para a Luz. Não seria capaz de

explicar por que o fazia, e ainda no dia anterior o simples pensamento de assim proceder tê-la ia surpreendido. Agora, porém, parecia a única coisa correta de se fazer. As palavras brotaram de seus lábios. “Ó Deus Altíssimo”, disse ela, “sou uma pecadora – compreendo-o agora. Compartilho da rebelião de toda raça humana. Creio, porém, no Prometido. Sei que, de alguma forma, falarás comigo. Mostra-me qual a Tua vontade em relação a mim.”

* * *

Quando o sol matutino banhou o vale, estendendo-se por sobre as pastagens e campos das vastas propriedades de Adão e Sete, a Luz pareceu menos ameaçadora. Logo depois do desjejum, Shaina insistiu em visitar Adão no acampamento.

- Você não pode simplesmente querer ir vê-los, como se fossem curiosidades, meu bem – advertiu Natã – Será um pouco deselegante ali comparecer, a menos que eles convidem.

Mas ele suplicou de modo tão ardente que o pai sucumbiu, de modo que ela foi sozinha em direção aos sons de balidos de ovelhas e vozes humanas que se misturavam. Alcançou um caminho margeado de arbustos e brilhantes moitas de flores escarlata, obviamente todos muito bem cultivados. Enquanto seus olhos se deleitavam na beleza do conjunto, uma figura humana dela se aproximou.

- Então você as aprecia? São as favoritas de Adão – disse a mulher, denotando evidente regozijo na voz.

Surpresa, Shaina contemplou novamente aquela face de beleza jamais igualada, onde a bondade era calorosa, e

que, neste instante, revelava uma pontinha de humor. Antes que a garota pudesse responder, Eva prosseguiu.

- Imaginei que você viria cedo, de modo que saí para encontrá-la. Você possui a impaciência característica da juventude e – pude senti-lo – um coração que muito anela por Deus. Venha, quero mostrar-lhe os jardins de Adão. Meu esposo quer ansiosamente encontrá-la. De todos os modos, ele já não se dirige aos campos com tanta frequência. Existem pessoas mais jovens para fazê-lo. Mas ele ama intensamente as flores.

- Não sou capaz de acreditar que estou aqui, com vocês. – A garota contemplou sua companheira com profundo respeito.

- Lembre-se, Shaina – pois não é assim que seu pai a chama? – Adão e eu somos pecadores e necessitamos do sangue do Prometido. De fato, somos os principais dentre os pecadores, pois nós andamos e conversamos pessoalmente com Deus, e ainda assim duvidamos dEle. Eu, pelo menos, assim procedi. Não me olhe com admiração. Gostaria que você compreendesse, antes de ir-se deste lugar, a tragédia que aqui ocorreu.

Elas deixaram o caminho ensombreado e adentraram aos mais extraordinários jardins jamais vistos pelos olhos de Shaina. Rosas, habilidosamente podadas e cultivadas, floresciam em toda parte contra o pano de fundo de arbustos intensamente lustrosos e eternamente verdes. Áreas de grama verde e macia acrescentavam à profusão de cores, e fontes jorravam para dentro das claras piscinas. Shaina tomou fôlego e reteve a respiração. Ela sentia um forte e impossível desejo de que Ira estivesse agora a seu lado a fim de testemunhar igualmente dessas indescritíveis maravilhas.

Uma vigorosa voz proveio daquela massa de homem, muito maior que Sepp, seu avô:

- Você ama a beleza. Isso está escrito em sua face, minha filha. Muito bem-vinda. Vou mostrar-lhe os arredores.

Sou sua filha, pensou Shaina, maravilhada. *Carne de sua carne e ossos dos seus ossos*. Impulsivamente ela encostou sua face no vigoroso braço de Adão, e ele devolveu-lhe o gesto com um deleitoso sorriso e um forte abraço. Ele não parecia tão idoso, mas seus passos eram lentos e calculados – e ela bem sabia que o passado eles haviam sido rápidos e seguros. À medida que ele lhes explicava sobre os hábitos e necessidades de cada planta, ela não percebeu na voz do grande homem nenhuma indicação de idade – apenas interesse e entusiasmo.

- Você reproduziu aqui o jardim e toda a sua glória, não é verdade? – perguntou Shaina ansiosamente, por fim.

- Oh, filha – falou Adão rapidamente, como que para desfazer sem demora o erro de avaliação da garota – você está enganada. É bem verdade que tentei fazê-lo, mas diante de ervas daninhas e insetos destruindo estas plantas, não há ponto de comparação. Lembre-se também – e em sua face apareceu um esboço de sorriso amargo – que foi Deus quem criou *aquele* jardim. O homem jamais será capaz de produzir outro igual.[19]

Sentaram-se num banco junto a uma das piscinas, onde touceiras de brancas íris se encontravam acima de seu próprio reflexo na água. Uma borboleta, púrpura e azul, tão grande quanto a imensa mão do idoso homem, esvoejava de flor em flor. Uma pergunta arda na mente de Shaina, e coisa alguma seria capaz de restringir sua curiosidade.

- Ontem à noite, quando eu estava deitada diante da Luz, tive profundo senso de toda minha – como você a chamaria? – Sim, pecaminosidade. Foi algo terrível.

Senti-me impura e imperfeita diante daquela Luz – como se estivesse na presença de Deus. Senti a minha total incapacidade de algum dia chegar a ser suficientemente pura como para andar com Ele, na qualidade de Sua amiga, tal como vocês dois fizeram no Éden.[20] Mesmo que o Prometido venha e morra, de que maneira poderemos tornar-nos puros, e assim aparecermos como dignos de Sua presença?

- Nós próprios não entendemos isto perfeitamente bem, Shaina – respondeu Adão pensativamente. – Em algum grau, os caminhos de Deus sempre nos serão misteriosos, mas tudo indica que o sangue do Prometido pagará o débito.[21] Sempre que houver pecado, faz-se necessária a morte.[22] Morte eterna, uma terrível e total separação de Deus. O Prometido experimentará essa morte em nosso lugar. Entretanto, se Lhe permitirmos, Ele fará ainda mais por nós. Ele se tornará parte de nossa própria carne e natureza, até que Sua pureza se torne a nossa pureza, e assim mais uma vez seremos limpos.[23] Este processo de modo algum é fácil e requer cooperação e submissão de nossa parte, assim como uma espécie de fome – um profundo anelo – por Ele. A experiência é longa e dolorosa e ao mesmo tempo cheia de deleite. Num só momento de fraqueza poderemos lançar fora todo progresso feito anteriormente, mas vez por outra poderemos colocar-nos, vencidos e desesperados, em Suas mãos, suplicando por misericórdia. Você é corajosa, suficientemente corajosa para isto, minha filha?

- Não sei – admitiu Shaina honestamente. – Minha mãe é uma adoradora de imagens e meu pai – bem, meu ai crê no Deus verdadeiro, mas não é suficientemente corajoso.

- Oraremos por você – assegurou Eva amavelmente enquanto fazia repousar sua mão sobre o ombro de

Shaina. – Sempre que oferecermos o sacrifício na presença da Luz, oraremos por você.

Mais tarde, conduziu novamente todo o grupo na visita aos jardins e escavou bulbos que Shaina e Abigail poderiam levar para suas casas. À tarde sentaram-se em volta da mesa abastecida com as generosidades dos campos de Adão e das provisões de Abigail. Esta havia guardado cuidadosamente as frutas secas e nozes que embrulhara como presente. Enquanto comiam, Adão falou dos primeiros anos que haviam experimentado, logo após a sua saída do Jardim. Não possuíam ferramentas e nem experiência, e fora tão-somente através de tentativa e erro que haviam logrado domar o solo hostil.[24]

- E isso não foi tudo – acrescentou Eva, recorrendo à memória. – Tivemos de enfrentar os insultos de outros, nossa carne e sangue, e sua ira diante de nosso fracasso. Nosso filhos e netos nos ridicularizavam e ameaçavam. Por vezes tememos pelo que pudesse acontecer a nossas vidas. Eles odiavam a Deus. Talvez tenha sido por isso que começaram a adorar os ídolos construídos por sua própria imaginação – deuses aos quais nem odiavam nem temiam.

- Tudo isso ainda não foi o pior – disse Adão calmamente. – A morte de Abel, isto foi o pior, mas ela não é capaz de falar sobre isto.[25]

Todas essas centenas de anos, pensou Shaina enquanto examinava de soslaio os espantados olhos de Eva, *e a dor ainda se conserva bem vívida em sua mente. Talvez a pessoa jamais se recupere do primeiro encontro com a morte*.

- Mas estamos aqui falando de tristezas, quando existem tantas outras coisas com as quais podemos nos regozijar. – Adão conduziu alegremente a conversa rumo à preciosa promessa divina de um Libertador. “Não

importa quanto tenhamos de esperar, Ele *virá*. Lembrem-se disto, meus amigos, depois que eu estiver repousando na boa terra. Não temo o fim. Temos conhecido terrível dor o longo desses anos, ao vermos a morte invadir nosso planeta. O pecado engolfou nossos filhos e os filhos de nossos filhos, e temos bebido o copo de culpa até suas mais amargas gotas. Vez após outra, temos suplicado a nossos descendentes que se humilhem diante de Deus, tão somente para vê-los zombarem diante de nossa face e nos lançarem acusações. Não, a morte não nos enche de medo. Estou falando a verdade, querida?

Eva, sorrindo melancolicamente em direção ao esposo, tomou-lhe a mão e concordou com a cabeça.

Shaina entendeu então que nenhum jardim, não importava quão belo, seria capaz algum dia de apagar a agonia que eles haviam suportado, e nesse momento seu próprio coração sentiu dor profunda em simpatia por seus ancestrais.

- Temos procurado ajudar nossos descendentes a compreenderem – explicou Eva com um triste sussurro – que a tristeza de Deus é ainda muito maior que a nossa.

- Poderiam você imaginar – prosseguiu ela enquanto seus olhos se iluminavam – o que significava estar com Ele, descobri-Lo subitamente ao seu lado durante a tarde, sentir o poder de Sua presença ardendo no fundo de sua alma antes mesmo que Ele pudesse ser visto? Ele Se sentia muito feliz diante de nosso contentamento ao descobrirmos cada nova maravilha de Sua criação. Volvendo-me por vezes para a Sua face, fui capaz de captar a pura satisfação de Seus olhos enquanto nos contemplava, e isto me fazia segura, amada e contente.

Sei quanta dor Lhe tenho causado durante todos esses anos. – A vos de Eva falhou. – E o preço que isto Lhe causará. Sinto falta dEle. Sempre sinto-Lhe grande falta.

E ouvir enquanto Ele é amaldiçoado e zombado, meu Precioso Amigo, por aqueles que são minha própria carne e sangue – isto quase ultrapassa aquilo que posso suportar.

- Uns poucos têm atendido nossas palavras – confortou Adão, colocando o braço em torno dela; em sua face, porém, Shaina pôde vislumbrar tanta dor que jamais testemunhara num rosto humano. – O homem nascido em pecado não encontra prazer nas coisas de Deus. Requer-se uma longa e miraculosa conversão para trazê-lo uma vez mais de volta a seu Criador, e poucos estarão dispostos a submeter-se a esse processo, já que é muito mais fácil desfrutar das recompensas terrestres e satisfazer todos os impulsos. E sobre nós dois repousa o fardo deste conhecimento – a sordidez do homem, sua crueldade, sua ganância. Tudo isto é o nosso legado àqueles para os quais Deus tinha tão grandes planos.

Natã apanhou a harpa suavemente, em meio à escuridão e com a Luz lançando alguns raios sobre a mesa e sobre os solenes rostos que lhe estavam à volta, arrancou de suas cordas aquela triste e estranha melodia. Para surpresa de todos, Eva começou a cantar – e a história de perda e sofrimento fluiu sem qualquer esforço de seus lábios. Sua voz clara e doce – ainda que tremendo aqui e ali – combinou com a música qual uma grinalda de flores. Quando Natã colocou de lado sua harpa, restava apenas o som de pranto, e Shaina não teve dúvida de que Eva era a própria fonte de onde emanara aquela canção.

Capítulo 3

O Pregador

Shaina, mergulhada em pensamentos, escavou cuidadosamente em torno dos brotos de narcisos silvestres. *Como é lindo e suave amarelo contrastando com a rocha cinzenta*, pensou ela. Durante doze anos ela estivera a cultivar as plantas trazidas do Vale do Éden, e sempre que estas desabrochavam em novas flores, ela renovava seus votos de lealdade ao Deus de Adão. Esse pequeno jardim isolado havia-se convertido no seu retiro quando o mundo, aos berros, ridicularizava sua lealdade e criticava sua simples fé. A princípio ela nutrira a esperança de que seu pai se uniria a ela na adoração a Deus sábado após sábado, mas depois de haverem retornado do Éden ele parecera preocupado, raramente tomando consciência do novo regozijo que ela descobrira. Ona de modo algum tentava disfarçar sua zombaria e, não fosse a presença do jardineiro Ira, Shaina teria enfrentado a solidão ainda mais severa. Entretanto, à medida que trabalhavam nos jardins, ela contara ao amigo acerca da firme fé e esperança de seus avós e das experiências vividas no Vale do Éden. Ira confidenciou que ele sempre crera, embora não soubesse exatamente como adorar a Deus. Juntos oraram e comprometeram-se a aguardar pacientemente pelo Prometido.

Algo aconteceu, entretanto, e que perturbou o invariável ritmo dos dias de Shaina. À porta da casa de seus pais chegara um estranho – um primo da terra do rio Havillá, homem robusto e possuidor de graciosa

coloração amarelo-tostada do povo do pai da moça. Sendo fabricante de instrumentos musicais, era plano do rapaz estabelecer seu negócio na cidade. Natã, contente por ter agira um parente próximo junto a si, insistiu em que o moço permanecesse com eles até que se estabelecesse bem. Deste modo, Ben tornou-se membro da comunidade familiar, e desde o primeiro dia Shaina sentiu que os olhos do rapaz a acompanhavam, admirados, por onde quer que ela fosse.

Ira, no momento em que podava uma impetuosa sempre-viva que se espalhava profusamente por sobre a parede rochosa, perguntou:

- O jovem que chegou, ele obviamente considera você encantadora. O que você pensa a respeito?

Enrubescendo, Shaina impeliu sua ferramenta em direção ao solo com mais força que o necessário.

- Sou muito inexperiente nesse tipo de coisa. Pelo fato de serem criaturas profanas e violentas, que nada sabem a respeito de Deus, sempre ignorei os jovens que mamãe trouxe até nossa casa. Prefiro permanecer solteira até o fim da vida do que casar-me com um deles e ter de prostrar-me diante de sues horrorosos ídolos. Mas este homem de Havillá, por certo ele adora o Deus verdadeiro. Ele cresceu nos campos de Sepp. Como poderia ser de outra forma?

- E você, o considera interessante? – inquiriu o velho jardineiro.

- Bem – replicou a jovem, erguendo timidamente os olhos do pequeno canteiro de flores – sinto-me absolutamente incapaz de proferir palavras em sua presença, e meu coração salta do peito à semelhança de um acrobata do mercado.

Ira riu gostosamente e prosseguiu com seu trabalho, percebendo que a jovem mais sonhava acordada do que semeava plantas.

Naquela tarde, enquanto a família se punha à vontade na sala de obras de arte, em torno de uma fogueira aberta que se preparara como refúgio contra o frio ar da primavera, Ona falou, envolvida por um grosso cobertor de peles que compartilhava com Natã:

- Creio que devemos preparar uma festa em homenagem a Ben, apresentando-o às demais pessoas da cidade. Sua vida necessita de algo mais, além do trabalho e das calmas tardinhas que passa aqui conosco.

Ela sorriu em direção ao vigoroso homem que ainda revelava alguns traços de sua herança natal.

Shaina ficou a interrogar-se se porventura o rapaz lembraria à sua mãe o próprio Natã, quando este chegara à cidade, muitos anos antes, ainda bronzeado e barbudo, proveniente do escondido vale de Havillá.

- Teremos festas e danças, e esta sala se encherá de risos e música, e tratarei esquecer que não sou mais uma garota. – Os olhos de Ona lampejaram à luz do fogo. – O que você tem a dizer sobre isso, Ben? Não lhe parece que isto tornaria mais brilhante a sua vida?

O jovem barbudo ergue os olhos do instrumento que dedilhava e sorriu, apresentando os alvos dentes que interromperam o contínuo da pele e cabelo marrom-dourados.

- Você faz com que a idéia pareça muito excitante, Ona. Mas a verdade é que não sei dançar.

- Você toma um pouco de vinho e se torna tão proficiente quanto os demais – disse Natã obliquamente. – De todos os modos, são as mulheres que melhor se adaptam à dança.

- Eu me sentiria honrado em conhecer seus amigos. – Ben arrastou os dedos ao longo das cordas, manifestando uma expressão carrancuda ao se concentrar. – Shaina, o que você tem a dizer sobre isto?

- Ela não aprecia nossas diversões – respondeu a mãe em lugar da filha. – Pensa que somos todos um bando de ateus.

Ona sempre fazia com que a moça se sentisse desajeitada e, nessa noite, tendo sobre si os olhos de Ben, mais que nunca ela tateou em busca de palavras.

- Não estou certa de que você viesse a apreciar o tipo de comemorações que se praticam aqui na cidade, Ben, embora minha mãe tenha tão-somente a felicidade de você em seu coração. Sim, é verdade que eu não gosto desses divertimentos. – Seus olhos verdes-marinho eram sérios e intensos, e ela parecia um tanto constrangida dentro de seu vestido simples, tendo os cabelos cor de cobre espalhados sobre os ombros.

- Mas você participará para agradar-me? – Ben contemplou-a com olhos joviais e audaciosos e no coração de Shaina começou novamente aquele saltitar estouvado.

Zombeteiramente a mulher mais velha interrompeu uma vez mais.

- Ben, você jamais a seduzirá, pois a festa ocorrerá na tarde e na manhã do dia sétimo, e Shaina de modo algum colocará seus sagrados pés em nosso turbulento ambiente durante aquelas suas horas santas.

Natã repousou a mão sobre o braço da esposa.

- Por bondade, Ona. Chega. Shaina tem o direito de conservar suas convicções.

- Ela estava muito bem até que você a arrastou ao Éden. Depois disso, ela retornou mais parecendo filha de Abigail do que minha. E os anos em nada têm contribuído. Apresente-me qualquer outra garota de 27 anos de idade

que despreza a dança e a companhia de outros jovens. Em breve contratarei seu casamento com o filho de Zimri, e assim ela será forçada a assumir seu lugar na vida social da cidade e a deixar estes modos de campesina, nos jardins, ao lado de Ira.

O coração de Shaina quase parou. Ela conhecia bem o filho de Zimri, um elegante e rico vigarista, doo de olhos cruéis.

Natã falou, e em sua voz havia uma impetuosidade que a filha jamais ouvira antes.

- Nossa filha jamais será noiva de alguém contra a sua vontade, Ona.

Bem ergueu-se do banco e acenou a Shaina para que ela o acompanhasse. Ele tomou o longo cachecol de lã da moça e acomodou-o sobre os ombros dela enquanto entravam nos jardins.

- Lamento haver-lhe causado esse transtorno. Parece que estão se manifestando algumas emoções fortes por lá. De minha parte, não esperava encontrar aqui alguém que conservasse o velho estilo de vida. Lembro-me da ocasião em que você visitou Havillá. Pensei que você fosse a mais bonita garota jamais vista por mim, e agora, sendo você uma mulher, sua graça é ainda muito maior.

- Obrigada Ben. Havia tantos primos durante aqueles breves dias que passei com nossos avós que não tive tempo de destacar você dentre os demais, mas apreciou muito a sua presença conosco. Conforme você pôde ver, minha mãe se impacienta diante de minhas crenças, mas eu a amo profundamente, e tenho certeza de que ela também me ama. Ela não compreende minha necessidade quanto a sentir o Deus de Adão. O que você pretende fazer face aos planos de mamãe para sexta-feira à noite?

- Pretendo comparecer – disse Ben claramente.

- Você não santifica as horas do sábado? Você não viu o cordeiro sendo queimado sobre o altar, e por acaso você não percebe o solene significado da cerimônia? Você não deseja encontrar-se com Deus e com Ele comungar durante as horas em que Se coloca à nossa disposição de modo especial? Creia-me Ben, a festa de mamãe de modo algum será lugar adequado para um seguidor do Prometido, nem na noite de sexta-feira, nem em qualquer outra ocasião.

- Estou farto do velho estilo campesino. Você esteve lá apenas por pouco tempo. Portanto, tudo lhe pareceu novidade, mas de minha parte desejo ver a forma como vivem outros homens.

- Você o verá, e do modo mais completo, nesta cidade. – Sua voz denotava certa mordacidade, provocada pelo desapontamento. – Você verá os bebês sendo oferecidos sobre altares enquanto suas mães seminuas saltitam e dançam à luz do fogo, como se seu coração não experimentasse qualquer sentimento. Você verá a depravação em todos os seus imundos detalhes. Homens abordarão você nas ruas e em seu local de trabalho, à procura de seu corpo para satisfação de seus vis desejos sensuais. Seu melhor amigo poderá desaparecer, jamais retornando, porque um ladrão poderá atacá-lo, matá-lo e repartir seu corpo com os cachorros, e tudo isso em troca do conteúdo de sua bolsa, qualquer que seja. Chegará o dia, Ben, em que desejará ver os cordeiros em suas pastagens nas encostas das montanhas, lá no seu pacífico vale, e atacar-lhe-á a saudade da voz de Sepp erguendo-se em oração.

Repentinamente ele a trouxe para junto de si, na fria e calma noite, e a beijou gentilmente.

- Não pretendia desagradá-la, Shaina. Se você houvesse permanecido em Havillá, eu jamais teria

partido. Sei que você está certa, mas lá eu me sentia confinado, ansioso por ver algo além de montanhas. Talvez após a iniciação propiciada por sua mãe, eu me sinta contente em voltar. Você me acompanhará?

Cada fibra do ser de Shaina clamava por dizer SIM àquele homem que ela conhecia tão pouco, mas uma voz íntima insistiu em que ela se precavesse.

- Pensarei a esse respeito – replicou ela, sua voz ainda trêmula em virtude daquele primeiro beijo inesperado.

Na noite da comemoração a casa achava-se inundada de luz, lampiões de barro ardiam em toda parte, até mesmo ao longo dos caminhos que atravessavam os jardins. A harpa de Natã e a flauta de Ben enviavam sua música através das janelas abertas, e o riso e os cânticos enchiam os aposentos. Estando de pé no pequeno terraço que ficava uns poucos degraus abaixo de seu quarto, Shaina podia ver o folguedo, e seu coração doeu em virtude de Ben – copo em punho, atrevidamente media as mulheres de alto a baixo enquanto a dança destas se tornava mais e mais sugestiva.

Foi para isto que ele veio, pensou ela tristemente. *Excitamento. O tentador que Eva encontrou no Jardim possui mil maneiras diferentes para convencer as pessoas a se apartarem de Deus, e Ben já se encontra ofuscado*. Mas o que havia ele dito? Que após essa noite talvez ele retornasse ao lar, e então a levaria consigo? Ela sabia que iria com ele. De volta a Havillá. De encontro às quietas noites ao longo do grande e brilhante rio, sob o seguro retiro do carinhoso cuidado de Ben – para sempre. Ali ela daria à luz filhos que se assentariam à mesa de Sepp e nunca mais ela se sentiria diferente e solitária. Decidiu dirigir-se a seu próprio jardim com muros de pedra afastando-se dos risos rouquenhos e das canções que denotavam embriaguez, a fim de poder orar.

Entretanto, ao adentrar àquele sítio fresco e solitário, não lhe foi possível penetrar na calma presença de Deus. Algo dentro dela firmemente entretecido e prometedor, rejeitou, pela primeira vez, a paz daquele pacífico recanto. De alguma forma ela sentiu que aquilo que ela entretinha ali com seu Deus, podia custar-lhe elevado preço. Não foi capaz de orar aquela noite; em vez disso, sentou sobre uma grande pedra arredondada, ao lado do pequeno regato que murmurejava por sobre e em torno das rochas. Contemplando grandes e errantes nuvens se fragmentarem em vestígios espumosos e brancos, ela aguardou – embora duvidando – que se aproximassem os passos de Ben. Quando ele apareceu, ela não ficou muito surpresa.

- Pensei que a encontraria aqui.

Ele parecia tão grande à luz da Lua, mais vigoroso e mais forte que os homens da cidade que ela conhecia, vestido de uma curta túnica afivelada, sandálias com tiras de couro que se enlaçavam até um ponto elevado de suas pernas musculosas.

- Venha comigo à festa. Eles estão a ponto de começar a comer. Você não precisa ficar muito tempo.

Ele hesitou, depois aproximou-se mais. Ela pôde sentir o odor de vinho em sua respiração, e durante um fugaz momento pensou em como Abigail lamentaria essa perda de inocência- Eu queria apenas que eles vissem a sua beleza. E desta forma não me sentirei tão solitário.

Sua determinação rompeu-se em pedaços. Solitário? Ben, este gracioso homem de Havillá? Será que ele efetivamente se sentia desconfortável em companhia dos sofisticados amigos de Ona? A necessidade que ele dela sentia fez com que o coração de Shaina fosse tocado com mais intensidade do que o teria produzido qualquer outro

argumento, de modo que ela se colocou ao lado dele, indicando assim sua disposição em acompanhá-lo.

- Somente por uns poucos minutos, Ben. Apenas até que você tenha encontrado algumas pessoas e se sinta mais confortável. Não estou vestida de modo apropriado para uma tal ocasião. Você está certo de que deseja ser visto em minha companhia?

Ben observou o vestido verde pálido acomodado graciosamente sobre seus ombros e teve certeza de que ela, em sua simplicidade, seria a mais encantadora mulher naquele evento.

- Você será um sucesso – replicou ele, sorrindo gentilmente. – Você é uma verdadeira garota de Havillá. É a beleza sob a mulher de suas formas.

Ela preferia que ele não houvesse dito aquilo. O pensamento fê-la lembrar de Abigail, e esta noite não era apropriada para pensar na avó. Não na sexta-feira à noite, quando Sepp oferecia o cordeiro em favor dos pecados de toda família.

Quando eles entraram na sala cor de marfim, todos os hóspedes reunidos em torno da grande mesa silenciaram instantaneamente. Todos sabiam que Natã e Ona possuíam uma filha, mas nos anos recentes ela havia sido vista cada vez menos. Agora ela se achava de pé diante deles, dependurada ao braço de um jovem bárbaro proveniente da terra natal de Natã, e um murmúrio de deleite ergueu-se à vista do elegante par. Shaina, olhando de soslaio em direção aos pais, notou o triunfo os olhos da mãe e uma alarmante tristeza nos de seu pai. Pela primeira vez ela compreendeu o modo pelo qual ele vendera a alma em favor de Ona. Mas ela não seria tão tola. Esta noite ela ajudaria Ben a obter aceitação entre os astuciosos habitantes da cidade, e no dia seguinte ele já teria visto o suficiente – e então ele pediria permissão aos

pais dela a fim de leva-la de volta a Havillá. Com a mãe, as coisas seriam difíceis, mas o pai se regozijaria e, por fim, permitiriam que ela fosse.

O dia seguinte, todavia, não produziu semelhante milagre. Ben considerou a festa em andamento como um estrondoso sucesso. Ona conservou as mesas apinhadas de quitutes. Natã participou da festa apenas na medida que isto significava um gesto de cortesia, e Shaina escapou em direção a seu quarto logo depois que cessara o banquete da meia-noite.

Quando, ao amanhecer do primeiro dia, os últimos hóspedes se desgarravam em direção a suas casas, Natã observou ceticamente os restos espalhados.

- Você tem certeza, Ona, de que valeu a pena?

Sua esposa jazia pesadamente sobre um sofá, com profundas olheiras.

- Oh, Natã, você é sempre tão austero. Existem servos para recolocar a casa em ordem. E os hóspedes lembrarão por muito tempo dessa comemoração em favor do seu parente. Você será rotulado como um hospedeiro generoso, com uma linda esposa e filha. O que mais poderia você desejar?

- Um jardim do qual todos os recessos não houvessem sido atingidos pelas maldades do ser humano. E uma filha que mantivesse seu amor singelo por Deus.

- Do que você está falando? Shaina ficou apenas umas poucas horas na noite de sexta-feira, e ainda assim a fim de agradar a Ben, estou certa. De todos os modos, é tempo dela assumir o seu lugar na sociedade. Entre os hóspedes, ouvi muito comentários acerca de sua beleza. Com algumas jóias e um pouco de trato com cosméticos, ela será capaz de destacar-se entre os jovens, espero. Você não sente orgulho de sua filha Natã?

- Sinto-me orgulhoso de sua lealdade a Deus, Ona. Não quero que ela jamais a comprometa.

- Você é irrealista, meu amor. Ela não poderá viver todos os dias da sua vida sem mais do que o velho Ira como amigo e um jardim murado como objeto de seu amor. Será que você ainda não observou como ela se sente feliz junto a Ben? Ele ser, talvez, a resposta do seu Deus à solidão de sua filha. Além do mais, ele cresceu em Havillá, conhece o modo de adoração que lá se pratica, e certamente poderá tolerar as peculiaridades de Shaina.

- Suas peculiaridades? – O tom de voz de Natã elevou-se perigosamente. - Tolerá-las? Ona, não quero saber de um homem para Shaina, que apenas *tolere* a sua pureza. Quero alguém que a valorize. Ben não é este homem. No devido tempo Deus proverá tal pessoa, desde que Shaina tenha paciência.

Ona deixou a mão repousar sobre o braço do marido.

- Acalme-se Natã – disse ele candidamente. – Você está reagindo movido por sua própria amargura diante do fato de haver casado comigo, e isto o faz sentir-se doente. Talvez ao final da história Shaina se demonstre mais sábia que o seu pai, e Ben tenha que procurar uma esposa em outra parte. Mas, quer no sentido positivo, quer o negativo, você não pode forçar a decisão de sua filha. Seu Deus é um Deus de liberdade – foi você mesmo que me disse isso. Foi por essa razão que Ele permitiu a Eva comer do fruto. Você deve outorgar a Shaina esta mesma liberdade, meu amor!

Ele sentou no piso, ao lado do sofá, e deixou a cabeça repousando no colo de Ona. Esta afagou os cabelos do marido, e nenhum do dois falou. Ambos conheciam muito bem os pensamentos um do outro.

* * *

As semanas e meses seguintes trouxeram a Shaina alguns instantes de verdadeira êxtase e de felicidade, ao passo que noutras oportunidades ela sentia um temor torturante. Percebia-se a si própria como alguém que lentamente se afastava de Deus, a despeito das horas gastas no jardim em busca dEle. Ira observava a batalha da moça com profunda preocupação, orando devotamente em seu favor.

Shaina apreciava muito caminhar no mercado com Ben. Os habitantes da cidade nutriam um curioso respeito por ele – por seu tamanho e força, mas também por algo mais. Havia nele um poder latente, que atraía as mulheres e fazia com que os homens se sentissem cautelosamente restringidos. Havia nele uma ousadia capaz de abrir portas, e também uma gentileza enraizada em seu próprio ser, herdade de uma longa linhagem de ancestrais tementes a Deus. Ao encontrar-se ao lado dele, Shaina nem queria pensar em outra coisa senão andar com ele, ter a certeza de seu amor e fazê-lo feliz. Outras vezes porém, ao ajoelhar-se sozinha no jardim, reconhecia que Ben estava se interpondo lenta e quase que imperceptivelmente entre ela e Deus. O sonho de um retorno a Havillá em breve se desvaneceu. O negócio de Ben prosperou e ele não parava de falar em construir uma casa para eles – um lar onde ela pudesse cultivar os mais graciosos jardins da cidade. Todos entenderam que os dois iriam casar-se. Tornou-se cada vez mais difícil reservar o sétimo dia como tempo sagrado e cada vez mais fácil viver à semelhança dos demais. Desistir de sua solitária vigília. Por vezes lhe parecia poder ouvir a voz de Adão: “Você é corajosa, suficientemente corajosa, minha filha?” mas ela imediatamente procurava desviar o pensamento daquela ocasião, fixando-o em Ben, o loiro

Ben, cuja risada fazia com que todos os assuntos sérios parecessem ridiculamente sombrios.

Em certo dia ventoso e apenas pontilhado de sol, Shaina e Ben desciam pelas ruas da cidade, depois de haverem gasto a tarde explorando as montanhas dos arredores. Cabelos desgrenhados e cobertos de pó vermelho, sem dúvida ofereciam um espetáculo surpreendente enquanto tentavam abrir caminho por entre os pedestres, montados em seus vigorosos cavalos ao longo das ruas empoeiradas. Em breve perceberam uma vasta multidão reunida numa área aberta, junto ao poço comunitário; chamando a moça que o seguisse, Ben conduziu seu cavalo para junto do limite exterior do círculo de pessoas. A partir de suas posições elevadas, eles puderam ver ao centro um homem, de pé sobre a base do poço, falando ao povo que ao seu redor se acotovelava. Alguns ouviam atentamente, ao passo que outros galhofavam ou se retiravam do local em meio a uma praga. A despeito do barulho não era difícil ouvir o homem. Sua voz poderosa e penetrante, caía nos ouvidos de Shaina como se fosse ela a única pessoa ali presente, pois ele falava de Deus – não de forma negligente e especulativa, mas como Alguém que ele muito bem conhecia. Falou do juízo, e a autoridade presente em sua voz não permitia que qualquer ouvinte sério deixasse de sentir temor. Shaina compreendia os que se retiravam dali com um gracejo nervoso. Desejou muito acompanhá-los, colocar um bom espaço entre si própria e aquele homem estranho, cavalgar ao lado de Ben à luz do sol e viver apenas o dia de hoje – este dia alegre e jovial.

Entretanto alguma coisa presente naquele homem a deteve: havia em sua face um brilho, uma propensão à amorável e profunda preocupação com os outros, que fez despertar dentro dela antigas lealdades.

-Quem é ele? – perguntou Ben a alguém que por ali se achava.

- Seu nome é Enoque[1] – explicou o homem. – Já passou por aqui uma ou duas vezes antes. Usualmente leva consigo um ou dois conversos de volta a seu refúgio nas montanhas, caso não seja expulso da cidade logo no começo. Nem sei por que estou ouvindo. Depois disto fico tendo pesadelos durante uma semana. Poder-se-ia imaginar que o Altíssimo o ouve e, a julgar pelo aspecto de sua face, bem pode ser que isto realmente aconteça.

- Vamo-nos daqui – Ben resmungou.

- Não, Ben. Tenho que ouvir este homem. Cada palavra.

Ben sabia que Shaina, habitualmente muito complacente, desta vez não cederia; reconhecendo, por outro lado, que seria demasiado perigoso deixa-la sozinha ali; com um ar de resignação preparou-se para esperar.

Enoque falava agora com mais suavidade. Seus ouvintes haviam se reduzido agora a 15 ou 20. Shaina percebeu que Ira era um dos presentes e sorriu afetuosamente em direção ao velho amigo.

“Falei de julgamento e do plano de Deus em destruir esta má e descrente geração; entretanto, meus amigos, esta é uma obra estranha e triste para o nosso Criador. Aquele que pôs nossos primeiros pais no Éden ainda nos ama. Suas poucas exigências têm em vista nossa segurança e felicidade.[2] Apenas que confiemos nEle e Lhe obedeçamos, aceitando Seu amor – amor de dimensões tão grandes, que O levará a sacrificar o Prometido para que possamos ser novamente incorporados a Sua divina família. Amigos – e sua voz alcançou cada coração com uma intensidade de súplica quase tangível – saiam desta cidade. Venham para as montanhas, onde adoramos com simplicidade, fazendo-O o nosso primeiro interesse.

Olhem à volta. Aqui existe assassínio e roubo, embriaguez, falsa adoração e todas as perversões sexuais imagináveis. A vida de vocês está sempre correndo perigo, e mesmo que algum de você seja rico e poderoso, a sua alma se encontra em perigo. *Pensem*, meus irmãos e irmãs. *Pensem*. Não deixem se arrastar à eterna perdição. Amanhã cedo deixarei este lugar. Aqueles dentre vocês, que quiserem dedicar sua vida ao Deus vivo e verdadeiro, encontrem-se comigo ao alvorecer, e juntos viajaremos para um lugar onde as vozes de oração e louvor se erguem todas as manhãs em direção "Àquele que nos ama e nos redime". O homem desceu da plataforma e desapareceu numa rua secundária.

Sem proferir palavra, Shaina pôs em movimento seu cavalo e dirigiu-se para casa. Ben, ainda a seu lado, finalmente falou:

- Ele perturbou você. Melhor se não houvéssemos parado.

- Este é o problema, Ben. Sempre almejamos não ser perturbados. Em vez disso, queremos levar nossa vida à base de festas e indolências, esperando que a maldade do mundo jamais nos atinja. Ignorando a morte, pretendendo que ela jamais nos sobrevirá ou, se ela acontecer, o grande, bondoso e misericordioso Deus fechará os olhos diante de nossos muitos anos de atitude desafiadora e nos transportará depressa para algum lugar mágico onde poderemos prosseguir com nossos caminhos pecaminosos. Porventura as palavras deste homem não caíram em seu coração qual uma espada, Ben?

- De fato, pareceram-me um pouco com o sermão que Abigail me ensinou antes que eu deixasse Havillá – admitiu ele pesarosamente. – Senti-me aliviado por não ouvir essa espécie de coisa durante algum tempo.

- Você está lembrado do que ele falou, Ben? *Pensem*. Em vez de fugir da realidade, é isto que devemos fazer. *Pensar*. Oh, meu amado, estamos percorrendo uma longa estrada descendente.

Em silêncio, ambos cavalgaram através da avenida arborizada, que dava acesso à casa de Natã. As palavras de Enoque haviam sacudido a moça. Ela podia ver claramente – como se o próprio Deus lhe houvesse falado – que ao casar com Ben, ela estaria se separando do Deus do Universo.

À noite, junto à mesa da ceia, ela falou da experiência vivida durante a tarde.

- Qual era a aparência deste pregador de fatalidade? – perguntou Ona enquanto enrolava indolentemente um longo fio de cabelo negro em volta do dedo.

Shaina pensou durante um momento e então encolheu os ombros.

- Honestamente não sei dizer-lhe, mamãe. Penso que na verdade eu não o estava vendo, apenas ouvindo.

- Sua face revelava um brilho sobrenatural – Ben lutava por reconstruir a cena. – E tudo que ele falou é verdade. Creio que o homem mais ímpio dentre a multidão seria capaz de reconhecer tudo como sendo verdade. A mensagem desse Enoque Traz consigo uma espécie de selo sagrado. Eu preferia não tê-lo ouvido.

- Oh, Ben, não leve as coisas tão a serio. – Ona falara novamente. – Esses fanáticos que ficam nas esquinas das ruas e usam linguagem bombástica a respeito do Deus de Adão, em geral são indivíduos mentalmente perturbados, incapazes de desfrutar das delícias da Terra – e tampouco desejam que outros delas desfrutem. Venha, coma e relaxe, e falemos sobre a casa que você e Shaina construirão. Natã contou-me apenas hoje pela manhã que, ao vocês se casarem, Ira os seguirá, para ajudá-los a

tornar a casa um lugar de muita beleza. Esta minha filha é muito engenhosa e você terá um lar capaz de chamar a atenção de qualquer transeunte. – Ona encheu um copo de vinho e o colocou diante de Ben, dando-lhe leves tapinhas na cabeça, à moda de calmante.

- Ele falará novamente amanhã? – perguntou Natã. – Lamento muito não tê-lo ouvido.

Sua esposa suspirou. – Vocês todos são iguais. O sangue de Abigail corre grosso em suas veias, e jamais lhes é possível livrar-se da obsessão com esse seu Deus. Tenho pena de vocês.

- Você poderia recapitular as suas bênçãos, mamãe – repreendeu Shaina. – Papai é um dos poucos homens na cidade que possui apenas uma esposa.[3] Certamente pode você dar graças ao sangue de Abigail e ao temor de Deus por isto. Não é, porventura, algo pelo que você deveria sentir-se grata?

Ona sorriu, aquele sufocante e opressivo sorriso de lábios cheios que encantara e seduzira a Natã muitos anos antes.

- Este pensamento me passou pela mente, querida.

Natã volveu-se para a filha.

-Nenhuma outra me tenta, Shaina. Eu gosto de crer que é grande virtude de minha parte, mas a pura verdade é que amo perdidamente sua mãe. Olha para ela. Onde mais poderíamos encontrar tamanha beleza?

- Somente em sua filha – Ben contrapôs, leal. – E tenho que concordar, Natã. Eu também seria incapaz de amar outra.

Ona, satisfeita com a declaração do esposo, disse à filha:

- Quer você saiba ou não, tal lealdade acha-se impregnada nos próprios ossos deles. É parte de sua

herança. Isto também, Shaina, é algo que devemos a Abigail.

- Respondendo sua pergunta, papai, Enoque deixará a cidade amanhã cedo, rumo a seu retiro. Ele convidou a todos os que quisessem acompanhá-lo.

_ Ben, será melhor que você a vigie durante a noite – advertiu Ona. – Shaina tem uma tendência no sentido de levar muito a sério esta espécie de coisas. – As maneiras de Ona pareciam naturais, mas todos captaram a apreensão de sua voz.

- Não tenha medo, mamãe. Papai disse certa vez que se comportava como covarde a maior parte do tempo, e sinto que não sou muito diferente dele. – Imediatamente ela percebeu que havia ferido o coração do pai, e assim passou a recriminar-se duplamente – tanto pela não planejada crueldade quanto pela mútua fraqueza.

Capítulo 4

A Decisão

Um ano decorrera desde que a poderosa mensagem de Enoque agitara momentaneamente a paz na cidade. Sobre uma pequena elevação, próximo aos muros ocidentais, um belo edifício de luxuoso cedro ganhava forma, preparando-se para o casamento de Ben e Shaina. Todos os dias Shaina e Ira caminhavam na sombreada propriedade, planejando a paisagem; haviam vagueado por todas as redondezas, tentando descobrir as mais raras e exóticas plantas. Pois aqueles dois eram capazes de ver tudo com os olhos da mente – o inclinado trecho de grama, entremeado de graciosas árvores, muros e pedra e arbustos em profusão, fontes de água e regatos desviados desde as montanhas circundantes – e as mais variadas cores por toda parte. Por vezes, enquanto trabalhavam, Ira falava sobriamente a Shaina a respeito de sua sempre descendente fé, mas bastava um vislumbre de Ben para que todos aqueles pensamentos fossem varridos de sua mente. Ele a amava com uma exuberante obsessão, à qual ela era incapaz de resistir. Se era o caso de ele estar apreciando cada vez mais a vida na cidade, ela optou por ignorar o fato. Quando a casa estivesse pronta, eles se casariam – e desde já Ona planejava uma festa como seus amigos jamais haviam visto. Ela presentearia sua filha com os mais ricos materiais que as caravanas ambulantes tinham a oferecer, e a lenda sobre a beleza da moça viajaria até lugares distantes. Natã sentir-se-ia orgulhoso e esqueceria os infantis anseios que nutria m

direção as suas origens campesinas. Ele veria, afinal, que a mãe planejara corretamente em favor de Shaina, que ela havia sido uma boa mãe.

Em determinada tarde achavam-se eles sentados – os quatro – em relaxante expectativa daquilo que Ben identificava como sua refeição de Havillá – pão simples e frutas – quando um servo entrou para anunciar a chegada de um visitante. Este porém, nem sequer esperou que o chamassem, pois seguia nos calcanhares do servo. Natã pôs-se de pé num salto, atônito.

-Adriel! O que você está fazendo aqui? – O dono da casa envolveu o visitante num grande abraço.

Shaina reconheceu-o como um dos irmãos mais jovens de seu pai, e ela teve imediatamente uma agourenta premonição de que o jovem tio era portador de más notícias.

Depois dos primeiros momentos de emoção e da apresentação a Ona, Adriel sentou-se à mesa, mas recusou o alimento que lhe foi oferecido. Antes que pudesse falar, o irmão Natã percebeu-lhe a palidez e as desfiguradas feições.

- Você parece exausto, meu irmão. Está necessitando de um bom descanso. Venha, vou tomar providências para que você se banhe e vá repousar. Poderemos conversar mais tarde.

Shaina ficou pensando em quão parecidos eram entre si estes homens de Havillá. Apenas seu pai era de compleição maior, mais estética. Ela amava a força de Ben. Ele a fazia lembrar do leão que haviam visto junto ao lago, com este seu magnetismo vigoroso e envolvente.

Adriel quebrou os devaneios de Shaina com palavras que lançaram a todos no mais terrível silêncio.

- Não serei capaz de dormir, Natã. Venho como portador da mais terrível de todas as mensagens. Nossa

família, o povo de Havillá, foram todos mortos. Nosso lar foi destruído. O vae, para nós, está perdido para sempre.

- O que você está dizendo Ariel? – interrompeu Ben. – Você está ficando louco?

- Não Ben, estou em meu mais perfeito juízo. Uma tribo do norte, o povo de Yadin, tomou nossa terra e as crianças, e matou os adultos. – Falhou-lhe a voz, de modo que não pôde prosseguir.

Natã, sentado ao lado do irmão, colocou um braço em torno de seus ombros e acompanhou-o no choro. Shaina espiou a face de Ben, mas nela percebeu apenas traços controlados, se não desinteressados.

Quando lhe foi possível falar novamente, Adriel resumiu a história.

- Eu estivera durante semanas com as ovelhas numa campina mais elevada, distante vários quilômetros do acampamento principal. A cada sexta-feira, o jovem Dur, filho de Elrad, trazia-me alimento e passava o sábado comigo. Quando ele não apareceu em determinada semana, pensei que apenas ele tivesse sido necessário no acampamento. Eu dispunha ainda de provisões razoáveis e suplementei-as com frutas e bagas silvestres. Mas quando ele deixou de aparecer na semana seguinte, temi que algum animal selvagem o houvesse atacado no caminho. Decidi que deveria deixar as ovelhas e ir à sua procura, de modo que conduzi o rebanho para o interior de uma garganta e rolei sobre a entrada da mesma várias pedras de bom tamanho, de modo que as ovelhas pudessem ficar ali em segurança. Saí então à procura do garoto. À medida que eu me aproximava do vale, percebi um estranho silêncio nos campos – nenhum hino de louvor, nenhuma canção de nossos parentes enquanto trabalhavam. Andei até a encosta da montanha e abri caminho cautelosamente por entre as árvores,

procurando de todos os modos permanecer fora de alcance de alguma vista.

- Você lembra, Natã, onde o rio faz uma forte curva, deixando o acampamento justamente a seu lado? Bem, neste ponto eu contemplei uma cena que aterrorizou meu coração, pois guardas armados rondavam o acampamento enquanto centenas, talvez milhares, estavam construindo – *construindo* Natã – em nosso vale. Eles erigiam uma cidade.

E nos jardins de mamãe, os belos jardins por entre rochas que ela erigira na encosta do monte em honra a Yahweh, eles preparavam um bosque. Uma grande imagem dourada encontrava-se no centro da criação de mamãe, e as papoulas vermelhas espalhavam-se entre as rochas, como se fosse lágrima de sangue derramadas diante do sacrilégio. – Adriel inclinou a cabeça e soluçou, enquanto Shaina sentiu as lágrimas derramando-se por sobre sus próprias faces.

Foi Ona que finalmente rompeu o silêncio.

- Esta narrativa é terrível, Adriel. Você poderia prosseguir?

Shaina estendeu a mão a fim de tomar a de Ben, enquanto o tio prosseguia. Natã continuava sentado, pálido como a própria morte.

- Havia ali crianças pequenas, as nossas crianças trabalhando como escravas nos campos próximos à casa, mas não restara um único adulto de Havillá, quer homem, quer mulher. Apenas um amontoado fumegante, bem mais abaixo do vale, onde seus corpos haviam sido queimados.

- Os servos? Eles não pouparam nem os servos? – perguntou Ben.

Adriel esboçou um sorriso amargo.

- Os invasores sabiam muito bem que os servos tornariam a erguer-se tão logo surgisse a oportunidade. Eles eram seguidores do Deus verdadeiro - todos eles – e constituíam um segmento muito amado da família de nosso pai, pois recebiam o tratamento de filhos e filhas. Embora os inimigos pudessem haver desejado muito os serviços desses servos, sabiam que o melhor seria não poupá-los.

Shaina tentou imaginar o vale privado de Sepp e seu sagrado altar, assim como de Abigail, bronzeada e sorridente em sua sagrada esperança. Bem, todos eles dormiriam com Adão até que o Prometido consertasse outra vez todas as coisas. Ela só não sabia exatamente *como*. Abigail e Adão haviam falado do Vindouro e de sua morte. Mas...o que ocorreria depois? O que seria daqueles que haviam repousado no pó da terra? Tornariam a viver?

- Nada mais pude fazer. – Adriel obrigou-se a si próprio a concluir a história. – Nem mesmo em favor das crianças.

Shaina pôde sentir a profunda agonia que grassava na alma do tio.

- Decidi que seria melhor avisar você e a Ben, Natã, não seja o caso de vocês irem até lá à busca de barro, e se defrontarem com o terrível pesadelo.

Shaina ouviu quando a mãe reteve fortemente a respiração.

- E o que você fará sem barro Natã?

Natã fitou a esposa com indignada estupefação.

- Num momento como este você vem me falar de barro, Ona? Meus pais estão mortos. Meus irmãos estão mortos. Meu povo desapareceu. E você consegue pensar em barro?

Ela o olho friamente.

- É seu meio de vida, Natã. E nada há que possamos fazer em favor dos mortos.

- Acredito que ele poderá adquirir o barro por determinado preço. Afinal de contas, ele não é um verdadeiro seguidor de Deus, de modo que os invasores poderão considerá-lo como alguém semelhante à eles. – Enquanto as palavras do irmão queimavam o íntimo de Natã, Shaina pôde registrar nos olhos do pai uma dor tão profunda que a levou a desviar os olhos.

Bem tarde nessa noite, quando todos já se haviam recolhido aos seus respectivos dormitórios, Shaina escapuliu para seu jardim. Fazia bastante tempo que ela não mais comparecia ali, já que seus interesses haviam se desviado para os preparativos de sua nova casa. O jardim parecia exatamente como dantes, e ele não teve dúvidas que a amorável mão de Ira era a responsável por todo aquele cuidado. Repentinamente, em meio à escuridão, ela viu-se chorando convulsivamente em virtude da avó que jamais tornaria a ver, e pelo vale que havia representado seu lar espiritual. Estaria seu pai a chorar como ela? Ou teria ele que conter seu lamento diante da esposa que jamais seria capaz de compreendê-lo? Teriam as lágrimas de ficar para sempre represadas em seu doloroso coração? De todos os modos ela compreendeu que havia reservado suas próprias lágrimas pra esse lugar. Não havia buscado conforto nos braços de Ben, percebendo que ele, da mesma forma que a mãe, também não compreenderia. O vae de Havillá havia sido o lar dele na infância, muito mais que dela. A fumaça resultante da queima dos corpos de seus pais havia se espalhado sobre o brilhante rio de sua meninice. Mesmo assim, essa noite ele deixara o recinto sem derramar uma única lágrima, como que irritado porque as más notícias haviam quebrado a rotina da cidade. Sem fazer qualquer pergunta

quanto as seus irmãos e irmãs mais jovens, rejeitara ele suas raízes de um modo como jamais teria sido possível a Natã fazê-lo.

A reação de Ben deixara-a perturbada. Será que ela de fato conhecia o homem que em breve seria seu esposo? Ela havia apreciado muito o seu sorriso, seu corpo esbelto, sua alegria, a adoração que ele nutria por ela – e tudo isto a deixara satisfeita. Mas... o que jazeria abaixo da superfície?

Quem conservaria a fé de Sepp e Abigail? Apenas Adriel sobrevivera, e onde encontraria ele outra esposa temente a Deus? Enquanto ela pensava no tio, agora deitado debaixo dos macios cobertores de lã, no quarto de hóspedes de sua mãe, tentou imaginar a amarga tristeza daquele homem diante da perda da sua esposa e da filha de 13 anos de idade.

Impulsivamente, ela decidiu procurá-lo.

- Ariel, meu parente – cochichou ela junto à janela aberta. – é Shaina. Posso entrar?

Ele lhe disse que sim, e quando ela entrou, viu-o à luz embaçada do lampião de barro – sentado na cama, olhos vermelhos, face intumescida. Ela sentou-se ao lado dele, tomando entre as suas a grande calejada mão do tio.

- Vim para sentir com você sua dor, Ariel. Para carregar um pouquinho de seu pesar. Eu também os amava, especialmente a vovó.

Ali permaneceram eles quietamente, chorando à gentil semi-escuridão; mais tarde ela o deixou ali, sem dizer palavra.

Natã não compareceu a seu lugar de trabalho por vários dias, dizendo que não tinha ânimo para isso. Tanto ele quanto Adriel apenas beliscavam o alimento, vindo a emagrecer bastante. Ona censurou e bajulou, sem qualquer proveito.

- Realmente papai, você precisa comer – insistiu Shaina em certa manhã ensolarada, enquanto colocava diante deles uns bons melões e tigelas de fumegante cevada adoçada com mel.

Cortando a fruta fria sem qualquer disposição, o pai sorriu com amargura.

- É estranho. Eu ia para casa apenas duas vezes ao ano. Via-os tão pouco. Ainda assim, pensar em Havillá sem a presença de minha mãe, sem seu sorriso e alegre saudação, faz-me sentir muito mal. Não consigo pensar em alimento. Ele revolve meu estômago. E a dor de Adriel é ainda pior. O sangue de sua filha e de sua esposa ainda está fresco no solo que ele tanto ama. Você realmente pretende que tenhamos disposição para comer?

Ben, sentado à direta de Natã, comia com satisfação.

- Coisa alguma devolverá a terra de Havillá a nossa família. Vovô Sepp temia essa invasão. Várias vezes ele nos mencionou essa possibilidade. Orientou-nos que não deveríamos lutar. Não queria ele que houvesse derramamento de sangue. Dizia sempre que a terra e nossa vida não eram importantes – somente a obediência a Deus. Esta foi uma das razões pelas quais deixei meu lar. Não sentia qualquer desejo de ver-me apanhado, como numa armadilha, no vale, vindo a tornar-me vítima de qualquer inimigo que por ali passasse.

- Mesmo que tivéssemos lutado, Ben, não teríamos sido capazes de enfrentar seu número e suas armas. E papai tinha razão. A guerra é de origem maligna. É melhor morrer em paz com Deus do que debater-se e matar em troca de mais uns poucos anos de vida.

- É fácil para você dizer isto – retrucou o homem mais jovem, impacientemente. – Você está vivo e bem. Você pensa que aqueles que jazem no montão encarvoado poderiam concordar?

Adriel olhou diretamente nos olhos de seu arrogante sobrinho.

- Eu preferiria que Deus me houvesse permitido morrer com eles, pois sem eles a minha vida é muito amarga. Mas você nada conhece a respeito de tal tristeza. Que o Senhor o perdoe diante de suas néscias palavras e pela deslealdade que você está manifestando para com Ele e com sua própria família.

Erguendo-se abruptamente da cadeira – num esforço para dominar sua ira – Ben deixou o aposento e dirigiu-se para seu local de trabalho.

- Por bondade, desculpe-o, Adriel – suplicou Shaina gentilmente. – Ultimamente ele se mostra muito irritado. Não é a mesma pessoa.

- Ele se ressente da minha presença aqui – declarou o fugitivo, procurando não ser descortês. – Eu lhe trago à lembrança tudo aquilo que ele procurou deixar para trás. Meu pesar o aborrece. Já é tempo de eu ir andando, Natã. Pretendi discutir meus planos com você, e este momento é tão bom para isto quanto qualquer outro. Você precisa retornar ao seu barro e eu tenho que retomar outra vez a minha vida. Nossa mãe sentir-se-ia impaciente diante de nossa indolência e lágrimas.

Shaina deu uma gargalhada de alívio diante das palavras do tio.

- Você está certo, Adriel. Ela diria: Estou com vergonha de vocês dois. Depositem a sua confiança no Prometido e vivam de modo responsável sobre a face da Terra. Parem de lamentar por nós. Nós dormimos firmes na fé.[1]

- Você consegue imitá-la perfeitamente, filha. – Natã Olhou afetuosamente em direção à filha.

- Então, quais são os seus planos, meu irmão? Eu gostaria que você ficasse em segurança, aqui conosco.

- Não posso fazê-lo, ainda que sinta relutância em deixá-los. Mas – perdoe-me Natã – não posso permanecer em uma casa em que os ídolos ocupam todos os cantos e não é praticada a adoração do Deus verdadeiro. Natã, você tem sido muito amável, e Ona tem-se revelado graciosa e compreensiva. Vocês me concederam este precioso tempo, em que pude dar vazão à minha dor.

Tenho pensado muito acerca do futuro. O profeta Enoque – certamente você já ouviu falar dele – prediz um julgamento que deverá sobrevir à Terra, destruindo toda a humanidade, exceto os que se comprometerem com Deus.[2] Não me atrevo a viver nesta cidade, Natã. Posso ver o que aconteceu com você e com Ben. O mal invade a vida de modo tão sutil, e por outro lado não sou menos susceptível que você, meu irmão. Tenho de dirigir-me ao lugar em que Deus é adorado e onde toda a Natureza fala dEle diariamente, nos pores-do-sol, nas montanhas e nos lagos. Enoque ensinou a papai como encontrar esse vale, e por sua vez papai ensinou o caminho a nós, seus filhos. Exatamente para uma oportunidade como esta. No primeiro dia após o sábado, pretendo partir à procura desse vale, pois ele é hoje um dos poucos lugares em que o povo de Deus pode adorá-Lo em paz e segurança. Trata-se de uma longa jornada, mas de todos os modos anseio por seguir meu caminho.

- Você não poderá ir sozinho, Adriel – a voz de Natã denotava profunda preocupação.

- Ele não terá de fazê-lo sozinho, papai – disse Shaina calmamente. – Eu o acompanharei. Ira também deseja ir. Há muito tempo ele o tem almejado – desde que Enoque pregou aqui na cidade – mas relutou até agora em pedir a você a sua libertação.

- Shaina, você não compreendeu. Adriel não retornará. Ele está falando de estabelecer ali o seu lar.

- Compreendi plenamente papai. Eu também estou falando de estabelecer ali o meu lar.

- Mas...o que dizer de Ben? E do seu casamento com ele? E de sua nova casa? Ede sua mãe? Shaina, temos que conversar a esse respeito. Você está agindo por impulso.

Ela percebeu o temor na voz do pai, e robusteceu-se contra o mesmo. – Papai, estou com quase 30 anos. Não se trata de nenhum sonho infantil.

Ao perceber que sua mãe estava no vão da porta, perguntou-se por quanto tempo teria ela acompanhado a conversa.

- Praticamente desde o início tive consciência de que teria de optar entre Deus e Ben. Ben endureceu seu coração contra os divinos ensinamentos que aprendeu na infância. É por isto que ele é incapaz de demonstrar dor pela perda de sua família. Ao deixar Havillá, em sua mente ele teve de destruí-la, com tudo que a compunha. Em breve ele percebeu que, para ser popular e bem-sucedido aqui, teria que também desvencilhar-se de Deus. Ele percebeu que, com o tempo, eu chegaria a fazer o mesmo. Adriel está certo. Este mundo encontra-se em crescente rebelião contra Deus. A pessoa terá de fugir do pecado, caso contrário será engolfada por ele. No começo, quando Ben se namorou de mim, pensei que poderia conservar a ambos – a ele e a Deus. Em breve, porém, pude observar sua lenta desintegração e senti-me em trajetória descendente junto com ele – mas mesmo isto não me levou a tomar cuidado. Eu o queria muito. Para mim, ele era Havillá, e eu amo Havillá. Quando Enoque falou, aquilo agitou meu coração. Desde então tem sido mais difícil aplacar minha consciência, mas não tive coragem de deixar Ben. Amo-o verdadeiramente. – A voz da moça tremeu, mas ainda assim ela prosseguiu. – Agora Havillá não mais existe. Pude compreender, então, que

meu anseio é pelo amor de Deus que ali senti, e não pelo lugar em si. Este amor se encontrava nas pessoas, e ele vive ainda em Adriel, em Ira e em Enoque, e nuns poucos corações de genuínos seguidores de Deus. Mas não em Ben.

- Tampouco em nós – disse a mãe amargamente, no momento em que uma torrente de lágrimas descia por suas faces.

Semi-enlouquecido diante do pensamento de perder a filha, Natã explodiu:

- Shaina, eu a proíbo de ir!

Ona calmamente escorregou para o lado do esposo, sustentando a cabeça dele contra sua própria, enquanto lhe afagava os cabelos.

- Natã, meu querido, lembre-se de que ela é livre. Livre para escolher adorar Deus ou esses pedações de prata. – Ela cutucou com o artelho uma imagem próxima. – Foi você quem a levou a Abigail e ao Éden. Foi você quem a conduziu a este momento. Não torne as coisas ainda mais difíceis para ela. – Apegaram-se um ao outro, pálidos e silentes.

Shaina procurou os olhos de Adriel à busca de forças e as encontrou. Ele compreendia a decisão da sobrinha e o tremendo custo nela envolvido. No momento em que ela passou perto dele, a fim de consolar os angustiados pais, ele tocou levemente o ombro de Shaina.

Nessa noite ela pedia a Ben que caminhasse ao seu lado nos jardins e ali, com o coração golpeando vividamente e lutando intensamente a fim de controlar as emoções, Shaina lhe falou da decisão de deixar a cidade em companhia de Adriel.

Ben permaneceu em silêncio até que ela concluísse e então agarrou-a fortemente pelos ombros.

- Shaina, não me abandone – disse ele com voz entrecortada. – Se você for embora, nada restará neste lugar para atrair-me. Jamais serei capaz de amar as mulheres superficiais desta cidade. Tenho ainda muito do vale de Havillá dentro de mim. Nunca poderei amar outra pessoa que não você. Prometo-lhe que não trarei imagens para dentro de casa. Você terá liberdade para adorar o seu Deus – ou nenhum deus, se assim preferir. Tão somente não me abandone!

- Por que você não bem conosco ao vale de Enoque? – perguntou ela, desejando intensamente que ele dissesse *sim*.

- Não posso. Há muito tempo cheguei ao ponto de odiar a adoração a Deus com todas as suas restrições. Mesmo sendo por amor a você, Shaina, não posso ir. – Ele afastou-se de Shaina e nervosamente abria e fechava o punho. – Desejo poder. É por isso que estou aqui. Este povo respeita o poder. Nós somos capazes de nos entender.

Adão disse que foi isso que o maligno desejou – poder.[3] É um desejo perigoso, Ben. Melhor é deixar o poder nas mãos de Deus.

Ela não prosseguiu insistindo com ele. Para Shaina tornara-se claro que, se Ben fosse até o vale de Enoque, tão somente levaria dissensão àquele lugar.

- Por que Adriel teve que vir até aqui? Dentro de pouco tempo estaríamos casados e ocupando nossa nova casa. Você se sentia suficientemente feliz até então.

- Nós experimentaríamos as mesmas amargas tristezas que meus pais têm vivido. No fundo da alma, eu tinha conhecimento disto desde o início, mas eu amava tanto você, que não me permitia pensar no assunto. E tenho certeza, Ben, que você também o sabia.

Ele a segurou nos braços e enquanto as lágrimas de Shaina manchavam a túnica de Ben, ela sentiu que sua inocência juvenil e sua felicidade se esvaiam. Adriel não mais poderia dizer que Ben nada conhecia a respeito do sofrimento, pois os sons de sua angústia dilaceraram-na cruelmente na agradável noite de verão.

* * *

Chegara o momento da partida e Shaina tratou de manter-se firme contra as ondas de terror e amarga tristeza que pareciam querer arrebatá-la. O que estava ela a ponto de fazer, ao dirigir-se para o deserto em companhia de Ira e de Adriel? Par onde estaria indo? Tornaria algum dia a ver as faces de seus pais? Quem era esse Deus que os demandava tão grande sacrifício? Não poderia Ele algum dia falhar-Lhe diretamente, ou pelo menos revelar-lhe a Sua face? Ainda assim, lá no fundo de seu ser, algo entoava uma doce e clara melodia, uma delicada e segura bênção sobre a sua viagem. Foi a isto que ela se apeou quando a agonizante face do pai sacudiu violentamente sua resolução.

Ben havia se mudado imediatamente para a nova casa semi-concluída, de modo que ela não mais o vira desde a noite no jardim. Surpreendeu-se, portanto, ao vê-lo surgir à bruxuleante luz matinal.

Adriel dirigiu-se a ele, num gesto de boas-vindas.

- Ben, estou contento por você ter vindo. Desejo falar-lhe. Nós somos filhos de Sepp, homens de Havillá. Venha conosco. Você é um homem orgulhoso e desassossegado, faminto por autoridade. Não se irrite – disse ele, percebendo o súbito enrubescimento do outro. – Reconheço estes traços de caráter em você porquê, à sua

idade, eu era mais ou menos a mesma pessoa. Abigail poderia confirmar-lhe que eu era o mais cabeçudo dentre seus filhos. Ela temia muito por mim, com justa razão.

Certa vez, enquanto pastoreávamos as ovelhas, mamãe e eu, expressei minha forte insatisfação diante das humildes tarefas pastoris. Ela me disse então: "Adriel, você se parece com um jovem leão que pisa orgulhosamente a terra, faminto por aventura, buscando sempre algo sobre que possa exercer controle. Mas, meu filho, *não existe qualquer poder digno de ser cobiçado, exceto o poder sobre as próprias fraquezas, e unicamente Yahweh pode outorgá-lo*." [4]

"Não sou capaz de mudar meus sentimentos", disse eu, mal-humorado.

"Mas Deus é capaz de mudar tudo isto", disse ela. "Você precisa orar".

Eu lhe disse que nem mesmo gostava de orar. Ela me respondeu: "Ajoelhe-se, Adriel". Ainda hoje posso vê-la, segurando um cordeirinho preto nos braços – o restante era tudo dourado contra a azul abóboda celeste sobre a terra de Havillá. E pelo fato de eu amá-la intensamente, ajoelhei-me.

"Você precisa dizer quatro palavras, Adriel. Apenas quatro palavras: "Senhor, quero ser humilde". "Repita-as, filho."

Assim, ajoelhado sobre a grama do reservado superior, sentindo-me quase um tolo, pronunciei aquelas quatro palavras. Ela colocou as mãos sobre meus ombros e olhou-me com muita firmeza. "Agora conserve-se orando todos os dias. O trabalho do Senhor em seu íntimo não será de modo algum fácil."

Por alguma razão inexplicável eu prossegui pronunciando aquela oração simples, quase que uma

atitude de desafio. A fim de provar que não era possível ocorrer a mudança de caráter que ela predissera.

Entretanto, Ben, os caminhos de Deus excedem toda compreensão. Lentamente senti que meu íntimo se modificava. Já não me dispunha tão prontamente a lutar, a abrir a cotoveladas o meu próprio caminho. Comecei a perceber a verdade das palavras de minha mãe, que o poder sobre nossas fraquezas é todo o poder que necessitamos neste mundo. Passei a clamar por esse poder. Já não me incomodava vigiar as ovelhas, pois naquele recanto excelente aprendi a conversar com Deus e a desfrutar de uma felicidade que jamais acreditara ser possível.

- Venha conosco, Ben, e aprenda a pronunciar a oração de minha mãe.

Shaina imaginou que ninguém seria capaz de resistir ao terno apelo da voz de Adriel. Pôde perceber uma tremenda luta refletindo-se na face de Ben, e todas as fibras de seu próprio ser clamavam para que ele se rendesse; ao final, entretanto, ele lhes volveu as costas, desaparecendo na semi-escuridão sem proferir qualquer palavra.

Natã e Ona, profundamente comovidos diante das palavras de Adriel, permaneceram quietos e resignados quando Shaina os abraçou e a seguir montou Hadesh. Ela volveu uma vez o olhar para trás enquanto desciam a rua, e pôde contemplar o lar e os jardins que tanto amara, contrastando com o pano de fundo das primeiras gotas douradas do alvorecer. Sua mãe ergueu o braço em despedida, e Shaina gravou o quadro em sua mente para sempre.

Capítulo 5

O Vale

Os primeiros dias de viagem foram extenuantes tanto para Ira quanto para Shaina, Os 600 anos do jardineiro faziam com que seu passo fosse agora um pouco mais lento, embora a atividade diária nos jardins lhe conservasse a saúde em perfeita ordem. A vida de Shaina havia sido fácil – excessivamente fácil – mas ela sempre fora uma boa amazona, de modo que surpreendeu Adriel pela resistência que demonstrava. O tio estabelecera um ritmo forte de viagem, avançando incansavelmente pelo deserto, fazendo apenas breves paradas para repouso e alimentação. Raramente conversavam, pois cada um nutria o seu próprio pesar. Ira procurava atender prestimosamente as necessidades de Shaina, até que ela, por fim, protestou com energia:

- Ira, você não é mais um servo. Meu pai declarou-o livre. Agora somos amigos, e isto é tudo.

- Cuido de você como se fosse minha filha – respondeu ele, sorrindo. – Não tenho outro parente.

Ela o abraçou impulsivamente.

-E você é o meu pai espiritual. Cuidaremos um do outro.

- E quem cuidará de mim? – perguntou Adriel, enquanto um lampejo de travessura brilhou em seus tristes olhos.

- Nós dois! – exclamaram Ira e Shaina em uníssono, com suas vozes ecoando estranhamente através da vasta e calma floresta. E riram com bastante gosto, todos

juntos. Pela primeira vez. Os três achavam-se completamente ligados entre si, ali onde as enormes árvores mal deixavam penetrar algum raio de sol para realçar, aqui e acolá, as claras cores de brilhantes minerais e pedras preciosas espalhadas sobre o chão da floresta.

Certa noite, enquanto Ira e Adriel estavam assentados diante do fogo, discutindo o rumo que deveriam seguir na viagem do dia seguinte e Shaina se preparava para dormir em sua pequena tenda, ela percebeu algo duro no fundo da sacola de couro em que carregava seus objetos de uso pessoal. Retirando-o, ergueu-o com curiosidade contra a bruxuleante luz da fogueira, que penetrava pela abertura da tenda, e reconheceu-o imediatamente. Tratava-se de um prendedor de cabelos de barro azul que seu pai preparara para a esposa há vários anos. Ona apenas o usara em ocasiões muito especiais. Um delicado arranjo de flores era tudo que podia ser visto depois de colocado o prendedor – eram rosas, margaridas, folhas finas e compridas e uma pequena vinha, que prendia frágil e graciosa de entre o arranjo de flores. As três margaridas tinham em seu centro minúsculos diamantes que agora reluziam ao clarão do fogo.

Shaina lembrou-se então das oportunidades em que, ainda garota pequena, pedira a mamãe que lhe permitisse usar o prendedor. Ona o colocara em seu cabelos e tomara todas as precauções para que ela não balançasse a cabeça, deixando-o ali apenas por breves momentos. Ela compreendera, naqueles idos dias, que o prendedor simbolizava o mais agridoce amor existente entre seus pais, de modo que valorizara aquele objeto com a mesma intensidade com que o fizera sua própria mãe.

Agora, enquanto o segurava diante da fraca luz do fogo, ela sentiu um terrível desejo de estar com aqueles

que a haviam gerado. Deixou correr os dedos por sobre o delicado acabamento, imaginando a clara cabeça de papai encurvada sobre o objeto, dedicando-lhe o mais intenso e carinhoso acabamento, tão somente para ver Ona regozijar-se depois com o presente. E sob uma torrente de lágrimas, ela pôde ver também sua mãe acomodando o acariciado tesouro na sacola da filha, entregando-lhe o melhor que ela possuía, a fim de que Shaina pudesse compreender – não importava quão longe estivesse – a medida de seu amor materno! Envolvendo-o cuidadosamente na mais macia de suas roupas íntimas, foi dormir segurando-o na mão, estranhamente confortada.

Todas as manhãs eles comiam grãos cozidos ao vapor, sobre aas brasas do fogo durante toda noite; ajoelhavam-se depois sobre o úmido e aromático piso da floresta a fim de orar, e então prosseguiam, confiando em Deus e no mapa esboçado na mente de Adriel. Atravessaram grandes rios, viajaram longos dias através de florestas tão escuras e densas, que eram envolvidos por intenso e opressivo silêncio, tão somente para verem repentinamente romper-se o deserto e aparecer diante de seus olhos um recanto montanhoso cheio de luz solar e flores e animais muito mansos, que saltavam em torno dos viajantes como se fossem cordeiros de estimação.

- Assim deve ter sido o Éden – disse Shaina reverentemente no momento em que descarregavam os cavalos e deixavam-nos pastar em liberdade.

Quando Shaina havia colocado sobre a improvisada mesa alguns pães endurecidos e as últimas passas, Ira retornou com um grande galho repleto de bagas de cor carmesim.

- Muito bem, uma oferta é que teremos hoje – sorriu Adriel, enquanto arrancava do galho nozes pecãs tão

grandes quanto um ovo de galinha e estendia os carnudos frutos ao lado das passas. – E a ocasião é sem dúvida muito apropriada, pois tenho um esplêndido anúncio para vocês, digno de semelhante comemoração. Enquanto eu subia o curso do rio à procura de algum alimento, descobri que, justamente depois daquela curva esta passagem conduz à outra, na qual se encontra a estrada no vale de Enoque. Conforme vocês podem perceber, daqui não se vê a menor indicação da entrada. Alguém poderia viajar por estas paragens e nem mesmo suspeitar da existência do vale. Se meus cálculos estiverem corretos, isto significa que chegamos. Portanto, descansemos e comamos. Banhar-nos-emos e lavaremos nossas roupas que a viagem sujou, e amanhã nos apresentaremos aos santos habitantes do vale de Enoque.

- Sinto-me um pouco temerosa – admitiu Shaina, relutantemente. – Talvez eu não seja suficientemente santa.

- Tampouco eu – disse Ariel com calma. – Oremos para que não venhamos a trazer discórdia a este lugar que tem sido um refúgio para os filhos de Deus.

Os três ajoelharam no gramado coberto de flores e agradeceram a Deus pela segurança em que transcorrera a viagem, suplicando ainda por purificação espiritual ao se unirem a Enoque e seus conversos. Em torno deles, um bando de passarinhos, brilhantes como pedras preciosas, entoavam melodias que a Shaina mais pareceram humanas, tão precisas e claras eram.

Na manhã seguinte eles prosseguiram seu caminho através da leve subida à qual os conduzia a campina na qual haviam dormido, acompanhando o rio a outro campo de pastagens, flores e graciosos animais selvagens que se encontravam além do primeiro. Ira e Shaina, na tentativa

de descobrir o vale do qual Ariel falara, olharam em direção ao líder, com ares de interrogação.

Adriel sorriu diante da confusão dos outros dois.

- Enoque planejou bem e sabiamente, meus amigos. Papai nos contou que, ao sairmos da floresta e penetrarmos nas duas campinas, ligadas entre si por uma indômita correnteza do rio, teríamos chegado. Ele disse que na segunda campina, que não oferecia qualquer indicação aparente da entrada do vale, haveria um pé de parreira silvestre crescendo sobre um pé de cerejeira silvestre. A partir deste ponto a pessoa deverá abrir caminho por entre um grupo de arbustos, chegando então a uma estreita abertura no penhasco. Ontem, descobri a parreira e a cerejeira silvestres, assim como a fenda no penhasco, mas não quis prosseguir, desejando compartilhar totalmente o momento da descoberta com vocês, que ao meu lado suportaram as vicissitudes da viagem. – Ele hesitou. – Também necessito do conforto da presença de vocês. Espero que tenhamos uma boa acolhida.

Eles caminharam sem proferir palavra por debaixo da árvore em forma de grinalda, a qual, com sua imensa profusão de vinhas, escondia qualquer indicação de que ali existisse um caminho. Adriel desmontou e afastou um pouco os arbustos; através da passagem improvisada, Shaina e Ira cavalgaram cuidadosamente, procurando não deixar qualquer sinal de presença por ali. Um pouco à esquerda, num penhasco rochoso, apareceu uma passagem tão estreita que Shaina se viu obrigada a falar energicamente com Hadash, a fim de convencer o animal a prosseguir. Uma vez do outro lado, os três viram-se diante de um cenário de indescritível beleza. Não era parecido com o vale de Havillá, pensou Shaina, lembrando-se daquele pedaço de terra aberto e fértil.

Aqui parecia um paraíso fechado, um pequeno mundo com vida própria. As poucas habitações que pontilhavam o círculo de montanhas identificavam-se de modo tão perfeito com o cenário mais amplo, que a pessoa necessitava prestar cuidados a atenção para poder comprovar a presença de moradias. A água jorrava e espumejava sobre a encosta de uma montanha, espalhando a luz do Sol enquanto se lançava sobre rochas e pedras, indo formar, finalmente, um estreito regato que terminava num espelhado lago no piso do vale. Cereais e verduras cresciam em pequenos terraços ao longo das encostas montanhosas, enquanto cavalos, gado e ovelhas pastavam placidamente ao sol matutino.

- Você se desempenhou muito bem, Adriel. Muitas vezes me perguntei se seríamos capazes de encontrar um local tão distante e escondido. – A admiração aquecia a voz de Ira enquanto ele colocava a mão sobre o ombro do homem mais jovem.

Certamente Deus foi o nosso Guia – respondeu Adriel.

Dirigiram-se hesitantemente em direção a uma construção de bastante idade, maior que as demais, situada num suave outeiro, imaginando tratar-se da casa de Enoque. Uma mulher alta, de cabelos escuros, volveu-se em direção aos três, surpresa diante de seu aparecimento. Ela moía grãos sobre uma pedra achatada diante da porta de sua habitação.

- Somos seguidores do Deus verdadeiro. Não tenha medo. – disse Adriel rápida e gentilmente ao perceber o temor estampado nos doces olhos castanhos da senhora.

Ela ergueu-se e caminhou com passos firmes, sorrindo e dizendo:

- Sou Rimona, esposa de Enoque. Bem-vindos. Perdoem-me por eu não os haver saudado calorosamente.

Aqui vivemos sob alguma apreensão, pois sabemos que o maligno sempre procurará destruir-nos.

- Gostaríamos de estabelecer aqui nosso lar. Ser-nos-ia possível conversar com seu marido? – Adriel abordou diretamente o ponto.

Bem a seu estilo, pensou Shaina, sorrindo intimamente.

- Ele virá da horta dentro de pouco tempo para tomar a refeição do meio-dia. Por bondade, deixem os cavalos pastando e procurem um lugar à sombra, enquanto eu preparo algo para lhes saciar sede.

A mulher correu para dentro de casa e em breve retornou com um cântaro de suco, do qual lhes serviu. Sorriu timidamente em direção a Shaina, enquanto o líquido escuro borbulhava na taça da moça.

- Talvez enquanto seu esposo estiver trabalhando nos campos, você trará seus grãos para moê-los aqui, e então poderemos conversar sobre a sua viagem.

- Shaina enrubesceu fortemente, aquela cor rosa escuro que lhe tingiu a pele dourada das bochechas.

- Não sou esposa de Adriel, e sim sua sobrinha. Ele é o irmão mais moço de meu pai. Viajamos ao longo de muitos quilômetros, e sem dúvida será uma alegria conversar com outra mulher. – Ela pôde perceber o olhar divertido do tio em sua direção, de modo que orou novamente.

Quando Enoque chegou, assentaram-se em torno de uma mesa diante da casa, de onde podiam contemplar a amplitude do vale. Ali, enquanto se serviam dos alimentos simples colocados diante deles, Adriel contou a história da destruição de Havillá, sua estrada com Natã e subsequente viagem.

A face forte e angulosa do patriarca denotava crescente perturbação, enquanto Adriel relatava a história, e quando esta terminou, ele disse:

- Sepp e Abigail encontravam-se entre os mais valorosos do povo de Deus, e Havillá sempre foi uma fortaleza do Senhor. Lamento muito o seu desaparecimento. Vocês fizeram muito bem ao virem até aqui. Até hoje não temos sido molestados. Talvez os malvados ainda não nos tenha descoberto. Ou talvez, estejam apenas esperando o que lhes pareça a oportunidade adequada. Creio que isto pouca diferença faz, exceto que nos permite mais um pouco de tempo para advertirmos os que poderiam atender nosso clamor.

- Mas vamos falar agora de coisas mais alegres. – Enoque ergueu a cabeça e sorriu. O calor daquele sorriso fez tanto bem a Shaina quanto o conforto que ela sentia, quando menina, nos braços da mãe. Foi como se ele interrompesse a sombria tristeza que ela sentira durante os longos quilômetros de viagem através da floresta e ascendesse uma chama de esperança em seu coração.

- Shaina deixou seu noivo, seus pais e sua vida tranquila e próspera a fim de tornar-se uma filha de Deus. Aceitou todas as adversidades com paciência e coragem. Sinto genuíno orgulho por ser seu parente – disse Ariel, olhando em direção à moça.

Por um momento Shaina sentiu que iria chorar em virtude da bondade refletida nas palavras de Adriel, mas ao olhar par Enoque, foi capaz de controlar suas emoções.

- Muito obrigada por receber-nos neste lugar de refúgio por você preparado. Sou uma das mais inexperientes filhas do grande Deus do Céu, mas desejo ser fiel e andar nos passos de minha avó Abigail.

Enoque dirigiu-lhe um olhar sóbrio e perscrutador.

- Muitos aqui chegaram com o mesmo desejo, filha. Somente uns poucos restam. Para você, que foi criada lá no mundo exterior, é ainda mais difícil. Queira Deus ajudá-la.

Toda a ardorosa expectativa esvaziou-se e uma desolação pior que a morte inundou-lhe o coração. Como se Enoque houvesse lido seu pensamento, o bondoso patriarca acrescentou, em tom amável:

- Orarei muito por você.

Ele permaneceu sentado em silêncio, pensativo, enquanto Rimona retirava da mesa as sobras da refeição. Finalmente, indicando em direção a uma saliência de rocha que se projetava por detrás e acima deles, volveu-se para Adriel.

- Existe uma caverna acima daquela saliência, a partir da qual se pode ver todo o vale. Pelo fato de sua frente estar voltada para o sul, ela é quente e iluminada – um lugar muito agradável. Ela se encontra vaga há poucos dias, pois o homem que nela morava se aborreceu com a vida simples que levamos aqui. Eu sugeriria que a caverna poderá ser um lar confortável para Shaina. – Agora seus olhes se desviaram para Ira – Percebi que você nutre terno carinho pela jovem. Arme sua tenda al lado da habitação dela, e em breve você poderá construir algo bem sólido. Confio-a a seus cuidados. Adriel, filho de Sepp, você fará seu lar entre meus filhos. Poderei utilizar um homem que tem coragem suficiente para lançar-se ao deserto, tendo apenas a Deus como seu guia. Talvez você viaje comigo vez por outra quando eu for pregar nas cidades dos filhos dos homens.

- Sentir-me-ei muito honrado. – Os tristes olhos de Adriel responderam ao convite. – A vida pouco significa agora para mim, exceto quanto ao amor que tenho pelo Prometido. Nunca mais verei os meus queridos.

- Oh, meu irmão, você suportou esta desesperançada tristeza durante todos esses quilômetros? – Enoque observou a desfigurada face de Adriel com profunda piedade. – Pois então deixe-me contar-lhe a respeito das boas novas. O Prometido virá não apenas uma vez, e sim duas. Na primeira vez Ele virá para morrer por nós,[1] ao passo que na segunda Ele aparecerá em glória como poderoso Senhor, a fim de ressuscitar os mortos e conduzir Seu povo ao lar.[2] Os seus amados dormem em paz, tal como ocorrerá com você e comigo, se formos fiéis, até que sua bendita voz nos faça sair de nossas sepulturas.[3]

- Como você aprendeu tudo isso? – perguntou Ira calmamente. – Esta mensagem é totalmente nova para nós.

Humilde e reverentemente Enoque explicou, e sua forte voz revelava a mesma mensagem de segurança que ele demonstrara aquele dia na cidade, junto ao poço.

- Ele me mostrou. Ele me revelou a grande e radiante glória de Sua segunda vinda.[4] Muitas vezes também me senti perturbado ao pensar nos mortos, de modo que supliquei a Deus que me concedesse respostas. Bem cedo, certo dia, enquanto eu me debatia com esses temores, Ele me revelou a Sua solução para o pecado, e tive imediata certeza de que ela é justa, amorável e sábia. Com toda segurança, podemos confiar nEle. Embora não possa tolerar o mal, Ele nos ama e não nos deixará entregues aos resultados últimos e inevitáveis da rebelião humana e do mal. Através do Prometido, Ele proverá um escape à todos os que desejarem. É difícil de crer, mas tão forte é a força magnética do mal, que apenas uns poucos desejarão ser objeto de resgate;[5] para estes poucos, entretanto, o gozo será inexcedível, pois aquilo que Ele oferece satisfaz as mais arraigadas necessidades de nosso ser, e com tal

intensidade que nem mesmo os prazeres do pecado poderiam jamais produzir. Oh, se eu pudesse tornar isto claro àqueles que se estão condenando à destruição nas cidades! Parece que eles apenas vêem meus lábios se movendo enquanto falo, mas nada ouvem. Por vezes, enquanto viajo de um lugar ao outro, fico me perguntando se porventura eu estou fora de meu bom juízo, já que minha mensagem cai em seu ouvidos como se fosse algo totalmente inútil. Depois, porém, quando viajo de volta para o lar e atravesso as densas florestas, sinto a Sua presença, e por vezes os Seus mensageiros viajam a meu lado a fim de instruir-me e me animar. Reconheço então que as palavras da verdade sempre parecerão tolice[6] para aqueles que decidiram separar-se dEle. Sinto tristeza por meus companheiros humanos e decido retornar mais e mais vezes, à procura de corações humildes e dispostos a serem ensinados.

- Você é um homem corajoso. A missão é muito perigosa.

Shaina percebeu o respeito na voz de Ira.

- Não é tão terrível, meu amigo. Fosse eu rico, eles poderiam cobiçar minhas posses, mas eu levo apenas uma mensagem, que à percepção deles nem é perigosa, nem desejável. Na melhor das hipóteses, consigo apenas um converso ocasional, que ainda assim muitas vezes retorna mais tarde ao mundo. Este vale se encontra ainda muito distante da civilização para que represente uma tentação a esta, mas chegará o dia em que a humanidade, multiplicada, fará com que todos nós venhamos a temer por nossa vida.

Separaram-se então, com Enoque retornando a suas plantações e os viajantes procurando acomodar-se em seus novos lares. Shaina examinou sua caverna e pensou no horror que sua mãe sentiria caso pudesse ver o destino

último da filha. Ainda assim, a jovem reconheceu-o como desejável e acolhedor – um lugar para si própria depois de semanas de viagem, sob os inconvenientes da falta de privacidade. Ela quebrou um longo galho de sempre-viva e com ele removeu o lixo que ali deixara o ocupante anterior. Rimona estendeu-lhe braçadas de capim seco das campinas, o qual ela espalhou sobre o piso. Num dos cantos ela estendeu um luxuoso tapete de peles que seu pai amarrara sobre Hadesh na triste manhã da partida. Sobre este ela dormiria.

A caverna fazia uma curva de volta à encosta da montanha, de modo que ela ficava em total privacidade em seu aposento de dormir; começou agora a sentir a satisfação de uma dona-de-casa à medida que arrumava seus pertences. Numa das pequenas prateleiras naturais que se projetavam da parede da caverna, ela depositou o prendedor de barro azul adornado de delicadas flores. Sua mãe lhe prometera, certa vez, que ela usaria o prendedor no dia do seu casamento.

Pensamentos a respeito de Bem inundaram-lhe a mente, e a caverna e seus arredores subitamente pareceram tão frios e escuros quanto todas as florestas não esboçadas nos mapas da Terra. O vale era para ela uma armadilha, da qual jamais conseguiria sair sozinha. Ben estava perdido para sempre. Um forte desejo de lançar-se sobre o tapete, que representava sua cama e ali deixar-se esvair em lágrimas, parecia a ponto de esmaga-la. Lágrimas escorriam copiosamente por suas faces, enquanto ela se dirigia para uma abertura existente na porção posterior da caverna. Seguindo um estreito túnel que em certo ponto fazia uma curva bem angulada, veio ela a encontrar um pequeno trecho gramado e cheio de sol, cercado por muros de pedra por todos os lados. Por entre as lágrimas, Shaina avaliou as possibilidades que

estavam diante de si. Instantaneamente descobriu por que razão Enoque lhe havia designado a caverna. Aqui, neste lugar tão escondido, ela poderia encontrar o Deus de Adão e Abigail. Este Deus que lhe custara tudo o que ela possuía. Caindo sobre os joelhos, ela permitiu que o sol lhe aquecesse o corpo cansado e pesaroso. Mais tarde ela falaria com Deus. Agora desejava simplesmente ficar quieta e sentir-se bem, permitindo que sua postura Lhe assegurasse que seu momento de pesar havia passado, que ela Lhe pertenceria, custasse o que custasse. Contudo, no momento em que se ajoelhou, extraordinária paz encheu-lhe todo o ser, e ela experimentou um amor que em muito ultrapassava o mais intenso amor humano. Era o divino amor, que sempre parecia deixar algo mais a ser explorado, mas que ao mesmo tempo satisfazia plenamente. Um amor que nutri e jamais destruía. Pôde então perceber que o amor se achava presente no vale de modo marcante. Em vez de ter-se tornado prisioneira, de fato encontrara a liberdade. O amor ensinou-lhe tudo isto naquele pequeno e quieto recanto. Finalmente ela adormeceu, enrolada no capim macio e morno, até que o sol desceu no poente, e a fez acordar com frio.

Mais tarde ela trouxe Ira para que este visse a sua descoberta; o velho e fiel companheiro lhe disse:

- É aqui que plantaremos os narcisos silvestres que Adão nos deu.

- Você os trouxe? – exclamou Shaina, olhos arregalados e descrentes.

Ele acenou positivamente com a cabeça, contente com a surpresa que ela tivera.

- Evidentemente, além de muitas outras sementes e bulbos. Tornaremos este vale algo parecido com o jardim do Senhor.

À tardinha, enquanto Shaina e Ira se encontravam assentados na entrada da caverna, conversando, Adriel subiu a encosta da montanha e juntou-se a eles.

- Todos foram muito cordiais e me deram as boas-vindas, mas ao cair da escuridão, necessito de meus velhos amigos – declarou ele, assentando-se com as pernas cruzadas ao lado de Ira.

O luar revelou algo brilhante em suas mãos, e Shaina gracejou um pouquinho:

- Qual o presente que você nos traz logo nesta primeira visita?

- É apenas a minha flauta, e o presente que lhe trago é somente o humilde dom da música.

- Porventura *todos* em Havillá tocam algum instrumento? – perguntou Shaina.

- Exatamente. Papai foi um verdadeiro músico, de modo que insistiu em que todos os seus filhos aprendessem ao menos as noções básicas. Talvez Natã e eu tenhamos chagado a apreciar a música mais que os outros. Sepp ensinou a Bem e a mim a tocarmos flauta durante as longas horas em que guardávamos os rebanhos.

Pela primeira vez Shaina ouviu-o falar de queridos que haviam ficado para trás, de modo que ela se sentiu algo confortada ao ouvir uma vez mais aqueles nomes familiares.

No momento em que Adriel levou a falta aos lábios, Shaina não se sentiu surpresa ao ouvir as lamentosas notas da Canção de Eva, pois ela era também a canção de Havillá. Sua anelante mensagem espalhou-se por sobre o vale que escurecia, qual choro solitário, e na avaliação de Shaina o cântico representava a destilada tristeza de toda a humanidade que guardava a restauração provida pelo Prometido.

Durante as dias seguintes os três se envolveram com as rotinas do vale. Plantaram uma grande horta e a cultivaram cuidadosamente. Quando não se encontrava na horta, participavam dos trabalhos nos campos comunitários de cereais e ao mesmo tempo iam fazendo preparativos para suas próprias casas. Adriel construiu uma habitação de madeira, mas Ira preferiu erguer um abrigo de pedra que se identificava tão bem com a encosta da montanha, que mais parecia ter estado ali desde sempre. Internamente, preparou ele dois quartos, pois sabia que a caverna viria a tornar-se fria, e seu desejo era que, ao chegar a época adequada, Shaina vivesse de modo mais confortável dentro de casa. Na porção posterior ele ergueu uma lareira para obter aquecimento no tempo frio, e os demais habitantes do vale apareceram e subiram a encosta da montanha a fim de verem a notável arquitetura. Aos poucos Shaina chegou a conhecer todos eles.

O velho Amós, que brincara com Sete quando menino; a bela Mahira e seu esposo, que haviam ouvido Enoque enquanto pregava nas ruas de uma cidade, e haviam deixado tudo para trás; os filhos e filhas de Enoque e Rimona – alguns tementes a Deus e amáveis, como Matusalém, outros rebeldes e desassossegados. Alguns já eram casados, outros permaneciam solteiros e amargurados, pois o vale oferecia poucas chances em termos de cônjuges. Não era o Éden. Pecado e tristeza mesclavam-se com verdadeira santidade. Somente o justo Enoque seria capaz de mantê-los unidos através de sua vida pura e seu amorável conselho. Com certa frequência ele deixava o acampamento durante bom número de dias, tão somente para retornar com a face brilhante e tal senso de paz e regozijo dela emanando, que os demais mal

conseguiam olhar para ele. Todos sabiam imediatamente que ele havia roçado nas próprias vestes de Deus, e uma sagrada reverência perdurava no vale durante dias, como se ele houvesse trazido a cada pessoa um presente de santidade. Shaina admirava no patriarca esse relacionamento com a divindade e procurava, ela própria, aproximar-se mais e mais de Deus. Em seu lugar de oração, atrás da caverna, ela buscava ardentemente ao Senhor, e Ele muito se aproximava a fim de tocar a fiel descendente de Natã e Ona.

Quando, semanas mais tarde, Ariel sentou com Ira e Shaina diante do esplêndido fogo da lareira, na confortável casa de pedras de Ira, os dois últimos achavam-se totalmente despreparados para o anúncio do primeiro:

- Amanhã partirei com Enoque para uma viagem às cidades da planície. Ele deixará Matusalém aqui, como líder em seu lugar, de modo que me escolheu para acompanhá-lo. Embora eu me sita honrado, tenho também um pouco de medo. Cresci num ritmo de vida semelhante ao deste vale, à sua santa paz e isolamento. Deste modo, não estou muito seguro de que venha a adaptar-me ao bombardeio do mal, que tanto se alastra naqueles ajuntamentos humanos. É possível que eu veja Natã, Shaina, e assim possa assegurar-lhes que você se encontra em segurança e contente.

Conversaram até bem tarde naquela noite, enquanto ela procurava imprimir na mente do tio as mensagens de amor que almejava que ele fizesse chegar aos parentes. Antes que ele retornasse à sua casa, ajoelharam-se sobre a saliência da rocha, bem acima do vale, e oraram em favor da segurança de Adriel e de Enoque, e por uma pureza de alma que os preparasse para a vinda do Prometido.

Na manhã seguinte, experimentando um sentimento de inesperada solidão, ela observou enquanto os dois viajantes desapareceram pela fenda no penhasco. Enoque muitas vezes se encontrava fora, mas o vale sem Adriel era uma nova experiência, e ela retornou à caverna sentindo que as semanas à frente seriam bastante longas.

Ira, percebendo os sentimentos da moça, chamou de suas escadas:

- Shaina, tive uma idéia. – Ela caminhou por sobre o capim ainda umedecido pelo orvalho matutino, em direção à casa de pedra do amigo, tentando adivinhar o que este possivelmente teria inventado a fim de distraí-la durante a ausência de Adriel. Ele tinha em mãos a velha sacola de couro, imediatamente reconhecida por ela como sendo aquela em que eram carregados, desde sua infância, os bulbos de flores.

- Chegou a hora de plantarmos um pouco. Os bulbos deverão estar na terra durante a estação fria caso queiramos que eles floresçam na primavera, e também existem sementes que precisem ser plantadas agora se quisermos que as plantas nasçam na época aprazada. Nossa casa já foi construída, nossas hortas colhidas. Agora temos que pensar no embelezamento deste vale.

- Talvez a vida aqui seja demasiado séria para nós, e não deveríamos preocupar-nos com frivolidades, tais como flores – respondeu ela, ainda desalentada.

- Bobagem. O Senhor fez o Éden esplêndido, mesmo sabendo que em breve Adão Lhe seria desleal e se rebelaria. Abigail plantou toda a encosta de uma montanha em honra ao Senhor, e mesmo você sempre teve um cantinho especial, primorosamente preparado, no qual adorava a Deus; portanto, eu não mais gostaria de ouvir você falar estas impensadas palavras quanto a “frivolidades”. Em primeiro lugar, plantaremos os

narcisos silvestres do Éden em seu recanto escondido, e depois caminharemos por toda a extensão do vale e prepararemos um plano de longo alcance. Estive caminhando um pouco em direção do norte, onde existem recantos, suspeito eu, em que os pés humanos ainda não pisaram. Ali encontrei arbustos e flores que nos são desconhecidos. Amanhã, você precisa acompanhar-me, e começaremos a trazer alguns arbustos por vez, assim como sementes daquelas novas e estranhas flores. Desde já, sinto-me animado e curioso. – concluiu o velho jardineiro rindo gostosamente, enquanto seus esmaecidos olhos azuis recuperavam um pouco do antigo brilho.

- E seu entusiasmo é contagioso, tanto quanto seus planos – sorriu Shaina. – Quando Adriel retornar, o vale estará banhado em cores, e meu presente a Enoque será um ramalhete de narcisos do vale do Éden. Ele os apreciará, você não acha?

Desta forma os dois, durante os meses frios, juntos exploram as redondezas, escavaram e plantaram. Removeram galhos quebrados, repararam cercas de madeira, plantaram bulbos aleatoriamente em terraços nas encostas ensolaradas das montanhas, construíram curvas de nível com pedras e à noite dormiram pesadamente, já que seu corpo sempre se encontrava saudavelmente cansado após os dias de intenso labor. Lentamente os habitantes do vale começaram a nutrir interesse no assunto, deixando de lado sua pontinha de ressentimento e passando a colaborar com a empreitada.

Por vezes, durante as tardes, Shaina dirigia-se à casa de Rimona. Chegara ao ponto de amara esta gentil mulher que se ocupava tão quietamente dos cuidados do lar de Enoque, trazendo sempre os cabelos presos num coque, na parte posterior da cabeça. Uns poucos fios sempre

escapavam e pendiam, encaracolados sobre sua face oval com de marfim. Seus olhos escuros eram redondos e expressivos, seu corpo, delgado e flexível. Ela jamais parecia afobada, ainda que seus movimentos fossem rápidos e seguros.

- Você deve sentir-se muito sozinha quando Enoque parte ara essas viagens – Falou Shaina com simpatia, enquanto descascava nozes diante do fogo crepitante.

- No começo, quando as crianças eram pequenas, eu não apenas me sentia sozinha, como ainda temerosa. Ficávamos sozinhos aqui no vale, exceto pela presença de Amós, que chegou logo depois de nós. Foi naquelas ocasiões que realmente aprendi a orar. Se eu não houvesse experimentado o temor, talvez prosseguisse caminhando sempre à sombra da experiência de Enoque; entretanto, aqueles dias negros e noites quietas, depois que as crianças haviam adormecido, levaram-me a buscar a Deus de joelhos junto ao fogo, e ali eu conversava com Ele até que Sua presença me parecesse tão real quanto a de meu próprio pai havia sido. Gradualmente vim a compreender que, aos Seus cuidados, eu me encontrava sob a mais absoluta segurança.[7] Não que jamais pudéssemos enfrentar alguma perturbação; significava, isto sim, que todos os pesares que tivéssemos de enfrentar, teriam antes passado sob Seu escrutínio. Você consegue captar a diferença?

- Creio que sim – respondeu a jovem mulher – embora nunca tenha me detido a pensar muito sobre isto. Você está querendo dizer que, por vezes temos que enfrentar problemas a fim de crescermos, a que Deus assim o permite?

- Não se trata de uma punição, Shaina. Muitas vezes as pessoas se confundem com isso. Entretanto, se aceitarmos as provações com plena confiança, Deus pode

usá-las no sentido de ensinar mais a Seu próprio respeito.[8] Em alguma ocasião passada cheguei a pensar que a total dedicação de Enoque ao serviço de Deus fosse um amargo fardo, mas depois de parar de lutar contra tal pensamento, percebi que os meses em que passava sozinha aqui no vale, eram justamente aqueles em que eu mais me aproximava de Yahweh. A partir de então, ao invés de separar-nos, as viagens dele mais os uniam, pois ele encontrara em mim alguém capaz de compreender sua missão e de permitir-lhe a liberdade de prosseguir servindo. Sempre que retorna ele me conta a respeito das alegrias e tristezas de suas viagens, e eu lhe falo sobre novas profundidades de santo relacionamento. Por vezes ele me envolve pelos ombros e diz: "Oh, Mona, que mulher é você! Com Deus como meu amigo e você como esposa, sou o mais abençoado dentre os homens!"

Pondo-se de pé e esticando o corpo Shaina sacudiu para dentro do fogo as cascas de nozes que tinha sobre o colo.

- Você se sente sozinha? – perguntou a mulher mais idosa assentada na cadeira baixa, enquanto erguia os olhos à alta jovem, de pé ao seu lado.

- Não exatamente sozinha – sorriu Shaina. – É como se eu sempre estivesse esperando por algo. Mas também aprendi a encontrar regozijo no Senhor, e geralmente sinto-me contente. Procuro não ficar pensando em meu antigo estilo de vida. Dia a dia tenho compreendido melhor que Ben jamais seria capaz de trazer-me felicidade.

- Temos filhos – insinuou Rimona – e eles pensam que você efetivamente se encontra muito sozinha.

Shaina sorriu de modo malicioso diante do esforço casamenteiro de Rimona.

- Querida amiga, quando Deus encontrar um companheiro para mim, por certo me alertará. Desta vez esperarei por seu sinal. Talvez isso nem esteja em Seus planos. Talvez eu deva viver meus dias aqui em quietude, fazendo o serviço que estiver ao meu alcance.

Disseram boa-noite uma à outra e Shaina caminhou alegremente sob o revigorante ar noturno, ao longo do fundo do vale, e logo depois subia abruptamente as encostas da montanha rumo à casa de pedra, incrustada no pórtico rochoso.

* * *

Meses mais tarde, quando as cerejeiras floresciam nas encostas das montanhas e tulipas e junquilhos tombavam ao longo de muros de pedras, Enoque e Adriel e um estranho cavalgaram através da fenda e desceram em direção ao vale. Shaina que nesse momento estendia seu tapete de couro sobre o pórtico de pedra, foi a primeira a vê-los. Adriel ergueu a mão à moda de saudação, e somente então ela se deu conta de quão frio havia sido o vale sem a sua robusta segurança e presença. Quando ele e Ira lograram descer ao fundo do vale, todos os demais habitantes já se achavam do lado dos cavaleiros, numa fala inteligível de boas-vindas. Enoque levantou Rimona para junto de si, sobre o cavalo, e sua face brilhou de contentamento. Seus netos correram e se atropelaram à volta, e seus filhos e filhas formaram um semicírculo, à moda de proteção, à sua frente.

Adriel cavalgava quietamente logo atrás, tendo Ira de um lado e Shaina do outro. Shaina pensou na oportunidade em que inocentemente segurara as mãos aflitas do tio; agora, porém, sentia certa timidez, que a impedira de saudá-lo efusivamente. Entretanto, lera a

felicidade em seus olhos e sabia que ele sentia muito contente por estar de volta.

Quando a algazarra decresceu um pouco, Enoque apresentou ao grupo Tobias, seu único fruto naquela viagem. O homem parecia aflito e terrivelmente sozinho. Shaina pensou em quão elevado é o preço para alguém tornar-se filho de Deus, e determinou-se convidá-lo para uma refeição, ao lado de Ira, tão logo fosse possível.

- Nosso irmão deixou para trás sua companheira e filhos, seu lar e as propriedades – anunciou Enoque; um murmúrio de simpatia ergueu-se de entre o grupo.

Imediatamente Amós ofereceu ao recém-chegado um quarto onde pudesse dormir até que fosse capaz de construir sua própria habitação. Tobias sorriu diante da calorosa recepção, mas o sorriso foi mais uma espécie de trejeito expresso pela amargura das linhas de sua face.

- Oraremos para que o Senhor alivie o sofrimento de seu coração, amigo – falou Shaina suavemente. – Todos nós conhecemos a dor.

O homem dirigiu-lhe um olhar agradecido, mas nada falou. Shaina volveu-se agora para seu parente.

- Venha, Adriel, você precisa comer conosco esta noite e contar-nos sobre a viagem.

- Deixe-me primeiro tomar banho no regato e vestir roupas limpas. Tenho uma história para contar-lhe, Shaina. Uma solene história, mas ela pode esperar até que tenhamos tomado a refeição.

Apreensiva ela perguntou:

- Mas você viu meus pais? Está tudo bem com eles?

- Mais tarde falarei com você sobre isto – respondeu ele com voz firme. Mas durante todo o tempo em que cozinhava nabos recém-arrancados e cortava os cascudos pães de centeio que Rimona lhe ensinara a preparar, a

apreensão tão somente foi crescendo no íntimo de sua alma.

Enquanto comiam, Adriel admirou os vasos de flores que pendiam de um canto da caverna. Maravilhou-se com a visão colorida que contemplou nas encostas da montanha e disse que aquilo era como que um remédio para os seus olhos, os quais nada haviam visto durante semanas, senão a sombria floresta. Essa demonstração de apreço fez compensar todo trabalho, e Ira e Shaina sentiram-se felizes diante das prazenteiras palavras de Adriel. Dentro da moça, contudo, o temor foi crescendo até que mal lhe foi possível engolir o alimento.

Quando haviam terminado a refeição e a luz do Sol alcançava apenas os picos dos penhascos mais altos na extremidade distante do vale, Adriel recostou-se contra a parede da caverna e começou sua história. Acima de sua cabeça um beija-flor deslocava-se metodicamente de flor em flor, daquelas que se achavam nos vasos dependurados.

- Nossa viagem, em certo momento, levou-nos a cerca de um dia de distância de Havillá. Supliquei a Enoque que reservássemos um pouco mais de tempo e fôssemos até lá. Ele não fez objeções à maior demora, mas considerou que para mim seria perigoso ali aparecer, pois eu seria facilmente identificado como um dos homens de Havillá, de modo que me cortariam a cabeça sem pensar duas vezes. Entretanto convenci-o de que poderíamos envolver nossas cabeças em cachecóis e fazer-nos passar por mercadores provenientes de alguma área distante. Tínhamos conosco amplo suprimento dessas grandes nozes-pecãs; desta forma, contrariando o bom juízo de Enoque, entramos em Havillá na qualidade de vendedores de nozes. Você seria incapaz de acreditar, Shaina, em quanto o vale se modificou. Aquilo que no

passado foram sossegados campos de pastagens, agora é uma cidade que fervilha em pecado. Coisa alguma se parece como dantes, exceto a florida encosta montanhosa preparada por mamãe. Eles a conservaram como uma espécie de relíquia. De fato, essa encosta florida tornou-se objeto de nossa atenção tão logo chagamos. Pareceu-nos que metade da cidade se agrupara ali – uma multidão rouquenha se acotovelava junto ao grande ídolo que eles erigiram entre as flores.

Por que tem ele de ficar indo e vindo em relação a Havillá? Pensou Shaina impacientemente. *Não sabe ele que meu coração está sedento por notícias a respeito de meus pais?* Tratou de conter-se, porém; podia ver que Ira mergulhara totalmente na história.

- Ninguém prestou a mínima atenção em nós – prosseguiu Adriel – tão ocupados estavam todos com dois homens que, sob pontas de lanças, se achavam junto ao ídolo. Algo na aparência dos dois, ainda que estivessem de costas para nós, revelava um caráter familiar, e sobreveio-me profundo mal-estar quando constatei que se tratava de Natã e Ben. Não houvesse Enoque segurado meu braço com um forte aperto, eu teria corrido em direção a eles, embora nada me fosse possível fazer diante daquele mar de lanças. "Eles são meus parentes", cochichei desesperadamente a Enoque. "Temos que fazer algo.

"Nada há que possamos fazer em favor deles" – replicou ele calmamente – exceto orar para que tenham a coragem para enfrentar a morte dignamente, como convém aos filhos de Deus".

Sei que ele estava certo, mas naquele momento quase cheguei a odiá-lo face à sua resignação. Algum líder da cidade, usando um capacete de ouro, faliu a Natã e Ben, dizendo-lhes que eles haviam sido reconhecidos como

homens de Havillá e como tal estariam sujeitos à morte, a menos que se mostrassem dispostos a mostrar sua rejeição ao Deus dos antigos habitantes daquele lugar, ajoelhando-se e adorando a imagem que diante deles se erguia. Profunda tristeza envolveu-me, pois eu sabia que aqueles dois filhos de Sepp trairiam todos os que já haviam sido mortos e se prostrariam diante do resplandecente ídolo. Ben ajoelhou-se rapidamente, curvando a cabeça em atitude de reverência. Tentando imaginar quais seriam os pensamentos daquele meu sobrinho, chorei diante de sua fraqueza.

Adriel volveu-se então e olhou plenamente ao rosto de Shaina – rosto esse que se achava tão branco quanto as pombas que apanham migalhas de comida sobre as saliências da caverna. Ele estendeu o braço e apanhou a mão da moça ao prosseguir.

- Natã ficou ali de pé, hesitante, até que uma lança cutucou levemente suas costas, provocando uma mancha vermelha em suas vestes. Pude ver os lábios de Enoque moverem-se em oração, e eu também clamei a Deus em favor da vitória de Natã. Finalmente seu pai volveu-se à multidão, e sua face era naquele momento tão pálida quanto a sua agora, Shaina; mas ele afirmou em tons claros e firmes: “Não posso ajoelhar-me diante desta coisa inútil erguida no mesmo lugar que minha mãe dedicou ao Criador de toda a humanidade. Até aqui não O servi com todas as minhas forças - sinto-me triste em dizê-lo – mas hoje, diante de toda esta multidão, declaro que Ele é o único Deus vivo e verdadeiro”.

As palavras mal escaparam dos lábios antes que a turba o atacasse com pedras e socos. Nem mesmo foi necessário erguer alguma lança. Dentro de momentos a multidão se retirava, seus pensamentos por certo já ocupando-se de outras coisas. Ali, junto ao ídolo, seu pai

ficou a esvair-se em sangue, derramando-o sobre o solo, vestido de seu manto marrom de oleiro, enquanto revolvia lentamente a cabeça dourada. Enoque e eu não nos atrevemos a falar ou demonstrar interesse pelo evento, mas quando nossos olhos de encontraram, sentimos profundo regozijo, a despeito de toda nossa tristeza.

Shaina chorou quietamente, amparada no ombro de Ira.

- Oh, Adriel – disse ela – de algum modo sorrindo por entre as lágrimas. – Esta é uma história gloriosa. Meu coração está estraçalhado, mas ainda assim é uma história gloriosa. Quem me dera tê-lo ouvido falar essas palavras. Muito obrigada – muito obrigada por ter me contado tudo.

Juntos choraram então os três, pelo pai, pelo irmão e pelo amo estimado. Finalmente Shaina perguntou:

- Você sabe algo sobre mamãe, Adriel? O que ela fará sem papai? Você a viu?

- Nesta viagem não fomos em direção a sua casa, Shaina, de modo que não vimos Ona. Entretanto, quando Ben deixou a cena do martírio de Natã, seguimo-lo a certa distância, até estarmos bem afastados da multidão. Ele, Natã e os servos haviam-se acampado num lugar alto, bem acima da cidade. Haviam vindo para tentar comprar barro. Enquanto Ben subia a montanha, nós o acompanhamos e estendemos diante dele nossos suprimentos de nozes, como se quiséssemos negociar. Então eu removi o disfarce de minha face e ele mostrou-se ofegante, descrente. Atrevemo-nos a falar com ele apenas por uns instantes, mas Ben prometeu-nos que tomaria a sua mãe a seus cuidados. Ele aprecia muitíssimo Ona, e creio que será como um filho para ela, de modo que você não precisa preocupar-se pelo bem

estar de sua mãe. Transmitimos a ele todas as suas mensagens de amor por sua mãe, e tenho certeza de que ele a confortará.

- Muito desejaria ir vê-la – suspirou Shaina. - Ela se sentirá arrasada, em parte pelo próprio fato da morte de papai, e também porque, em seu últimos momentos, ele preferiu Deus a ela.

Adriel apanhou a flauta e, enquanto tocava doce e tristemente, Shaina sentiu a música sob um novo e profundo significado.

Capítulo 6

O Partida

Rimona tornava possível a vida no remoto vale. Conhecia tudo que nele crescia, assim como em vários quilômetros à volta; sabia quais as raízes e plantas silvestres que curavam as raras enfermidades. Dos sedosos pelos dos bodes, assim como da macia lã das ovelhas ela tecia roupas necessárias, como também era capaz de formar um forte e durável recipiente de barro. À medida que os anos passavam, Shaina demonstra-se uma ávida aluna – mas em nenhum outro aspecto notabilizou-se tanto quanto no trabalho com barro. Desde a infância, Shaina havia brincado com ele no assoalho da oficina de artes de seu pai, mas nunca se preocupara em trabalhar de modo sério com o barro. Agora, enquanto aprendia as técnicas, muitas vezes volvendo a roda sobre a qual Rimona formava suas criações, ela veio a tornar-se fascinada e em breve pediu a Ira que revolvesse a roda para ela enquanto se ocupava de dar formas úteis ao barro úmido. Mas não lhe foi possível parar com utensílios simples, planos. Seus habilidosos dedos em breve estariam criando flores e vinhetas como decorações às peças de utilidade prática; mais tarde chegou a elaborar pássaros e veados, e até mesmo semelhanças de figuras humanas – homens e mulheres. Com suas flores e barro ela conseguiu trazer muita beleza, uma vez mais, àquelas vidas espartanas, e todo o vale tornou-se melhor com sua presença.

Muitas vezes, ao cair a tarde de sexta-feira e estar-se aproximando o dia de sábado, Shaina convidava todos os habitantes do vale a subirem à grande plataforma de rocha sobre a qual repousava a caverna, pois dali podia-se contemplar um pôr-do-sol espetacular, Ira construiu um grande altar junto à entrada da caverna, no qual Enoque pudesse oferecer sacrifícios por todo o povo, semana após semana. Haviam desenvolvido o hábito de confessar uns aos outros todo o erro cometido, e também o de acertarem todo pecado particular numa sessão de solene e silente oração, antes do sagrado rito.[1] Somente então é que Enoque sacrificava o cordeiro. Uma vez que o lugar era pequeno, as pessoas conheciam e amavam cada animal individualmente. Portanto, enquanto um cordeiro esperava inocentemente ao lado do altar, muitas vezes esse animalzinho havia sido segurado no colo, como objeto de deleite, durante a semana – logo, o momento de seu sacrifício, quando Enoque erguia o cutelo, representava uma ocasião de amarga tristeza. Depois do sacrifício, por vezes Adriel tocava a flauta e juntos cantavam; muitas outras vezes, porém, era tão intenso o sentimento de santidade que todos se deixavam simplesmente ficar quietos, relutante em quebrar o silêncio.

No dia seguinte, o dia de sábado, reuniram-se todos juntos à piscina natural de claras águas que ficava ao sopé da montanha, com o objetivo de juntos cantarem e orarem antes que Enoque lhes falasse. Shaina sentia grande deleite em contemplar a face do patriarca. Por vezes ele contava as histórias que Adão com ele compartilhara, quanto à Criação a aos primeiros dias no Éden. Contava vez após outra do regozijo de Adão e Eva enquanto exploravam as maravilhas que há pouco haviam saído das mãos do Criador, assim como do temor e da tristeza que

Adão sentira ao ver Eva aproximando-se com o fruto proibido, parcialmente saboreado, em suas mãos, enquanto de mostrava muito fluente na apresentação de racionalizações.[2]

Enquanto Enoque falava, Shaina podei visualizar o vale do Éden, e lhe parecia bem claro dentro da mente a bela e triste figura de Eva enquanto cantava, ao som da harpa de Natã, a história de sua irreparável perda e pungente dor.[3]

Noutras ocasiões Enoque compartilhava a revelação que Deus lhe dera, de que uma grande calamidade afligiria a Terra, depois do que, o Prometido viria para morrer. A história que todos mais apreciavam era a da grande e gloriosa segunda vinda do Prometido de Deus.[4] Não importava quantas vezes ele expusesse esta revelação recebida diretamente de Deus, o grupo jamais se cansava de ouvi-la, pois semana pós semana ele descerrava o imensurável amor de Deus de modo tão terno e único, que todos almejavam conhecer mais a respeito do sábio e maravilhoso Deus que tanto cuidado lhe tinha.

Parecia a todos que semana após semana, o relacionamento de Enoque com Deus se intensificava, até que, enquanto andava entre eles, a própria presença de Deus como que era sentida no meio deles. Todos gostariam que ele não fizesse sozinho suas breves incursões pelo deserto a fim de orar – e muito menos, por certo, aquelas longas e perigosas viagens entre os descendentes de Caim. Sabiam, todavia, que ele necessitava empreendê-las, pois era o homem de Deus, e todos eram abençoados por seres ovelhas de seu rebanho.

Shaina percebeu muitas vezes que Tobias jamais sorria, e não importava quão calorosa fosse a maneira pela qual os outros procuravam incluí-lo no círculo de amizade, ele jamais parecia realmente constituir parte do

grupo. Num dia de sábado, enquanto ela escala altas montanhas, repentinamente descobriu-o apertado numa fenda rochosa, chorando. Surpresa, ela ficou indecisa entre fingir que não o havia visto, ou então falar-lhe; decidiu, porém, pela última alternativa, pois só esta lhe pareceu verdadeiramente honesta.

- Tobias, tenho observado a sua tristeza. Que podemos fazer para ajudá-lo?

Ele sorriu amargamente.

- Levem-me embora deste lugar. Devolvam-me à civilização.

- Você teme que sua esposa e filhos estejam em dificuldades?

- De todos os modos, minha esposa estava a ponto de abandonar-me. Ela era filha de pais ricos e odiavam a minha adoração ao Deus verdadeiro, embora isto não parecesse importuná-la quando começamos nosso namoro. Ela estava empacotando suas coisas a fim de voltar ao lar de seus pais quando Enoque apareceu, pregando sua mensagem de destruição. Pareceu-me que não custaria acompanhá-lo, uma vez que, de todos os modos, eu estaria mesmo perdendo tudo, pensei em unir-me a ele. Depois de haver viajado durante algumas semanas pela interminável floresta, percebi que havia cometido um erro terrível. Odeio este lugar. E também não pretendo viver o resto da minha vida sem uma esposa.

"Compreendo seus sentimentos". Shaina pensou apreensivamente na distância que em se encontrava do acampamento e tomou a determinação de não mais envolver-se em situação semelhante.

- Por vezes eu também me sinto muito solitária, mas tento preencher o tempo com atividades úteis, fixando em mente o pensamento de que esta vida presente não é importante. Existirá, posteriormente, uma vida eterna

com Deus, em que todas as necessidades serão satisfeitas. Mas mesmo aqui e agora, Tobias, se você abrir seu coração a Deus, Ele o encherá de tal modo com Sua sagrada presença, que você desfrutará de regozijo até mesmo neste remoto lugar.[6]

O atormentado e sorumbático homem não respondeu, parecendo até mesmo afundar ainda mais em sua depressão. Shaina, incapaz de pensar em algo mais para dizer-lhe, iniciou a lenta e cuidadosa descida pela encosta da montanha, sempre consciente de que os olhos do homem repousavam sobre ela. Ela sentiu-se, de alguma forma, poluída, e desejou não havê-lo encontrado.

Aquela noite, ao perceber que Adriel escalava a encosta para dirigir-se até à caverna, ela sentiu-se contente, pois reservara uma surpresa para ele. Depois de haverem tagarelado um pouco, ela dirigiu-se ao interior da caverna e retornou segurando algo atrás de si.

- Feche os olhos, Adriel. Durante todo o inverno estive preparando um presente para você. Finalmente consegui completa-lo e mal pude esperar para mostrar-lho.

Adriel, sentado num banquinho à entrada da caverna, volveu o rosto em direção à parede rochosa e estendeu as mãos. Shaina percebeu, enquanto a cabeça dele repousava, relaxada, contra a parede de cor cinza, olhos fechados, que as marcas do sofrimento e tristeza que por tanto tempo haviam sulcado aquela face, agora já não eram tão intensas. Ele parecia, à suave luz do crepúsculo, surpreendentemente jovem e vulnerável. Ela sentiu uma onda de ternura invadi-la, mas afastou-a rápida e vigorosamente, colocando nas mãos dele um comprido objeto, acomodado num invólucro de pele de veado.

Adriel puxou o laço do envoltório, sorridente, gentilmente deleitado e mais comovido do que gostaria de admitir. O que ele retirou do invólucro fê-lo bafejar, maravilhado. Shaina, utilizando várias tonalidades de barro, havia preparado uma miniatura de Havillá. As tendas de Sepp e Abigail espalhavam-se nos lugares adequados, pequenas ovelhas pontilhavam as campinas junto às encostas montanhosas, e o rio mergulhava e emergia por entre os campos e árvores. Abigail trabalhava diligentemente em sua horta de vegetais situada detrás da tenda-cozinha, e Shaina havia formado uma figura tão perfeita de Sepp, em pé, um cordeiro em suas mãos, ao lado do altar, com seu longo e espesso cabelo sendo levemente agitado pelo vento, que Adriel acariciou a relíquia amável e pensativamente, com seu dedo indicador.

Quando finalmente, ele ergue os olhos, estes se achavam rasos de lágrimas. Não havia pronunciado uma única palavra, mas Shaina teve certeza de que seu árduo trabalho fora plenamente recompensado. Agora, porém, entrecortadas, suas palavras foram chegando aos ouvidos dela.

- Oh Shaina, que coisa linda você fez! Quando nossas memórias se tornarem velhas e falharem, esta obra de suas mãos ainda nos recordará de nossa herança. Havillá, conforme foi no passado, jamais morrerá. – Ele golpeou levemente o banco a seu lado, convidando-a a sentar. Gentilmente tomou a mão da moça e ali permaneceram sentados juntos no lusco-fusco, sem proferirem palavra, mas sentindo ambos algo natural e agradável, algo forte e eterno, que entre eles se afirmava. Finalmente, naquele seu estilo simples e sem rodeios, ele falou: - Shaina, com o tempo cheguei a amá-la profundamente, mas sempre tive medo de dizer-lhe isto.

- Medo que quê? – perguntou a jovem, demasiado acanhada, nesse momento, para olhar diretamente nos olhos dele.

- Ora, sou mais velho que você, e talvez não lhe fosso possível pensar em mim como objeto de seu amor, e sim apenas como parente. Mais que tudo, sempre pensei que, talvez, o seu coração ainda pertencesse a Ben.

- Sinto mais por você neste momento – disse ela docemente, enquanto erguia os olhos tímidos em direção à face de Adriel – do que em qualquer oportunidade senti por Ben. Meu amor por ele era superficial e inexperiente. Você e eu, Adriel, estivemos juntos em meio à tristeza, juntos defrontamos um estilo de vida totalmente novo, e juntos e pacientemente aguardamos pelo amadurecimento de nosso amor.

- Não tão pacientemente quando você poderia supor – confessou ele, rindo francamente. – Milhares de vezes desejei toma-la em meus braços e ser confortado e aquecido por seu amor.

- Também senti a mesma necessidade – admitiu ela. – E agora não mais se faz necessário negar esta necessidade. – Ela abriu os braços, nos quais ele se acomodou. Enquanto ela o acolhia com carinho, as lágrimas de ambos se misturaram e sua terrível solidão se dissolveu, tal como se deixa de lado uma roupa fora de moda.

* * *

Rimona e Shaina planejaram uma festa como o vale jamais havia visto. Shaina desejava que a ocasião de seu casamento fosse um período de regozijo, mas ainda assim sagrado – uma experiência santificadora, enfim. Queria

que todos os casais do vale fosse lembrados de seus próprios votos de fidelidade e que o amor de todos fosse renovado.

Durante dias as mulheres dedicaram-se ao forno, preparando pães com frutas e outras delícias com a abundância de suprimentos que cresciam à volta. Rimona tomou seu melhor vestido, preparado com finos pelos cardados de bodes, e mergulhou-o em tintura de casca de cebola. Daí resultou um lindo vestido amarelo-ouro, apenas levemente mais claro que a bronzeada pele de Shaina. Quando ela usou-o no dia do casamento, tendo nos cabelos o prendedor azul de sua mãe, Rimona deixou escapar um suspiro de satisfação. As crianças haviam tecido cadeias de pequenas flores azuis, para serem colocadas em seu pescoço, e a procissão nupcial começou a descer pelo vale. Shaina fizera Adriel descer a um ponto bem distante, à uma área desolada, de rochas íngremes.

- Somente quando você ouvir o som de nossos cânticos é que poderá vir ao nosso encontro – advertiu ela, caçoando enquanto seus olhos verdes dançavam.

A manhã ainda estava em seu começo quando eles vieram – e o sol pontilhava o bem trilhado caminho, sob as grandes árvores. Shaina caminhou vagarosamente, com santo orgulho, mais parecendo uma rainha em sua felicidade. Enoque e Rimona, seus pais espirituais, andavam um a cada lado. Em torno dos três as crianças saltitavam e arremessavam flores. Atrás deste grupo vinham os demais, e seus cânticos de louvor e gratidão a Deus ergueram-se triunfantemente no escondido vale, tão distante dos aglomerados humanos.

Fizeram então uma curva, e Adriel caminhou de encontro ao grupo, tocando sua flauta. Todos pararam e permaneceram em silêncio, permitindo que as jubilosas notas de sua canção de amor se espalhassem claras e

doces no ar matutino. Shaina pôde ver nos olhos do noivo toda a lealdade, seu amor, seu profundo apreço diante da beleza da amada, enquanto ele ali estava de pé, manuseando a flauta, com arrebatadora habilidade. Ele se volveu, então, e conduziu o grupo a um caminho lateral, dirigindo-se a uma pequena clareira que haviam escolhido como o lugar em que proferiram os votos de mútuo amor e fidelidade.

Ela pensou então que sempre recordaria aquele momento. A vigorosa figura de Adriel à frente do grupo, a música de seu Êxtase dançando após ele ao longo do caminho margeado de árvores e penetrando nas mentes dos fiéis filhos de Deus. Ela ficou a imaginar quantas tristezas estariam à espera de todos, quanto perigos penderiam sobre a cabeça dele enquanto viajasse em companhia de Enoque, à procura de corações sinceros espalhados pela vasta superfície da Terra. Será que algum dia ela teria de perdê-lo, a este forte e genuíno homem de Havillá? Nesse instante, procurou deixar de lado todos estes pensamentos de apreensiva expectativa, deixando-se absorver completamente pela felicidade do momento.

Todos tomaram seus lugares debaixo de uma frondosa glicínia, que se achava coberta de flores purpúreas. Ali, enquanto as abelhas zumbiam por sobre suas cabeças, Enoque falou pausadamente ao casal, a respeito da santidade do matrimônio e quanto ao primeiro casamento, ocorrido no Éden.[7] Ajoelharam-se depois todos sobre o piso coberto de flores intensamente azuis, as quais haviam sido plantadas por Shaina e Ira alguns anos antes. O vestido de Shaina, mergulhado entre aquele tapete natural, mais parecia uma chama viva. Enoque pôs uma mão sobre a cabeça de um, repetindo o mesmo gesto em relação ao outro, e ali suplicou solenemente a Deus que unisse os dois seres enquanto

ambos vivessem. Muitas orações vieram após, calmas e sinceras, todas buscando a felicidade de Adriel e Shaina. Crianças pequenas também ergueram suas preces, pois a amizade destas com Deus era tão natural quanto sua própria respiração.

Por último orou Adriel, uma súplica de vigoroso amor por sua noiva diante do Criador do mundo; e a seguir, erguendo-a nos braços, carregou-a em direção à casa na rocha, enquanto ela enlaçava seus próprios braços em torno do pescoço do esposo, seu esbelto corpo tão leve quanto uma pluma para os fortes braços dele, seu vestido dourado esvoaçando brilhantemente sob a brisa matinal.

Eles festejaram, riram à vontade e cantaram. Shaina percebeu que várias vezes Enoque parava a fim de trazer Rimona para junto de si, beijando-a divertidamente diante dos convidados, levando-a a enrubescer de satisfação. *Quão complexo é este homem*, pensou Shaina em seu íntimo. Decidido profeta que adverte destemidamente os filhos de Caim, radiante amigo de Deus, carinhoso e prestimoso companheiro e pai. Ela ficou imaginando que Deus seria parecido com Enoque. Seria tão fácil amá-Lo. *Não*, corrigiu ela a si própria, *Deus é ainda maior que Enoque*.

Quando o sol havia desaparecido completamente por detrás das montanhas e nem mesmo os mais altos penhascos refletiam mais o seu brilho, Shaina e Adriel caminharam de mãos dadas, subindo a trilha em direção à caverna. Lá embaixo os amigos começaram a entoar uma canção de amor tão antiga quanto o próprio Éden:

Ergo a minha amada
e carrego-a gentilmente
Ao lugar de meu repouso.
Ela é maravilhosamente linda,
a minha amada.

Meu coração bate forte
ao seu toque
E a escuridão nos encobre.

* * *

Poucos meses mais tarde, ao findarem os serviços religiosos do sábado, Enoque convidou Shaina e Adriel a unirem-se a ele numa breve viagem pelo vale do norte, para certo tempo de oração solitária e meditação. Uma vez que raramente o patriarca levava consigo alguém, a não ser Rimona e Matusalém – e mesmo a estes, só em raras ocasiões – o casal sentiu-se profundamente honrado. Correram para casa a fim de reunir algumas coisas necessárias à viagem, e puseram-se a caminho a pé, através do terreno agreste que Ira e Shaina haviam percorrido várias vezes à procura de novas plantas.

Enoque lhes falou com maior intensidade que nunca das coisas que haveriam de acontecer.

- Adriel – advertiu o patriarca – os homens de Deus estão escasseando sobre a Terra, embora Ele tenha alguns espalhados aqui e ali.[8] Quando eu tiver ido, você e Matusalém e aqueles dentre meus filhos que permanecem fiéis à Deus devem prosseguir advertindo os homens quanto à aniquilação que está por sobrevir.[9] Suplique-lhes que abandonem o mal e se volvam a Deus. Prometa-me que o fará, Adriel.

O esposo de Shaina olhou ao amigo curiosamente.

- Você é ainda muito jovem, pois nem alcançou os 400 anos, Enoque.[10] A destruição poderá sobrevir muito antes de você ir repousar no pó da terra. Duvido bastante que Matusalém ou eu tenhamos que assumir o trabalho

que você tem feito, embora seja certo que nós viajaremos ao seu lado, qualquer que seja o risco de fazê-lo.

- Mas você me promete? Matusalém já me prometeu solenemente que levará avante a tarefa.

- Sim, prometo – assegurou Adriel comedidamente, reconhecendo que aquilo, por alguma razão para ele desconhecida, era muito importante para Enoque.

Shaina, caminhando após os dois, sobre o caminho rochoso, surpreendia-se diante da conversação. Enoque ainda era muito forte e revelava plena e poderosa capacidade.

Após um dia de jornada, ele os conduziu a uma desolada clareira em meio a grandes rochas. A partir dali podiam-se ver montanhas e vales que jamais haviam sido habitados.

-Porque você vem a um lugar tão abandonado a fim de orar? – perguntou Shaina, sentindo a temerosa solidão do lugar.

- É porque aqui percebo de modo mais nítido a minha insignificância. Nas idades, e até mesmo em nosso vale, onde as pessoas se reúnem, chegamos a pensar que somos vitais ao esquema de coisas, mas aqui, sozinho, tomo consciência de que Deus poderia eliminar-me – e mesmo a todos nós - mediante um simples pensamento. Sinto-me subjugado por Sua divina tolerância para com um povo rebelde. Tenho clara percepção de minha própria indignidade e de Seu compassivo amor por mim. Penso em minha vigorosa devoção paterna para com meus filhos e filhas, e de quanto me custaria enviar um deles a uma missão semelhante àquela que Deus designou ao Prometido aqui na Terra. [11] Somente aqui, sozinho sobre meus joelhos, começo a vislumbrar as incompreensíveis profundezas de Seu amor. Bem, deixemos agora de falar e busquemos por Sua presença.

Eles se separaram, cada um buscando seu recanto particular. Shaina sentia-se subjugada. O que sabia ela a respeito de buscar a Deus, quando comparada com esse santo homem, ou mesmo com seu esposo? Muitas noites, depois que Adriel julgava estar ela dormindo, podia ela ouvi-lo escorregar da cama e dirigir-se através do túnel, ao lugar secreto de oração. Ela, porém, ajoelhava-se e aguardava quietamente. Talvez o Senhor lhe falasse, tal como Ele manifestara sobre ela a Sua paz no primeiro dia em que estivera no vale. A vasta quietude estendia-se diante dela, de modo que pôs-se a imaginar o que seria estar aqui sozinha, tal como ocorria frequentemente com Enoque. Esforçou-se por esvaziar a mente de todos os pensamentos, até que veio a perder a consciência do que ocorria à sua volta, da dor nos joelhos que se comprimiam contra a dura rocha, e até mesmo da preocupação por seus companheiros de adoração. Embora não ouvisse qualquer voz divina, não contemplasse qualquer glória, um calor restaurador inundou seu ser, o que foi por ela reconhecido como aceitação. – a divina aceitação da oferta que ela fazia de seu próprio ser. Era algo tão real quanto as pedras sobre as quais se achava ajoelhada, e lágrimas lhe rolaram pelas faces em gratidão porque Deus viera encontrar-Se com ela nesse lugar, comunicando-lhe Seu amor. Um grande anseio por oferecer-Lhe algo melhor brotou dentro dela.

Ao cair a escuridão, Adriel veio para junto de Shaina e ergueu-a, segurando-a bem junto de si, dentro da dobras de seu grosso cobertor de lã; nada falaram, entretanto, tão forte era om poder de Deus sobre eles repousando neste momento.

* * *

Quando a alvorada lançou seus mornos raios sobre o casal adormecido, a encurvada e umedecida forma de Enoque ergueu-se da posição de oração, junto a uma pedra cinzenta. Despertando, Shaina compreendeu que ele por certo passara ali toda noite, e ergueu-se rapidamente a fim de preparar alimento para o santo homem. Percebeu então nele algo bastante estranho: uma incandescência o circundava, não muito diferente da flamejante glória do Éden. Shaina encobriu a face com o braço e despertou o esposo, que rapidamente se assentou diante da extraordinária vista. À medida que a glória aumentava, Enoque começou a sumir de vista. Ele sorriu para o casal com aquele mesmo e antigo, amável e radiante sorriso, e então falou firmemente com Adriel.

- A promessa, Adriel. Lembre-se da promessa.

O homem mais jovem avançou em direção a Enoque, como que para detê-lo, mas a luz faiscava em esplendor; logo depois, tudo voltou a ficar como antes, exceto que Enoque se fora.[12]

Adriel e Shaina entrecruzaram seus olhares arregalados, possuídos que estavam da mais absoluta perplexidade.

- Ele retornará – assegurou Shaina ao esposo. – Tenho que preparar alimento para ela. Passou toda a noite em oração.

Seu esposo puxou-a novamente para junto de si.

- Não, meu amor, ele não retornará. Deus o tomou para Si. Sem dúvida o mundo será um lugar muito escuro sem a sua presença, mas teremos de levar avante o seu trabalho da melhor maneira que pudermos.

Ela contemplou a área da rocha seca, onde o orvalho caíra durante a noite sobre Enoque, e tentou compreender

que o amigo de carne e osso adentrara a própria presença pessoal de Deus.

- Ali é terra santa, Adriel, e nesse dia vimos algo realmente sagrado. Enoque sabia de tudo ao trazer-nos até aqui, não lhe parece? Estamos tão perto do Céu que chego a sentir-me amedrontada. Por vezes pensamos que estamos tão longe de Deus, que podemos viver nossas próprias vida e nutrir nossos próprios pensamentos, mas Ele está tão perto que Lhe bastou estender a mão e levar Enoque de nosso mundo para o Seu!

- Nada há a temer, minha preciosa – Adriel estendeu o braço de modo protetor sobre a esposa. – Os braços de Deus são mais seguros que os meus. Chego a pensar que Deus queria exatamente que soubéssemos quão perto Ele está; queria também que víssemos, através da experiência de Enoque, que algum dia, quando o Prometido houver pago o terrível preço, Ele retornará e levará consigo aqueles que O amam, exatamente como fez com nosso amigo. Ele almeja que reconheçamos que esta fria e desolada existência não perdurará para sempre, e que além da mesma encontraremos outra vez as glórias do Éden.

Abraçaram-se maravilhados e silentes, diante do que haviam acabado de presenciar. Quando Adriel tornou a falar, sua voz era mais solene do que Shaina jamais a havia ouvido antes.

- Agora temos de voltar para casa, Shaina, e falarei com Matusalém a respeito de nosso comissionamento. Você e eu teremos de ficar longe um do outro muito mais agora, minha querida, e os perigos aumentarão. Uma vez que os descendentes de Caim ouçam a notícia de que Enoque se foi, por certo se tornarão mais ousados. A santidade de nosso amigo como que representava um freio àqueles infiéis.

Enquanto caminhavam de mãos dadas, retornando ao lar através daquelas áreas inóspitas, não conversaram muito, mas cada um saia dos pensamentos do outro. A tristeza da separação repousava pesadamente sobre eles, o miraculoso evento ainda os fazia sentirem-se pasmados, e ao mesmo tempo procuravam imaginar uma forma de relatar a Rimona o sucedido.

- Ela o ama tanto – suspirou Shaina – Será ela capaz de acreditar em nossa história?

Entretanto, quando chegaram à trilha que conduzia ao acampamento, Rimona e os filhos aguardavam por eles; estendendo a mão em direção ao casal, ela disse: “Eu sie, eu sei”. Enoque contara a sua família e dela se despedira antes de partir. O pesar era forte em meio àquelas criaturas, mas Rimona manteve-se de cabeça erguida. “Não é toda mulher que possui um esposo que anda com Deus”, sorriu ela; e Shaina ficou então a pensar que efetivamente a Divindade precisava entesourar um esposo como aquele.

Naquela tarde, quando Matusalém se preparou para dirigir o culto no acampamento, pediu a Adriel que lhe contasse a história do arrebatamento de Enoque deste mundo. Alguns murmuram em tom descrente, outros sugeriram que aquilo era pura bobagem, mas Rimona permaneceu ao lado de Adriel e confirmou a história. Ao final, todos se ajoelharam sob a profunda sensação de necessidade, pedindo a Deus que prosseguisse com Sua presença entre eles. E todos tinham plena consciência de que nada voltaria a ser exatamente como dantes.

Capítulo 7

A Menina

Rimona colocou grãos na pedra de moagem enquanto Shaina, mediante graciosos movimentos de inclinação, pilava os grãos em meio à uma nuvem de pó, utilizando uma bem usada mão-de-pilão. Eles trabalhavam conjuntamente, como se fossem uma só pessoa, e somente quando a mulher mais jovem parou por um instante e afastou os cabelos brilhantes da face cheia de transpiração, é que elas se dirigiram à sombra para um breve descanso.

- Se Adriel pudesse vê-la agora! – exultou Rimona enquanto examinava a face de Shaina, suja e umedecida por pequenos filetes de suor.

- Ele me amaria de qualquer forma – retrucou Shaina, sentindo subitamente em seu coração um anelo pela presença do marido.

Matusalém e o esposo de Shaina haviam viajada há alguns meses a fim de prosseguir com a obra de Enoque, e Shaina, agora acostumada com as viagens, aguardava esperançosa, sem jamais perder de vista que alguma viagem seria a última. De Rimona obtinha ela forças e também aprendera com a bondosa senhora a colocar suas preocupações nas mãos de Deus. Mas jamais conseguia deixar de sentir falta de Adriel.

O vale se modificara bastante desde a partida de Enoque, ocorrida havia 300 anos. Parecia a Shaina que os justos haviam se tornado ainda mais justos, ao mesmo tempo que os ímpios mais e mais haviam crescido em sua

atitude desafiadora; logo, tanto o bem quanto o mal o haviam sido mais puramente destilados. Tobias partira havia muito tempo, acompanhando Matusalém e Adriel, sentindo-se obviamente aliviado ao abandonar o refúgio de Enoque. E ele não fora o único. Muitos dos filhos e netos de Enoque haviam-se aventurado no mundo que ficava além do vale – alguns com o objetivo de difundir a fé no Deus de seu pai, outros para exemplificar a rebelião. Lameque, herdeiro do legado espiritual, não se dedicava a idas e vindas, tal como o faziam seu pai e Adriel, mas viajou para longe, falando destemidamente de Deus, indo por fim estabelecer-se nas próprias fronteiras da terra de Node.

Adriel e Shaina, saudáveis e vigorosos na primavera de suas vidas, conheciam um único propósito – ampliar a adoração e a presença do amor de Deus sobre a Terra. Ambos compartilhavam uma grande alegria. Depois de anos de esterilidade, Shaina dera à luz uma menina de olhos verdes, possuidora da escura e ardente beleza de sua avó, Ona. Mas ela nada possuía da caprichosa natureza de Ona – apenas uma firme ternura que encantava continuamente seus pais.

- Ela tem a face de minha mãe, e a face de Abigail – dizia Shaina frequentemente a Adriel.

- Poderia existir criança mais abençoada?

Eles lhe deram o nome de Navit (Nuh-veet), "a agradável"; e ela era uma filha da Terra do Deus da Criação.

Aquele dia ela se dirigira à casa de uma idosa mulher, que vivia na extremidade distante do vale e agora encerrava sua vida terrestre, caindo natural e pacificamente em seu último descanso, do qual seria futuramente chamada pelo Prometido. [1] Navit conhecia bem a morte e o nascimento, pois acompanhara, desde

pequenina, Shaina e Rimona enquanto estas se dedicavam a esses dois misteres. Agora, aos 22 nos de idade, muitas vezes ela atendia aos outros em suas necessidades, sob quaisquer circunstâncias, e quando os mais idosos se sentiam enfermos ou não mais conseguiam ver, era a presença de Navit que eles solicitavam. A moça os ajudava durante horas a fio mediante seu toque gentil, sua risada fácil e, mais que por qualquer outro meio, com a música que, através de cânticos, sempre se expressava em seus lábios. A música de Havillá achava-se enraizada em sua alma, habilitando-a a tocar os instrumentos que Adriel lhe trouxera da cidade e a utilizar a voz de uma forma tal, que comovia os ouvintes, levando-os às lágrimas. Amós ensinou-lhes as primeiras e antigas canções, cantadas junto aos portais do Éden, e que haviam sido transmitidas de geração a geração; e o próprio Adriel ensinou-lhe a canção de Eva, como toda a sua dor e ternura.

Quando Matusalém e Adriel finalmente apareceram no vale, cavalgando em fila indiana, uma terceira pessoa ao acompanhava.

Shaina e Navit, saltando as escadarias da encosta da montanha, mal prestaram atenção na pessoa estranha, tão grande era o regozijo de ambas por terem de volta o ser amado que há tanto tempo aguardavam. Finalmente Shaina se volveu para a empoeirada pessoa estranha. Adriel ficou olhando, tendo estampado um sorriso sobre a cansada face, e um divertido traço em seus olhos.

Quando Shaina ergueu a mão para saudá-la, a mulher estranha afastou o manto que lhe encobria o rosto e Shaina olhou diretamente para dentro dos olhos de sua mãe. Com um grito de júbilo, lançou-se aos braços estendidos de Ona, e as lágrimas de ambas se misturaram profusamente. Quando finalmente conseguiram falar,

Shaina apresentou Navit à sua avó. Ona contemplou longamente a neta e suspirou.

- Oh, se Natã pudesse vê-la, minha filha. Pois você é igualzinha a mim quando ele me encontrou no mercado, vendendo sedas, há centenas de anos. Venha minha querida. – Tomou a face de Navit entre as mãos e fixou seus olhos nos claros e verdes olhos da neta. – Deus me concedeu o privilégio de ver você. Agora posso morrer em paz.

- Não fale em morrer, mamãe. – interrompeu Shaina, enquanto conduzia o cavalo da mãe encosta acima. Teremos muitos anos de felicidade juntas, aqui neste seguro retiro.

Ira havia-se mudado, vários anos antes para o fundo do vale, dizendo que suas velhas e cansadas pernas não mais queriam que ele subisse a encosta da montanha. Deste modo, a casa de pedras tornara-se de Adriel e Shaina, embora eles muitas vezes preferissem a caverna, com aquela sua deslumbrante visão do vale. Foi para ali que agora conduziram Ona; enquanto Shaina preparava alimentos, conversaram intensamente, as palavras atropelando-se e sobrepondo-se umas às outras, pois necessitavam relatar centenas de anos de existência.

- Você tem certeza de que poderá sentir-se feliz aqui neste lugar? Tudo é muito quieto – preocupou-se Shaina, lembrando-se de quanto a mãe apreciava multidões e danças.

Ona e Adriel trocaram olhares, e Ona respondeu, ainda apresentando em seus olhos um pouco daquela antiga sedução:

- Sou uma nova criatura, e nutro novos desejos, minha filha. Depois que seu pai foi assassinado, senti-me irada com Deus; ao mesmo tempo, porém, lá em meu

íntimo, respeitei a Natã porque no final de tudo ele tivera a coragem de defender suas convicções.

Ben foi amável comigo e construiu-me uma pequena casa nos fundos de sua propriedade, e com o dinheiro que eu possuía, pude viver confortavelmente. Entretanto, com a passagem dos anos, pude ver que ele mudava, do homem gentil e educado que era quando chegou de Havillá, para um tirano cruel, astucioso e enlouquecido por prazeres. Tive que admitir que, quanto mais ele se afastava de suas origens, mais degradado se tornava. Creio que, por fim, o longo braço de Abigail me alcançou e me tocou. Tentei recordar o modo como você e Ira viviam, e fiz o melhor que pude, apesar de minha ignorância, no sentido de seguir o Deus verdadeiro. Quando ouvi falar que na cidade se encontrava um pregador de Deus, fui até a praça a fim de dar-lhe uma olhadela; para a minha mais profunda surpresa, era Adriel.

- Não me custou muito persuadi-la a vir conosco – sorriu o esposo de Shaina, arregaçando os dentes, ainda deleitado com a surpresa da esposa.

- Oh, mamãe – murmurou Shaina, tomando entre as suas as mãos da idosa mulher. – Durante todos estes anos entesourei o prendedor azul e a lembrança de você, naquela distante manhã, enquanto me acenava em despedida. Jamais me atrevi a nutrir a esperança de tornar a vê-la outra vez. E agora você está aqui, não mais o seu velho ser, mas uma nova criatura, que conosco compartilha do amor de Deus. Eu gostaria muito de contar isto a Enoque. Ele se sentiria muito feliz.

- Creio que ele o sabe – fê-la lembrar Adriel, estendendo-se sobre o cobertor de lã, cabeça sobre o colo da esposa. – Oh, meu amor, é tão bom estar em casa.

- O que Ben diz a respeito de tudo isto? – perguntou Shaina, tentando ainda absorver o milagre da presença de sua mãe.

- Ele disse: “Desapareçam, e que eu nunca mais veja a face de vocês. Não sou mais parente, e sim seu inimigo. Lembrem-se disto!” – Um acento de tristeza tingiu a voz de Adriel diante da desagradável lembrança.

- Ele não é mais o Ben que você chegou a amar, Shaina – acrescentou Ona. – Por vezes, depois de tornar-me seguidora de Deus, senti muito medo dele.

Não mais falaram a respeito de Ben, pois cada um deles lamentava por aquele que haviam amado.

Shaina jamais deixou de maravilhar-se diante da fidelidade de Ona ao Deus recentemente que encontrara. Ela era ainda Ona, jovial e ágil de língua, mas por baixo do exterior aparentemente despreocupado, existia uma rocha de sólido comprometimento.

- Mal posso esperar – disse Shaina a Navit certo dia – que o Prometido nos chame a todos dos sepulcros e conduza mamãe pela mão até onde estiver papai. Quero apenas contemplar a face dele. Poder estar com seus amados por toda a eternidade!

- Não nos lance a todos na sepultura, mamãe – advertiu Navit. – É bem verdade que eu própria muito desejo compartilhar deste momento. Vovó trouxe algo especial ao vale, uma espécie de renovada esperança e uma visão mais alegre da vida.

- Ela sempre foi muito especial. – Shaina fez sombra com a mão sobre os olhos e fixou-os em direção ao norte, através do vale. Por entre as montanhas, um cavaleiro solitário abria caminho.

- Corra até as pastagens e diga a seu pai que um estranho vindo do norte está entrando no vale. – Shaina já subia rapidamente a encosta da montanha, em direção

à casa de Matusalém, e fazia-o tão depressa que os pedregulhos chocalhavam-se atrás de suas sandálias de couro. No momento em que o estranha adentrara o vale, Adriel e Matusalém se haviam colocado resolutamente no caminho, secundados pela maioria dos habitantes do lugar.

- Paz - saudou-os ele, enquanto alvos dentes faiscavam em sua face intensamente bronzeada do sol.

- Sou Noé, filho de Lamaque, neto de Matusalém.[2]

Com um grito de alegria, Matusalém, sua esposa Jonine e Rimona correram para abraça-lo – aquele neto e bisneto que não viam desde a mais tenra idade.

- Quais as novas que o trazem aqui filho? – perguntou Matusalém, caminhando ao lado do cavalo, radiante de alegria.

- Papai enviou-me para ver o bem-estar dos parentes que vivem aqui no vale, e também por outras razões. – informou ele, sorrindo como se fosse um garoto, embora já se constituísse em homem maduro.

A chegada de um visitante, excitou todo o vale, e as mulheres prepararam uma refeição especial em sua homenagem. Antes de comerem, todos inclinaram a cabeça à volta das mesas colocadas ao ar livre, enquanto Matusalém elevava uma prece ao Deus dos Céus, agradecendo-Lhe pela chegada, em paz, do neto Noé, ao mesmo tempo que suplicava ao Pai celestial que Se fizesse presente na comemoração. Quando o crepúsculo cresceu, convertendo-se em agradável noite de verão, as pessoas acenderam lampiões alimentados a óleo, e tendo o brilho das estrelas acima de suas cabeças, deram as boas-vindas a Noé, bisneto de Enoque, mediante músicas e muita amizade. Quando os mais idosos começaram a sentir-se cansados, Rimona chamou Navit para junto de uma mesa mais distante e lhe disse:

- Filha, cante-nos algo sobre a viagem para o lar.

Tendo a flauta de seu pai como suave acompanhamento, Navit pôs-se de pé ao lado de uma das mesas e entoou uma antiga canção de louvor que Amós lhe ensinara quando ela era ainda criança. Era um cântico de triunfo, cheio de encorajamento e esperança no Prometido; enquanto os habitantes do vale rumavam de volta a seus lares, os claros tons de voz da moça ondulavam por entre a cálida noite, como se fossem o estandarte de Deus. Noé volveu-se para olha rapidamente a pessoa que cantava, e suspendeu a respiração diante da esbelta beleza da garota de cabelos escuros, cuja figura se recortava por entre os lampiões acesos.

O filho de Lameque envolveu-se com as rotinas da vida do vale, sem aparentemente pressa em deixar o local. Em certa oportunidade, viajou com Adriel e seu próprio avô a fim de pregar nas cidades, o que levou os habitantes do vale a esquecê-lo. Embora ele fosse rápido em reconhecer e sensível em atender as necessidades dos outros, não era uma pessoa jovial. Noé apresentava uma quietude que alguns identificavam como sossego, outros julgavam ser algo intrigante, uns poucos se sentiam aborrecidos com ela, e todos a identificavam como sensata.

Certa vez, Navit, ao levar grãos até a pastagem das ovelhas, encontro-o vigiando os rebanhos. Antes que ele se apercebesse da presença da moça, teve ela a oportunidade de observar sua forte e angulosa face abaixo do emaranhado de irrequietos cabelos negros. *Um homem fora do comum* – pensou ela.

Ao dar-se conta da presença de Navit, ele se volveu para ela e sorriu – um sorriso rápido e deslumbrante, que transitoriamente iluminou sua face sóbria.

- Sinto-me um tanto inútil enquanto aguardo o dia inteiro, à luz do sol, esperando que apareça um lobo para apanhar uma das ovelhas – confessou ele timidamente.

Ele não se sente confortável em presença de mulheres, concluiu Navit, *especialmente quando se trata de uma jovem mulher, sozinha em meio a uma campina florida*.

- Bem, esta é uma forma esplêndida de se gastar o dia, de modo que você não deve perde-lo sentindo-se culpado – aconselhou ela, enquanto derramava os grãos num cocho escavado e afastava, com um dos joelhos, as ovelhas que se comprimiam.

- O que você estaria fazendo se estivesse em casa?

- Nós trabalhamos com couros, fabricando sandálias, túnicas e muitos outros objetos. Meu pai aprendeu o ofício aqui, quando ainda garoto, sob administração de minha bisavó, Rimona. Sempre que nos é possível, viajamos de uma cidade à outra, levando a mensagem do Prometido, tal como faz seu pai. Vendemos os artigos de couro e isto nos permite acesso às cidades, pois eles apreciam nossos produtos e assim suportam que lhes preguemos.

Navit, afastando uma mecha de cabelos escuros de sua face molhada de suor, colocou-se sob a sombra da grande rochosa sobre a qual Noé estava sentado.

- Muitas vezes me pergunto se nossa existência, aqui, possui algum significado. Levamos vida simples, de estilo campestre, enquanto o mundo nem toma conhecimento de nossa presença. O que será que significamos para Deus?

Noé analisou a jovem face que tinha diante de si e imaginou que jamais vira antes tamanha pureza e inocência.

- Você conserva um estilo de vida que está desaparecendo rapidamente – assegurou-lhe ele. – Além deste vale, homens, que uma vez foram valentes defensores de Deus, agora servem-nO apenas nominalmente. Não mais observam como sagrado o sétimo dia, e seus jardins estão abarrotados de ídolos. É difícil permanecer puro em meio a um mundo permeado de rebelião e pecado. Mas aqui, Navit, aqui nesta Natureza simples, as pessoas vivem do modo como Deus panejou que vivessem. Aqui o espírito de gratidão e louvor sempre está ascendendo ao Céu, e a pessoas sente-se próxima ao Criador.

- Eu me sinto contente aqui – disse ela. Durante alguns momentos fez uma pausa. – Sua esposa e filhos não sentem falta de sua presença enquanto você está conosco?

- De modo algum – respondeu ele em tom sério, ainda que um traço divertido pudesse ser observado em seu olhos negros. Ele permaneceu quieto por alguns momentos, apreciando e expressão surpresa da moça. – Veja, ainda nem sou casado.

Foi a vez de Navit mostrar-se acanhada. Subitamente ela se sentiu demasiado jovem e insegura diante deste homem que conhecera o mundo e agraciara brevemente o vale com sua presença. Deixando que os olhos se desviassem ara baixo, sentiu o sangue enrubescer-lhe as bochechas, embora não tivesse a idéia da razão de isto acontecer.

Noé prosseguiu calmamente.

- Embora eu tivesse procurado bastante, nunca encontrei uma jovem que realmente fosse filha de Deus ou, pelo menos, uma que deveras me agradasse. Preferi a solidão a um compromisso que não me satisfizesse plenamente, de modo que aqui estou, com mais de 300

anos de idade, e inda sozinho no mundo. Já me encontra mais ou menos acostumado com esse ritmo de vida, mas papai insistiu em que eu viesse até aqui, à procura de uma verdadeira mulher de Deus.

- Bem, foi uma idéia pobre – disse Navit com franqueza. – Aqui existe apenas um punhado de jovens, e nenhuma delas tem a sua idade.

- Foi o que descobri – concordou ele, humildemente.

Navit não conseguiu compreender por que falara de modo tão positivo, pois não era de sua natureza mostrar-se rude. – Tenho de ir andando – falou ela por sobre os ombros enquanto se volvia, apanhava os sacos de grãos, agora vazios, e se dirigia para casa.

- Sentir-me-ei inútil outra vez se você for embora – respondeu ele de bom humor, mas ela não se volveu para vê-lo. Tampouco – ainda que a ela própria isto parecesse estranho – falou com seus pais a respeito da conversa vespertina, enquanto tomavam a refeição da tarde.

Navit tomou a decisão de evitar Noé de todas as formas e preferiu não haver descoberto que ele não tinha esposa. Mas o que importava isto? Que diferença faria, afinal? Ele era um homem honrado, e ela apenas uma criança quando comparada com ele, sem dúvida. Ainda assim, tratou de manter-se fora das vistas dele.

Poucas semanas mais tarde, Matusalém subiu a encosta da montanha, quando a tarde já avançava bastante. Seguiam-no Jonine e Rimona, conduzindo grandes travessas de alimento fumegante e delícias preparadas ao forno.

- Viemos repartir o pão com você, Adriel – anunciou Matusalém. – Temos um assunto importante a discutir.

Em breve Ira e Ona também subiram, ofegantes, as escadarias, e Shaina compreendeu que o assunto a ser discutido deveria ser mesmo muito importante. A face de

Adriel revelava-se impassível, de modo que aí ela não encontrou qualquer resposta. Compartilharam dos alimentos enquanto se ocupavam de assuntos triviais, mas a atmosfera parecia carregada. Finalmente Ona, que não se preocupava muito com a tradição, falou:

- Por quanto tempo teremos que aguardar a sua mensagem, Matusalém? Estas preciosas iguarias foram perdidas sob a tensão do momento, e de minha parte, eu preferia tê-las apreciado.

Navit esboçou um sorriso. Sua avó parecia ser a única capaz de quebrar a aura de reserva que circundava o patriarca. Matusalém espiou desconfortavelmente em direção a sua esposa. Nunca dantes Navit o percebera desta forma, como que não confiando em si próprio, de modo que a curiosidade da moça cresceu. Finalmente ele se volveu para Rimona.

- Você é melhor para esse tipo de coisas que eu, mamãe? Você poderia...? – gaguejou ele, sentindo-se desconfortável.

Sorrindo, Rimona sacudiu a cabeça de modo compreensivo e maternal diante do pedido de seu alto e amadurecido filho. Navit percebeu, porém, que a idosa senhora tampouco se sentia muito à vontade. – Meus queridos – disse ela enquanto olhava as faces do grupo que, assentado em torno da mesa, comia uvas e lançava as sementes penhasco abaixo – aquilo que viemos solicitar esta noite não tem feito parte da tradição de nossos antepassados, mas a situação é bastante especial. Nosso neto Noé, que todos vocês conhecem bem, não veio até este vale apenas para cuidar de ovelhas e visitar seus parentes. Ele procura uma companheira que seja pura à vista de Deus.

Será que ele já escolheu alguém? Pensou Navit enquanto sua mente percorria rapidamente a pequena

galeria de jovens elegíveis, habitantes do vale. Ela não o vira em companhia de nenhuma das moças mas, de todos os modos, havia-o evitado.

- Há dois dias – prosseguiu Rimona – ele nos disse que encontrara a mulher que havia feito se tornarem compensadores todos os seus longos anos de espera.

Shaina percebeu que a cor desaparecia das faces de Adriel.

- Para a nossa mais absoluta surpresa, ele disse que se tratava de Navit.

Rimona volveu os olhos para Shaina – sua estimada amiga de tantos anos – esperando que ela compreendesse.

Ninguém proferiu qualquer palavra por vários momentos e Navit sentiu o coração quase explodindo no peito. Chegou apensar que os demais conseguiriam ouvi-lo. Finalmente Ariel falou, e sua voz era firme:

- Sentimo-nos honrados, mas ela é demasiada jovem, meus amigos, para deixar este vale.

Navit, sentada, com os olhos volvidos para baixo, sentiu-se algo desolada com as palavras do pai.

Ele estava certo, naturalmente; por que, então, experimentava ela este senso de sombrio desapontamento?

- Certamente aceitarei a sua decisão, meu esposo; mas eu gostaria de levá-lo a lembrar de um dia, há centenas de anos, quando tomei a decisão de acompanhar você a este vale, e meu pai recusou-se a conceder-me permissão. Minha mãe interveio. – Shaina olhou rapidamente para Ona e sorriu. – Sempre fui agradecida a mamãe em virtude de sua compreensão, e jamais me arrependi da decisão que tomei. Talvez devamos perguntar a Navit como se sente diante do assunto.

Tendo os olhos de todo o grupo voltados para si, a jovem lutava por controlar-se. Muitas emoções bombardeavam-na. Temor, confusão, deslumbramento e algo mais – uma pequena chama de regozijo, que ela tentou inutilmente sufocar.

- Não posso responder tão rápido. – Lágrimas lutaram para impor-se. – Apreciaria que me concedessem tempo para pensar e orar. Eu também gostaria de falar com Noé.

-Este não é o costume. – O olhar firme de Adriel desafiou-a a submeter-se ao julgamento paterno. Ele não previa o menor interesse por parte da filha. Rimona fê-lo lembrar-se, falando calmamente.

- É muito difícil seguir a tradição aqui no vale, Adriel. Quão tradicional foi o seu casamento com Shaina? Quem o arranjou? Não é melhor deixar que Noé e Navit conversem a respeito de seus sentimentos e planos futuros? Talvez eles decidam que, afinal de contas, esta união não seria prática.

Prática! Pensou Navit, rindo nervosamente em seu íntimo. Fosse o que fosse o que ela estivesse sentindo por Noé, aquilo nada tinha a ver com praticidade. Era algo bonito como uma borboleta em pleno vôo, e tão difícil quanto esta para se capturar. Embora aquilo fosse tão etéreo que as mente não era capaz de captar, seu coração o havia experimentado – ela o admitiu relutantemente – desde aquele dia, lá na pastagem das ovelhas. Quando, na tarde seguinte, Noé subiu a encosta da montanha em direção à caverna, Shaina tratou se ocupar-se com o barro e sugeriu que ele e Navit atravessassem o túnel e buscassem o recanto secreto a fim de orarem. Noé não conhecia o recanto reservado, e maravilhou-se diante de sua beleza. Shaina enchera buracos na pedra com solo fértil, de modo que agora delicadas flores de cor coral e

em forma de sinos atapetavam alegremente as paredes rochosas. Um pequeno filete de água formava um lago, e o penetrante odor de hortelã invadia por completo o morno ar de verão.

Por que insistia ela em falar com ele? Navit sentiu que o pânico quase a dominava. *O que diria ela, agora que Noé se encontrava a seu lado? Será que os outros realmente esperavam que ela fosse embora em companhia de um homem com o qual apenas falara umas poucas palavras? Por que ele não dizia alguma coisa?*

Noé permanecia de pé, olhando calmamente para ela, como que esperando.

Ele está esperando o quê? Se ele me deseja em casamento, é seu dever dizê-lo. Ele é que deve falar em primeiro lugar. Se ele é uma criatura tão estranha e refratária, talvez seja melhor despachá-lo já.

Assim ficaram eles a olhar um para o outro naquele jardim fechado, enquanto o sol lhes aquecia a cabeça. Após alguns momentos a irritação de Navit cedeu, e ela passou a sentir uma espécie de paz, desejando apenas ficar ali com ele em plena quietude.

Somente então ele falou.

- Navit, minha querida. – Ele a tocou nos cabelos suaves e intensamente negros, maravilhosamente admirado. – Ajoelhemo-nos neste lugar e busquemos o conselho de Deus – Ele orou então de uma forma como ela jamais ouvira antes. Uma prece cheia de amor por ela, que falava de seu desejo de leva-la para casa e entroniza-la em seu coração; mas era também uma oração de completa submissão à vontade de Deus. “Se ela for comigo, Senhor, prometo amá-la ternamente todos os dias de minha vida; mas se ela decidir permanecer aqui no vale, aceitarei isto como o Teu sinal de que devo

trabalhar sozinho para Ti enquanto viver, pois jamais serei capaz de amar outra".

Ele caiu então em silêncio, embora permanecesse ajoelhado, cabeça inclinada, lábios movendo-se em oração.

Navit estendeu o braço e gentilmente passou os dedos sobre os lábios de Noé.

- Basta. Já é suficiente, meu amado. Deus ouviu e respondeu. Sou pouco mais que uma criança, mas irei com você, e junto faremos a Sua vontade e empreenderemos o Seu trabalho.

Noé contemplou-a e então seus olhos negros se encheram de lágrimas. Ele nem mesmo a tocou, mas em seu olhar ela pôde perceber mais promessas do que jamais haviam sonhado pudessem existir.

* * *

Depois de haverem sido realizados o casamento e a festa, os dois preparam-se para deixar o vale. Pela primeira vez Shaina compreendeu o que seus pais haviam suportado há muitos anos, quando ela saíra de casa para nunca mais retornar. Enquanto ela e Adriel sofriam, foi Ona quem os fez lembrar da grande reunião que ocorreria quando o Prometido refizesse todas as coisas.[3]

Os três ergueram-se, sorrindo por entre lágrimas, enquanto Noé e Navit montavam seus animais e ainda conduziam outros dois cavalos de carga através do caminho rochoso, pelo qual Noé entrara no vale. Na cabeça de Navit, achava-se o prendedor azul de Natã, afastando se sua face um chumaço de cabelos negros. Fora a própria Shaina que o colocara ali com toda a amabilidade, enquanto dizia:

- Algum dia, minha querida, talvez você também venha a ter uma filha, e você lhe contará do extremo amor existente entre sua avó e seu esposo-oleiro . E você lhe contará de como ele pereceu às mãos de uma turba, por amor a seu Deus. E então você lhe colocará este prendedor nos cabelos, tal como eu agora faço com você. Somos as mulheres de Havillá, Navit; somos filhas de Abigail. Jamais o esqueça. Embora aquele vale esteja perdido para nós, o mesmo não acontece com sua herança. Devemos sustentar o amor de Deus acima dos males deste mundo. Agora você se dirigirá para além dos protetores muros deste vale, no qual nasceu. Pela primeira vez verá o mal em seu insubordinado desafio ao Deus dos Céus. Lute contra ele da mesma forma como Enoque lutou, andando em íntima relação com Deus; reparta igualmente com outros este conhecimento do Deus que você veio a conhecer e amar.

Shaina chorara bastante naquele momento, enquanto estreitava nos braços a preciosa filha, pensando que 22 anos não haviam representado tempo suficiente para entesourar sua única descendente. Este homem, Noé. Seria ele suficientemente delicado para com sua inocente filha de olhos verdes, que tanto alegrara o vale com sua risada fácil, seu dedicado amor e suas amáveis canções? Ela almejava que sim.

- Oh, minha pequena - sussurrara ela enquanto enxugava os olhos, depois de bastante tempo.

- Eu amo tanto você. Deus a acompanhe.

E agora os dois eram apenas partículas que subiam mais e mais, em direção à linha do horizonte; ela pôde sentir o intenso pesar de Adriel, enquanto ele a segurava. Ele perdera tanto, toda a sua vida, compreendeu Shaina. Suas duas filhas. Ela devotaria seu próprio ser, mais que nunca, à felicidade do esposo. Lentamente ela o conduziu

de volta ao lar, enquanto enxugava as lágrimas do marido com as próprias mãos.

- Venha, meu amor. Em Navit corre firme o sangue do nosso povo. Nós a entregamos a Deus. Não o façamos com lamentações.

Ela correu rapidamente para longe dele, sorrindo, olhando por sobre os ombros, soltando gargalhadas. Uma vez mais era a garota que ele trouxera ao vale depois de atravessarem densas florestas; agora ele correu após ela, apanhando-a nos braços, quase sem respiração, e tentou sorrir mais uma vez, mal sonhando com o destino ao qual Navit se dirigia, cavalgando ao lado de seu sóbrio e devoto esposo.

* * *

Shaina, tendo-se posto cedo de pé a fim de conversar com Deus e contemplar o aparecimento do sol, achava-se sentada sobre a borda de rocha que pendia sobre o vale, perdida em meditação. A doce cor dourada do alvorecer estendia-se por sobre o vale; foi então que ele os viu, enquanto deslizavam um a um através da abertura no penhasco – mal pareciam sombras em meio à semi-escuridão. Erguendo-se rapidamente, ela correu até o canto em que Adriel ainda dormia e sacudiu-o com força.

- Acorde querido, acorde! Pessoas estão entrando no vale, e são muitas. Depressa!

Adriel vestiu-se num instante e juntos eles observaram enquanto uma interminável fila de cavaleiros descia pela fenda do penhasco. Ele volveu-se para a esposa, a tristeza estampada em sua face.

- Minha preciosa Shaina, nossa vida em comum aqui no vale terminou. Morreremos tal qual como nosso povo, firmes no Senhor. Seja corajosa.

Despertaram Ona que dormia na casa de pedras, e juntos os três desceram para o piso do vale, onde, com agourenta quietude, os invasores já avançavam de casa em casa, efetuando sua obra mortal em relação às pobres vítimas adormecidas.

Adriel avançou a fim de encontrar-se com a grande figura do líder montado – as brilhantes tiras de sua arreadora esvoaçavam vistosamente sob a brisa matinal. Em meio à penumbra, Shaina, que seguia após o esposo, procurou ver a face do homem; ao chegar suficientemente perto, não conseguiu evitar um grito de horror, pois aquela era a mesma face que ela uma vez amara. Agora, porém, achava-se endurecida pela idade e elo mal. Atrás de Ben cavalgava Tobias, obviamente ocupando uma posição de honra; então ela compreendeu que acontecera aquilo que Matusalém há muito tempo temera. Enquanto a civilização avançava por todos os lados, alguém que conhecia a entrada secreta do vale a revelara, obviamente em troca de certo preço.

Como se estivesse em transe, ela ouviu a calma voz de Adriel:

- Ben, que traição de tudo aquilo que compartilhamos como parentes traz você aqui neste momento?

O homem de Havillá olhou para baixo em direção aos três, como se fossem estranhos. Shaina quase desmaiou ao ouvir os clamores provenientes de todas as casas do vale, à medida que homens armados assassinavam os adoradores do Deus verdadeiro. Ben dirigia-se a Adriel, e suas palavras eram carregadas de ira fria.

- Você tomou todos eles de mim, Adriel. Um a um. Depois que você foi embora, Natã nunca mais se sentiu

contente na cidade. Ele sentia grande falta dos velhos costumes de Havillá e da adoração a Deus. Perdi-o muito antes que fosse morto, e isto por sua causa.

Você me tomou Shaina, a única mulher que cheguei a amar, e arrastou-a para este lugar escondido. Mas isto ainda não lhe pareceu suficiente. Você a tomou como esposa, e ela, que havia sido minha noiva. E mesmo isto ainda não o satisfez, Adriel. Você voltou e também arrastou Ona, a última que eu ainda tinha. Não me fale de traição.

Ona aproximou-se destemidamente e olhou diretamente nos olhos daquele que ela acolhera em sua própria casa há muitos anos.

- Ben – disse ela com voz surpreendentemente controlada, de maneira quase gentil – Você sabe que isto não é verdade. Todos nós volvemos para Deus por nossa própria e livre vontade. Adriel nata tem a ver com isto. Ele suplicou a você que os acompanhasse quando ele e Shaina partiram bem cedo naquela manhã. Você não pode lançar a culpa deste morticínio sobre ele. É o poder do mal que habita em você que o trouxe a este lugar. Você foi como um filho para mim durante muitos anos. Como pode agora fazer uma coisa dessas?

Ben não proferiu palavra, e então seus homens caíram sobre Ona, e logo depois sobre Adriel. Shaina ficou de pé como uma pedra, esperando a arremetida, mas Ben interpôs seu cavalo entre ela e as lanças, dizendo com voz áspera:

- Ela viverá. Tomem cuidado para que nenhum mal lhe suceda.

- Vá para sua caverna – ordenou ele – e que sua dor seja tão intensa quanto tem sido a minha. – Ele observou-a enquanto ela subia a encosta da montanha no momento

em que os primeiros raios de sol faziam brilhar seus cabelos dourados.

* * *

Os invasores jamais a molestaram enquanto construíam a pequena cidade, embora os anos transcorressem. Tampouco ninguém jamais aventurou-se às proximidades de sua casa de pedras. Uma porção de cada colheita era deixada junto às suas escadarias, e mediante o produto da venda de suas peças de barro no mercado local, ela conseguiu sobreviver. Vez por outra ela se defrontou com Ben ao longo de algum caminho longamente trilhado, mas ele jamais lhe falou, desviando os olhos como se fosse uma estranha. Ela procurou estabelecer amizade com as mulheres, esperando poder falar-lhes do Deus verdadeiro, ou pelo menos mitigar sua solidão, mas elas também a evitavam, demonstrando-se indispostas; ela chegou a compreender que uma espécie de marca invisível havia sido imposta a ela – que, ao final de tudo, o presente da vida que Ben lhe outorgara era ainda pior que uma morte rápida, e que ele por certo planejara as coisas exatamente desta forma.

Ali ficavam apenas ela e seu Deus, e no lugar secreto de oração ela se aproximou mais e mais dEle, até que a solidão se converteu em paz, e esta em regozijo.

Por vezes, em meio à escuridão da noite do sexto dia, os habitantes da cidade podiam ouvi-la entoar as antigas canções do povo de Deus, e aqui e ali alguns corações tremiam diante da lembrança das palavras de Enoque, sentindo apreensões face ao futuro.

Capítulo 8

O Barco

Navit pôs-se de pé num momento, sacudindo migalhas de pão da toalha que cobria a mesa, junto às escadas da longa e baixa casa de madeira de carvalho que Noé lhe construíra logo depois de sua chegada a este lugar. A casa se encaixava esmeradamente no ângulo formado pela encosta da montanha e quase parecia uma parte da criação original, com seus bancos de flores e arbustos espalhando-se à distância. Diante dele estendia-se uma ampla campina de pastos verdejantes, fragrante pela presença de trevos floridos, e pontilhada com rebanhos de Noé e seus filhos. O horizonte que lhe ficava à volta era constituído por um suave recorte de graciosos outeiros arredondados. Pequenas cidades encontravam-se à volta, a cerca de meio dia de viagem, e alguns viajores iam e vinham pela velha estrada que cruzava a noroeste as pastagens da família, mas Noé era respeitado e sua família vivia sossegadamente à distância dos viajantes enquanto estes se deslocavam de um local para outro.

Ou pelo menos havia sido esta a vida até que Noé começara a construir o barco. [1]

Dobrando cuidadosamente a toalha, ela volveu-se para observar a cena, não muito distante da estrada, que agora atraía muitos curiosos; estes se acotovelavam em grande número por sobre a campina outrora calma.

Por sobre um enorme e agora quase oculto esqueleto de madeira de ciprestes, homens fervilhavam ocupados

com as mais variadas tarefas. Três daqueles homens eram seus filhos, Se, Cão e Jafé. Outro era o velho patriarca Matusalém, e havia inda muitos dos tios e primos de Noé. Ela já perder a conta de todos eles, especialmente depois que seu marido também passara a empregar muita mão-de-obra contratada.

O canteiro de obras continha igualmente várias casas destinadas a abrigar os trabalhadores, uma grande estrutura sob a qual o grupo tomava as refeições, bem como alojamentos nos quais os viajantes podiam parar e observar e ouvir os apelos de Noé em favor de sua alma, por vezes ternos, outras vezes severos.

A vida dos membros da família havia mudado grandemente desde a noite em que Noé regressara de seu período de oração vespertina, apresentando uma face pálida por debaixo da pele bronzeada do sol. Chamando Matusalém, que vivia no lar de Noé, este aproximara Navit de si e a fizera sentar num banco próximo; enquanto os lampiões a óleo lançavam longas sombras do grupo por sobre as paredes de madeirada casa, ele lhes contou que um anjo do Senhor dele se aproximara. Eles não questionaram aquilo que eles lhes dizia, sabendo que Noé sempre andara nas santas pegadas de seu bisavô Enoque.[2]

Obviamente abalado, Noé permanecera sentado em silêncio, por alguns momentos, procurando recompor-se. Navit apertou gentilmente o braço do marido e ele se acalmou, como sempre sucedia diante do toque da esposa.

Finalmente ele prosseguiu:

- Eu estava orando, mas, mesmo com os olhos fechados, tive a percepção de uma radiante luz que me atravessou como se fosse uma lança, de modo que caí sobre o solo, aterrorizado.

Navit recordou a história da luz junto aos portões do Éden, que sua mãe lhe contara.

- Porventura pecamos, Noé? – perguntou ela, denotando grave temor na voz.

- Todos nós pecamos,[3] minha querida. – replicou Noé; - mas esta não foi a mensagem. Os juízos preditos por Enoque estão a ponto de cair sobre todos os que desafiaram a Deus e se recusam a manifestar fé no Prometido. – A magnitude do que ele havia experimentado, assim como a terribilidade da mensagem de condenação que atingiria milhões, pareciam querer esmaga-lo, de modo que chorou. – Oh, quão bom se alguma outra pessoa houvesse sido escolhida para levar avante esta medonha tarefa – gemeu ele.

Matusalém, sulcado e encanecido pela idade, de seu banco, junto à janela, falou:

- Não é coisa de pouca monta haver encontrado o favor diante dos olhos de Deus.[4] Leve avante sua missão, manifestando confiança nAquele que o chamou, e ponhamo-nos a advertir todos aqueles que estiverem ao nosso alcance.

- O que fomos incumbidos de fazer? – Navit percebeu que havia mais alguma coisa na história do esposo.

- Devemos construir um grande barco – ruminou Noé, ainda aturdido.

- Um barco! – Ela riu vigorosamente, a despeito de si mesma. – Meu querido, não existem águas maiores, a não ser um pequeno lago e alguns regatos, ao longo de muitos quilômetros à nossa volta. O que iremos fazer com um barco?

- Haverá um dilúvio, [5] Navit, o qual sobrevirá a toda Terra; somente aqueles que estiverem no interior do barco poderão salvar-se.

- Dilúvio? – Os olhos de Matusalém fixaram-se arregalados, na face do neto. – Porventura Deus explicou o que é um dilúvio?

- A Terra será totalmente coberta por água – repetiu Noé pacientemente. – Ela cobrirá até mesmo os cumes das mais altas montanhas.

- E de onde procederá toda esta água? – insistiu o idoso homem.

Noé suspirou:

- Dos céus e das profundezas da terra. E não me peça para explicar como será isso, pois também não o sei. Somente posso falar daquilo que me foi dito. O anjo utilizou o termo *chuva* ao falar das águas que cairão dos céus.[6]

Navit pensou no orvalho que caía sobre a terra todas as manhãs, antes do alvorecer, umedecendo gentilmente toda a vegetação. “Chuva”. Ela experimentou a nova palavra sobre a língua não acostumada com a mesma, e tentou imaginar a água caindo a partir da grande e azul expansão que se arqueava sobre eles, dia após dia.

- De que modo nos desincumbiremos de semelhante façanha? – O idoso homem estendeu pesadamente diante de si as pernas cansadas.

Deus estabeleceu cuidadosamente Seu plano.[7] Este requererá nosso tempo e todos os nossos recursos. Nosso negócio de produtos de couro terá de ser abandonado. Deus nos concedeu 120 anos para construirmos o barco, e advertirmos o mundo. Viveremos do produto de nossas hortas e de nossos rebanhos. Também teremos de empregar muitos operários. Por fim, o projeto requererá tudo aquilo que possuímos. – Ele olhou em direção a Navit, assentada a seu lado – aquela sua pele de cor oliva esboçando o brilho da saúde, seus cabelos negros encaracolando-se livremente por sobre a face. Seus olhos verdes, claros e confiantes, fixaram-se nos do marido.

- Está tudo certo, Noé – cochichou ela, enquanto um sorriso desbotado lhe fazia encurvar os lábios. – O que quer que Deus lhe tenha dito, está tudo certo.

* * *

Andamos um longo caminho, pensou ela agora, ainda de pé sobre as escadarias, expostas à luz do sol. Cento e dezoito anos de intenso labor e amargo ridículo. A princípio alguns haviam ouvido, considerando com seriedade a mensagem de Noé. Haviam até mesmo ajudado na construção. Mas, à medida que os anos escoavam, o barco e seu esposo vieram a tornar-se objeto de zombaria. As pessoas o consideravam como um tolo, ou mesmo um débil mental. Multidões apareceram para ver e ridicularizar. Somente no sétimo dia, quando a família repousava, conheciam eles alguma paz, e, mesmo assim, os curiosos vagueavam descaradamente em torno da arca, admirando-se da meticulosa construção enquanto escarneciam da mensagem de Noé.

Exatamente agora ela podia ouvir a voz do esposo, erguendo-se acima da confusão das marteladas e da conversa entrecruzada. Embora não conseguisse distinguir perfeitamente bem as palavras, conhecia-as profusamente. “O tempo está se encerrando, meus amigos. Deus fará o ajuste de contas. Vocês têm usado as riquezas da Terra sem qualquer pensamento e obediência para com Aquele que as provê. Vocês se colocam de joelhos diante de ídolos de prata e sacrificam seus próprios filhos sobre altares de ouro. Vocês têm criado seus próprios deuses, fazendo-os objeto de adoração. Recusam-se a demonstrar fé no Prometido. Não têm

demonstrado qualquer tristeza por seus pecados, e a condenação jaz à sua porta.[8]

- A água cobrirá a Terra. Somente aqueles que entrarem no barco se salvarão. Vocês têm feito com que Deus Se arrependa de Sua própria criação. Voltem-se, retornem de seus maus caminhos enquanto ainda há tempo. Deus é misericordioso. Deus perdoa.

Ela ouvira o marido milhares de vezes, de modo que já nem prestava atenção nos gritos de escárnio.

- Deveremos trazer um cântaro de água para este grande dia, Noé?

- Você tem apanhado muito sol na cabeça, Noé!

- o que faz você pensar que é mais santo que nós, Noé?

Vez por outra, ela pudera perceber alguém, situado nas orlas da multidão, verdadeiramente ouvindo, e ela se dirigia até essas pessoas, insistindo em que levassem a sério as palavras de Noé. “Deus não está pedindo muito. Tão-somente entrem no barco quando Noé o chamar. Confie nas palavras dele. Ouça o que diz o meu esposo. Ele é um homem de Deus. Ele seria incapaz de mentir a vocês.” Ela nunca sabia se aquele seu esforço era de alguma utilidade, mas sempre prosseguia tentando.

E seus filhos. Ela se sentia orgulhosa deles. Prosseguiam martelando, serrando e aplicando betume às paredes do barco. Na mesma noite em que Noé revelou a mensagem que recebera do Senhor, ele contara a Navit, mais tarde, na privacidade do casal, que no concerto estabelecido por Deus com ele,[9] o Senhor mencionara filhos e até mesmo as esposas destes.

- Não senti qualquer necessidade de lembrar ao Senhor que não temos filhos – acrescentara Noé, rindo com gosto.

- Isto significa que terei filhos, meu querido. – Navit respirou fundo e com tal êxtase de regozijo, que seu esposo riu fortemente uma vez mais, enquanto a trazia para junto de si.

- Espero que seja exatamente isto que Ele tenha querido dizer – murmurou ele em meio aos macios cabelos escuros da esposa. – Os campos de Noé encher-se-ão do riso de crianças e com a derrubada das árvores. Oh, minha doce namorada, os anos que estão à nossa frente serão muito solenes, mas... *filhos, você é capaz de imaginar, Navit, filhos?*

Ouvindo a exultação do marido, Navit pôde compreender quão intenso havia sido o seu anelo durante os anos que ela se revelara infecunda. Ele ocultara estes sentimentos a fim de poupá-la, mas agora, quando havia uma segura promessa, ele podia dar-se ao luxo de explodir numa selvagem alegria, que ela foi capaz de perceber em cada fibra de sua musculosa constituição. Ela sentiu-se embriagada com a excitação do marido, e ambos se abraçaram efusivamente, rindo e chorando ao mesmo tempo, almejando que logo se cumprisse a promessa de fertilidade.

Tudo isso ocorrera vinte anos antes do nascimento d Jafé.[10] Algumas vezes, durante esse período, Navit ficara a interrogar-se se o marido ouvira corretamente as palavras de Deus, mas ele jamais duvidara. Diante da primeira indicação de gravidez da esposa, ele construíra um novo altar e oferecera um sacrifício em ação de graças. Os filhos tinham vindo – três, na verdade – e um bem perto do outro, até que pareceu a Navit que ela sempre teria de andar com as costas encurvadas e o ventre arredondado e saliente, como se fosse uma roliça melancia. Mas ela desfrutara todos os momentos daquela experiência. O movimento de vida dentro de si, as intensas tarefas

maternais que a sobrecarregavam, o maduro intumescimento de seu corpo enquanto ela nutria a semente de Noé. Mais depressa do que se dera conta, tudo havia passado, e em breve ela readquirira o corpo esbelto enquanto corria atrás de três garotos travessos, tratando de mantê-los sempre distantes da multidão e fora do caminho dos operários.

À tardinha Noé conduzia os meninos pela estrutura, explicando-lhes o trabalho, o propósito e a sagrada tarefa que recebera. Ali, em meio à surpreendente velocidade com que a construção se desenvolvia, ele os ensinou a dobrarem seus pequenos joelhos diante de Deus e a lhe apresentarem singelas orações, repetindo as palavras que ele próprio pronunciava. Eles cresceram e se tornaram jovens, fortes e vigorosos homens – um deles loiro como seus antepassados de Havillá, os outros dois morenos e meditativos como o pai. *E eles nada conheciam a não ser o barco*. Conheciam o ruído produzido por grandes árvores que caíam mediante um estrondo capaz de sacudir aterra por vários quilômetros ao redor. Conheciam a dureza da tarefa que representava cortar a bonita madeira, dura como pedra. Conheciam a tendência à perfeição expressa na vontade do pai, enquanto ele executava a construção de acordo com o projeto divino. Eles conheciam o calor do sol ardendo em suas costas escuras, os calos das mãos e o ritmo de martelos que golpeavam incessantemente em seus ouvidos.

Navit temia que as esposas de seus filhos não permanecessem fiéis à missão. Noé encontrara para seus filhos primas distantes, descendentes de Enoque. Tinham sido cuidadosamente escolhidas, mas as jovens já haviam adquirido muitos costumes mundanos antes de se tornarem parte da família de Noé. Com muito tato e amor, Navit falou-lhes do amor do Deus verdadeiro, mas, ela

teve a sensação de que afinal de contas, fora a humilde integridade de Noé que lhes cativara os corações.

Seu sogro, Lameque, morreu três anos antes, mas Matusalém ainda vivia e desenvolvia atividades. Navit apreciava mito tê-lo com a família, pois tão-somente ele compartilhara com ela os distantes dias do vale do Enoque. Muitas vezes falavam a respeito daqueles delicados dias, assim como de Rimona, Jonine, Shaina e Adriel. Matusalém estivera fora do vale quando a invasão de Ben ocasionara a morte de todos, exceto de Shaina. Quando ele retornou e percebeu a grande quantidade de rastros barrentos na entrada, suspeitou que alguma catástrofe se houvesse abatido sobre os habitantes. Cautelosamente contornou o vale até que, a partir da extremidade norte, foi capaz de observar toda sua extensão; conforme suspeitava, observou o frenesi de construções invadindo todo o lugar. Não conseguindo reconhecer qualquer pessoa, tomou como certo que todos os habitantes haviam sido mortos e sob a mais amarga tristeza tratou de chegar até a habitação de seu filho Lameque e seu neto Noé. Ele e Navit haviam estado um ao lado do outro em sua mútua dor, e ele se mudara prazerosamente para a casa dela, conseguindo gradativamente recuperar-se sob seu terno cuidado.

Após o nascimento de seus filhos, Navit almejou dolorosamente pela presença de sua mãe. Hoje ela suspirava por poder mostrar a Shaina a fragrante campina com aquela estranha estrutura avolumando-se em sua porção final. Queria sobretudo destacar as três figuras bronzeadas que eram seus filhos, bem como sua fidelidade a Deus e ao encargo que sobre eles pesava. Queria também que sua mãe soubesse do amor que reinava entre ela e Noé – daquele selvagem e doce amor que os unira para sempre. Percebera a dúvida nos olhos

dos pais quando ela e Noé haviam cavalgado para longe de casa. Desejava que soubessem agora que ela agira corretamente – mais do que ela própria seria capaz de sonhar ao entregar-se a Noé. Que, a despeito de todas as pressões sobre ele exercidas em virtude de seu trabalho para Deus, jamais deixara de procura-la à tardinha a fim de confortá-la e nutri-la, e para mostrar-lhe a mais terna afeição imaginável. Era como se o fato de ele havê-la descoberto jamais se houvesse apagado de sua mente, antes o fresco sabor da descoberta exercida sobre o coração dele o enchesse diariamente com o mais extraordinário regozijo. Se tão somente sua mãe pudesse tomar conhecimento de tudo isto!

Zoé, a esposa de Sem, chamou-a do curral das ovelhas, e Navit correu à janela de madeira que oferecia visão para o lado oeste da propriedade.

- Você poderia trazer-nos algo para beber, mamãe? – solicitou a jovem enquanto segurava uma ovelha entre os joelhos e habilmente tosquiava o irrequieto animal. Zoé havia assumido gradualmente o encargo do gado e das ovelhas pelo fato de a construção exigir mais e mais tempo dos homens. Navit maravilhou-se ante a forte e saudável figura da nora, enquanto esta colocava mais um animal em submissão. Os rebanhos de bovinos e ovelhas haviam prosperado sob seu cuidado, provendo agasalho e alimento para a família. Navit e as outras duas, Malka e Nasya, cuidavam dos campos e hortas. Haviam trabalhado arduamente, como se fossem homens, mas o trabalho liberara nelas tal grau de vitalidade, que Noé e seus filhos se maravilhavam da beleza de todas. Os oito eram como que uma só pessoa, enquanto pregavam, construíam, armazenavam – uma unidade uniformemente concentrada em preparar as pessoas e o lugar para o tempo da chuva.

Navit correu em direção à casa a fim de trazer algo refrescante para Zoé e suas tosquiadoras.

Nessa noite, enquanto Noé falava da enorme quantidade de alimentos que necessitavam começar agora a armazenar no barco, tanto para pessoas quanto para animais,[11] Matusalém parecia desinteressado, com seus pensamentos povoando alguma região distante. Noé dependia muitas vezes da magnífica memória do idoso senhor, e agora falou-lhe com um certo traço de impaciência:

- Vovô, eu gostaria que você se encarregasse dos suprimentos que deverão ir para o barco. Tenho de transferir estes números de minha mente para a sua, de modo que eu não tenha de gasta tempo envolvido em reunir grãos e frutas secas. Não haverá nisto trabalho extenuante, no que diz respeito a você. Ombros mais jovens poderão empreender o trabalho físico. Mas necessito de sua mente confiável no trabalho de supervisão.

Matusalém contemplou o neto afetuosamente. Haviam juntos conduzido o trabalho de Deus ao longo de muitos anos, e em meio a severos perigos e pequenas vitórias.

- Meu filho – disse ele em tons amoráveis – você terá de armazenar seus conselhos em outra mente, pois eu me dirigirei à minha última viagem, da qual não haverá retorno.

Navit respirou ofegantemente. Estaria ele falando da morte? Ela podia vê-lo enquanto subia com certa dificuldade a encosta da montanha, rumo à caverna, há muitos anos – levava consigo alimentos e logo mais procurava encontrar palavras que expressassem, diariamente de Adriel e Shaina, o amor de Noé por ela.

Sobre o que estaria ele falando agora, aqui neste lugar que se tornara o seu lar?

- Quero empreender uma última viagem às cidades, advertindo-as da chuva que virá – prosseguiu ele. – Milhares ouviram apenas rumores. Eles se lembrarão de mim, saberão que falo a verdade. Talvez uns poucos atenderão a advertência. Se minha vida for poupada, eu gostaria de ir, depois de tudo, até o vale de meu pai, onde certamente encontrarei a morte; não antes, talvez, de haver apresentado minhas palavras e lhes oferecido a última oportunidade.

Ele está falando daqueles que assassinaram a sua amada Jonine e sua preciosa mãe Romina, pensou Navit enquanto se lhe enchiam de lágrimas os olhos.

Noé começou a falar, mas Matusalém ergueu a mão.

- Não tente dissuadir-me, filho, pois é esta a vontade de Deus.

Na manhã seguinte o velho homem cavalgou para longe da vista e todos, ao longo da estrada já ladeada de curiosos e zombadores. Em meio às lágrimas, Noé e Navit observaram-no distanciar-se – aquele gigante gentil e de cabelos brancos, cavalgando calmamente em direção à morte certa que lhe destinava o desempenho da missão divinamente recebida.

- Eu queria tanto que ele estivesse conosco no barco – soluçou Navit enquanto se agarrava a Noé.

Seu esposo suspirou, esfregando gentilmente a barba contra o rosto de Navit.

- Sinto-me agora mais sozinho do que alguma vez já julguei possível. Ele era um grande conforto e fortaleza para mim, sempre que a turba zombava e me lançava frutas podres.

- Agora Deus será sua fortaleza, meu amor – disse ela mansamente. – Talvez isto seja parte de Seu plano.

Depois disto, porém, ela passou a roubar de suas tarefas tanto tempo quanto possível, a fim de estar ao lado do esposo enquanto este pregava, permitindo que os insultos e os "mísseis" caíssem também sobre ela, até ao ponto de chegar a experimentar a dor do esposo em todos os recessos de seu próprio ser; e assim o amor de um pelo outro e de ambos por Deus cresceu ainda mais.

Sem, Cão e Jafé trabalhavam com toda intensidade de suas mentes, por vezes avançando noite adentro, pois o luar invadia a campina e lhes permitia ver razoavelmente bem. Isto ocorreu porque, à medida que o desdém em torno do projeto aumentava, os trabalhadores contratados escassearam. Zoé, Malka e Nasya, tendo sempre a ajuda e estímulo de Navit, encheram mais e mais os grandes depósitos do barco com seus grãos, feijões e pasto seco para os animais. Durante os últimos meses eles, os sete, trabalharam quase sozinhos, pois Noé dedicou-se a pregar com maior fervor que nunca.

* * *

Matusalém penetrou no vale a partir do rochoso acesso do norte, abrindo caminho por sobre um trilho raramente utilizado. Em várias cidades ele contara a história das grandes águas que encobriram a Terra. Da maioria delas ele mal conseguiu escapar com vida. Seu coração partira-se de dor com as coisas que havia contemplado. A doença do pecado e da rebelião grassava por toda parte, maligna, sobre a Terra, e a humanidade abusava do precioso dom da vida sob todas as formas imagináveis. Os homens lutavam nos lugares férteis da Terra, seu sangue ensopando as verdejantes campinas e vales escondidos. Por toda parte imagens erguiam-se em

meio a elaborados jardins, e suas faces benignas disfarçavam suas cruéis demandas. Matusalém almejou muito o calmo lar de Noé e Navit e os campos gentis onde um grande barco se erguia em direção ao céu, mas ele tinha de si uma última missão – aquela que o levaria ao lar de sua infância, e ali ele não esperava sobreviver.

Durante um momento ficou em pé, parado, medindo a profundidade do vale, relembrando o distante passado. Pôde ver Navit, uma garotinha de irrequietos olhos verdes e encaracolados cachos pretos que caíam sobre a face, trotando após os passos de Shaina enquanto levavam uma cesta de alimentos para alguma pessoa doente ou idosa. Seus olhos passearam sobre as encostas montanhosas, cheia de cores, s quais Shaina e Ira tinham cultivado havia centenas de anos. Não havia muito para ser reconhecido. Os humildes lares do povo de Deus haviam desaparecido, substituídos agora por estruturas tão magnificentes, que o velho homem as contemplou, olhos arregalados de surpresa.

Lentamente ele abriu caminho descendo ao piso do vale, em direção ao mercado público e encostou-se, muito cansado, a um dos pilares; ali, aquecido pelo sol, começou a falar. Gradualmente o trânsito da rua foi-se tornando mais lento e as pessoas foram-se acumulando ao redor dele, alguns ouvindo, outras soltando gargalhadas, ou ainda proferindo um motejo de quando em quando.

“Meus irmãos”, disse ele enquanto sua majestosa cabeça branca se volvia de um lado a outro e seus olhos brilhavam ao contemplá-los. “Eu sou Matusalém, e cresci neste vale”. Um murmúrio percorreu a multidão. “Meu pai Enoque, a quem Deus levou para Si, viajou de cidade em cidade, advertindo quanto à um juízo vindouro. Estou certo que alguns de vocês ainda se lembram dele. Ele

suplicou que vocês retornassem a Deus. A hora a respeito da qual falou, agora se encontra às portas."

Repentinamente, ele apanhou um vislumbre de uma face que jamais sonhara encontrar. Shaina estava de pé diante dele, em meio à multidão. A face revelava a idade avançada, mas permanecia serena como a de um anjo. Seus olhos verdes brilharam sorrindo, quando encontraram os dele, e ela pôde ler-lhe nos olhos todo o espanto e deleite. Não deram nenhuma indicação de haverem-se reconhecido – não se atreveram a fazê-lo – mas os olhos de ambos como que se abraçaram e o regozijo dos dois era quase tangível.

Com voz tremente, matusalém prosseguiu, falando ao povo – mas também a Shaina, dizendo-lhe tudo que pareceu mais ou menos seguro expor.

"Meu neto Noé, está construindo um grande barco em sua propriedade. Nele deverão embarcar todos os justos quando as águas caírem dos céus e explodirem do meio da terra. Ele e seus três filhos têm estado a trabalhar durante 120 anos. A qualquer dia destes Deus cobrirá a Terra com água. Ninguém escapará, exceto aqueles que estiverem na arca. É esta a palavra de Deus. Ide. Ide agora, enquanto é tempo. Creiam nas advertências do Senhor. Encontrem segurança no barco. Abandonem seus pecados..."

Diante da palavra *pecado*, um estrondo irado ergueu-se da multidão, e aquela massa humana avançou em bloco contra o velho homem. Ele ainda ouviu um grito emitido por Shaina e sentiu o corpo dela arremessar-se contra o dele, à moda de escudo, enquanto ambos eram derrubados ao solo pelo peso de homens corpulentos e socos certeiros. Antes que tudo escurecesse para ambos, Shaina ainda conseguiu cochichar uma pergunta:

-E Navit?

- Feliz e muito bem – respondeu Matusalém.

Ben sepultou-os no lugar secreto de oração de Shaina, onde os narcisos de Adão ainda floresciam. Depois ele ordenou que fortes homens rolassem uma enorme pedra sobre a entrada do túnel, selando-o para sempre. Desceu então a encosta montanhosa, sentindo já o gosto amargo da condenação que se aproximava.

* * *

Navit permanecia quietamente em pé ao lado de seu esposo enquanto este pregava; sua mente percorria a lista de suprimentos, seus olhos penetraram as faces indiferentes que tinha diante de si. Logo deveria preparar a refeição do meio-dia, mas sabia, por outro lado, que o esposo encontrava forças em sua presença ali, de modo que não se afastava. Por vezes Sem o substituía durante umas poucas horas, e Navit sentia-se orgulhosa de seu corajoso filho, enquanto sua firme voz se erguia mais alto que a mofa dos observadores. Ela pensava muitas vezes em Matusalém, sabendo que algum mal lhe sucedera, pois demorava-se tanto. A esperança de que ele entrasse no barco com eles foi difícil de extinguir. Seriam eles apenas oito? Cento e vinte anos de pregação – não teriam eles sido capazes de produzir uma única alma convertida? Ter-se-ia erguido em vão a voz de Noé todas essas milhares de vezes?

Uma pequena cidade crescera em torno deles. A princípio, haviam sido apenas os oportunistas, que procuravam satisfazer as necessidades das multidões; outros haviam aparecido, entretanto, atraídos pela beleza do lugar e pela agitação que ali sempre estava presente. Imagens douradas erguiam-se rumo ao céu, e os som de

festas e orgias quebravam a quietude das noites. Poucos ainda se dispunham a ouvir. Noé e seu enorme barco eram tolerados meramente como objeto de divertimento.

Navit recém havia começado a afastar-se de onde se encontrava o esposo quando percebeu estranho ruído e percebeu o ensombreamento da campina ensolarada. Seus olhos volveram-se para o céu, e mais que surpresa ela pôde ver pássaros – milhares deles – deslocando-se numa onda escura em direção ao barco, e o bater de suas asas mais parecia o rugir de fortes ventos.

-Noé – disse ela procurando recuperar o fôlego – Veja o que está acontecendo!

Ele parou em meio a uma sentença e perscrutou os céus.

- A palavra de Deus está sendo cumprida. Certamente agora eles crerão.

Grande silêncio abateu-se sobre a campina, até o ponto em que se podia ouvir apenas os ruflar de asas; logo depois, à distância, o passo firme de animais de todas as espécies.[12]

Reuniram-se junto à rampa do barco, Noé e sua família, observando a aproximação dos animais. Ursos, tigres, elefantes, leopardos, gansos, bovinos, cavalos, camelos, pequenos ratos do campo, esquilos, raposas, girafas. Animais que eles jamais haviam visto – animais domésticos, bestas selvagens. Vinham todos em perfeita ordem. Várias vezes Navit se perguntara de que modo conseguiriam eles encher todos os currais e gaiolas, construídos com tanta precisão, segundo as especificações divinas. Agora ela se indagava se eles poderiam de alguma forma revelar-se suficientes para todos aqueles animais.

Os transeuntes, há pouco tão prontos em ridicularizar, agora permaneciam mudos de espanto. Seus

maiores intelectuais e eruditos haviam afirmado que o Criador jamais atropelaria as leis da Natureza, mas aqui o vigoroso leão montanhês caminhava pacificamente atrás de dois lanudos cordeirinhos. Seria possível que, depois de tudo, Deus abriria o ensolarado céu e através dele derramaria água em profusão? Ainda havia tempo. A porta do barco encontrava-se aberta, estendendo as boas-vindas.

O afluxo de animais parecia interminável. Hora após hora eles avançaram para dentro da arca, até que a rampa quase se desfez pelo intenso uso, coberta de dejetos. Noé e seus filhos conduziram-nos para o interior de gaiolas e currais e prenderam chamarizes junto às portas, até que todo o barco se tornou uma grande cacofonia de ruídos de animais. Quando, finalmente, dois coelhos saltaram por sobre o degrau da porta, a longa fila que fluíra durante horas da floresta, repentinamente cessou.

Os últimos e compridos dedos de sol estendiam-se, dourados, por sobre os campos, quando Noé falou do alto da rampa; sua família achava-se reunida em torno dele e os trabalhadores cessaram, finalmente, suas últimas atividades.

- Amigos, hoje vocês contemplaram o poder de Deus em operação. Já não precisam mais confiar apenas em minha palavra. Vocês viram os animais entrando no barco, conduzidos por alguma invisível mão. Deus tomou providências para que os animais sobrevivessem, e muito anseia por fazer o mesmo com vocês. Venham. Venham e encontrem aqui a salvação.

Navit, perscrutando as faces dos ouvintes, percebeu o temor e um novo respeito pela mensagem de Noé. Viu quando uns poucos começaram a deslocar-se em direção à rampa.

Então alguém soltou uma gargalhada. E a gargalhada tomou conta da multidão, crescente e dilatada, como que se convertendo num selvagem troar de tensão liberada. O temor dissolveu-se e desapareceu. De alguma forma o desfile de animais tornou-se mais um motivo de escárnio, e tudo isso num instante. Navit sentiu a angústia apoderar-se do esposo, enquanto ele procurava elevar a voz acima dos risos, lutando por trazer aquela turba de volta à razão.

Alguns começaram a subir a rampa aos pares, de quatro pés, imitando os animais – tão somente para voltarem rapidamente logo depois, criando assim, mais um aspecto de hilaridade. Outros regressaram para seus lares à agradável luz do entardecer, seguros de que nada alteraria o eterno padrão do alvorecer\entardecer. Crianças pequenas perguntaram por que os ursos haviam vindo, todos por sua própria vontade até o barco de Noé – tão somente para serem silenciadas por pais e mães que preferiam não pensar nos acontecimentos daquele dia. Adoradores acenderam o fogo diante de suas imagens, e as elevadas chamas refletiram-se sobre o ouro e radiantes gemas enquanto homens e mulheres dançavam e cantavam, avançando pela noite perfumada de flores.

Repentinamente o próprio ventre da campina de Noé pareceu explodir com o vigor de uma luz que eclipsou todas aquelas fogueiras infames. Os participantes das danças caíram sobre o gramado frio e tremeram enquanto o fulgurante brilho se deslocou para junto da porta do barco.[13] Muitos haviam especulado, com cruel humor, sobre como Noé seria capaz de enclausurar-se a si próprio, pois a grande porta achava-se obviamente além da capacidade humana, quanto a ser fechada. Agora, em meio a relâmpagos de luz cegadora, viram enquanto ela

girava lentamente sobre seus gonzos até que, sob um baque surdo, veio a ocupar o lugar apropriado.

Pela segunda vez neste mesmo dia, o temor caiu sobre os que observavam. Desta vez, a porta não oferecia uma segunda oportunidade. A voz de Noé não mais seria ouvida em comoventes apelos. Os campos silenciaram, e sua própria quietude representou um agudo grito de advertência.

* * *

Pela centésima vez, Navit tratou de afastar uma torrente de terror que parecia querer engoli-la. Seis dias haviam decorrido, e nestes eles pouco mais haviam feito além de cuidar de animais. A princípio mal haviam encontrado tempo para suas próprias refeições, mas com o passar dos dias estabeleceram uma rotina segundo a qual cada um teria determinadas tarefas a desempenhar; agora lhes sobrava um pouco de tempo para descanso e lazer. Era o dia sétimo, doce presente de adoração e comunhão com Deus, e ela tentou captar aquela doce paz sabática que sempre representava uma fonte de renovação; mas esta pareceu evadir-se. As paredes do barco hermeticamente fechadas à sua volta; ferozes olhos luminosos de animais selvagens a amedrontá-la; e o constante ruído de animais desassossegados, assaltavam seus ouvidos. Não era nada parecido com o que imaginara. Tudo era tão ordenado e limpo enquanto elas se haviam ocupado em encher os depósitos, a fragrância de trevo seco misturando-se com o pungente aroma de madeira. Agora, porém, o ar era abafado e fétido. Os oito ocupantes humanos quase não falavam entre si, exceto quando necessário, pois eles próprios se sentiam

irritados, sob a tendência de se abocanharem uns aos outros. Eles se moviam vagarosamente à semi-escuridão, aguardando. Quando a glória de Deus fechara sobre eles a gigantesca porta, haviam se ajoelhado em profunda reverência, louvando-O por tão confortadora evidência de Sua presença. Agora esperavam pelo início da chuva, mal conseguindo saber se era dia ou noite. Do lado de fora provinham as zombarias dos que se encontravam à volta do barco. Ocasionalmente um pedaço de pau ou alguma pedra batiam de encontro à lateral da arca, agitando todo um setor de animais, numa reclamação do tipo reação em cadeia.

- Como é que você vai sair daí agora, Noé?

- O sol está delicioso aqui fora, Noé. Nenhuma gota de chuva à vista!

- Durante quanto tempo você pretende ter aí encerradas as belas e jovens esposas de vocês, seu velho caduco?

- Estes são os seus últimos dias. Pobres almas. Não alimentemos qualquer irritação contra elas. – Noé chamou, com um aceno de mão, a sua família para dentro do quarto que ocupava com Navit e fechou a porta. Isto lhes permitiu um momento de quietude.

- Meus queridos, têm sido horríveis para nós. Não estamos preparados. – Seus olhos moveram-se ternamente em direção à esposa, a seus filhos e às jovens mulheres que haviam trabalhado tanto. – Estivemos tão ocupados com nossas muitas atividades, que não tivemos tempo de pensar nas realidades desta experiência. Eu gostaria de poder dizer-lhes que em breve tudo será mais fácil, mas não é esse o caso. Quando a chuva começar e o barco dançar sobre as ondas como se fosse uma pequenina casca de noz, teremos que manifestar uma coragem que ainda não possuímos. Vocês devem lembrar-

se, entretanto, de que Deus prometeu livrar-nos – não importa quão severos venham a ser nossos sofrimentos, *certamente sobreviveremos*.

Nasya explodiu em lágrimas:

- Não tenho medo de sofrer. Mas a minha família – eles estão perdidos. Jamais tornarei a ver meus pais, nem meus irmãos.

Navit dirigiu-se à jovem, a distante descendente de Enoque que Noé escolhera para Jafé, e ajoelhou-se diante de seus pés, tomando entre suas mãos as da moça - Minha filha - confortou ela – compreendo as suas lágrimas. Mas é possível que alguns dentre sua família tenham permanecido fiéis a Deus. Talvez eles tenham dormido antes deste dia terrível e repousem serenamente no pó da terra, aguardando a gloriosa hora da segunda vinda do Prometido, quando Ele chamará Seus fiéis filhos para fora de suas sepulturas.[14]

A jovem soluçou baixinho, e Navit pôde observar também uma terrível tristeza nos olhos de Zoé e Malka.

Amando-as muito e recordando os longos e pacientes labores que elas haviam desempenhado ao lado da sogra, esta dirigiu-se a todas elas:

- Minhas filhas, o seu chamado é muito notável. Deus viu vocês como jovens puras, que Ele utilizará em Seu plano de purificação da Terra. Serão seu filhos e filhas que repovoarão o mundo. Através de vocês e de nossos filhos Ele tentará criar novamente um povo obediente e santo. Portanto, enxuguem suas lágrimas e tomem alento. Vocês são preciosas para nós, assim como para nossos filhos. Vocês são eleitas de Deus.

Noé reuniu então a todos em torno de si, conduzindo-os em oração, e Navit maravilhou-se, uma vez mais, da notável amizade existente entre seu esposo e Deus. Caso em alguma ocasião a sua fé vacilasse, bastaria ouvi-lo

quando em oração a fim de compreender quão fino era o véu existente entre a Terra e o Céu. Suas tristezas e temores de desvaneceram. Entoaram os cânticos do culto da tarde com o coração aliviado. Agora conseguiam até mesmo sorrir diante da excentricidade de algum animal, e assim chegou o fim do sexto dia de sua espera.

Na manhã seguinte, o brilho do sol invadiu os três pisos do barco, realçando pequeninas partículas de pó em seus raios. A área central aberta era sempre a mais iluminada, e uma vez que as tarefas haviam sido cumpridas, os oito gritavam em torno deste local. Os gracejos dos zombadores, provindos do exterior, mesclavam-se com o fungar e outros sons produzidos pelos animais, enquanto comiam.

Noé serviu uma travessa de damascos, uma bandeja de pães de painço e xícaras de leite morno. Quando terminaram de comer, Noé sorriu para a esposa, a quase-adoração amaciando as sulcadas linhas de sua face.

- Cante-nos algo, meu amor. Temos tido pouco tempo para a música, e meus ouvidos estão famintos por sua voz.

Se, estendeu-lhe a harpa de Natã, que Ona trouxera consigo ao longo de toda viagem pela floresta escura, e Navit deixou correr os dedos por sobre as cordas, pensando no grande avô que jamais chegara a conhecer. Ela os perdera a todos por amor a Deus. Seus ancestrais de Havillá, seus pais, Ona, Rimona, Natã, Matusalém. Do mais profundo de sua tristeza, ela começou a cantar a canção de Eva com todos o sentimento de pesar e perda – e os doces acordes da harpa abraçavam sua voz clara e melódica à medida que a luz do sol caía rica e macia em torno dela.

Repentinamente a escuridão ocultou a luz e uma torrente de água desceu, qual cascata, por sobre a janela

que ficava muito acima de onde estavam. Os sons de deboche, do lado de fora, converteram-se em gritos de terror e súplicas para que fosse aberta a grande porta do barco. O constante rufar da chuva misturou-se com os ventos ululantes, levando os animais a gemer e se arremessar contra as barras de proteção.

Noé chorou pelos perdidos e todo seu pranto como que foi entretecido com um fio de prata pelo som da harpa e pela voz de sua amada, enquanto cantava:

"Foram-se os lírios do Éden,
Foram-se as plumas da beleza.
Foi-Se o nosso Amigo que no crepúsculo
Ali passeava com certeza.
Foram-se os inocentes prazeres
Que alegravam o dia ensolarado.
Meu coração, mesmo do mal manchado,
Eleva-se em louvor e gratos dizeres
Àquele que me fala de perdão,
Que Sua vida em meu lugar deporá
E sobre minha cabeça pecadora
O precioso sangue de Sua morte derramará..."

"Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do Homem."

"Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam-se e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do homem." Mateus 24:37-39

"Tendo em conta, antes de tudo, que, nos últimos dias, virão escarnecedores com seus escárnios, andando

segundo as próprias paixões, e dizendo: Onde está a promessa da Sua vinda? Porque desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação."

"Porque deliberadamente esquecem que, de longo tempo, houve céus bem como terra, a qual surgiu da água e através da água pela palavra de Deus, pelas quais veio a perecer o mundo daquele tempo, afogado em água."

"Ora, os céus que agora existem, e a terra, pela mesma palavra têm sido entesourados para fogo, estando reservados para o dia do juízo e destruição dos homens ímpios."

"Há, todavia, uma coisa, amados, que não deveis esquecer: que, para com o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos como um dia.

"Não retarda o Senhor a Sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, Ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento."

"Virá, entretanto, como ladrão, o dia do Senhor; no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas."

"Visto que todas essas coisas hão de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade, esperando e apressando a vinda do dia de Deus, por causa do qual os céus incendiados serão desfeitos e os elementos abrasados se derreterão."

II S. Pedro 3:3-12

Referências

Capítulo 1

1.“E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, da banda do Oriente, e pôs nele o homem que havia formado. Do solo fez o Senhor Deus brotar toda sorte de árvore agradável à vista e boa para alimento; e também a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal.” Gênesis 2:8 e 9.

2.“E saía um rio do Éden para regar o jardim, e dali se dividia, repartindo-se em quatro braços. O primeiro chama-se Pisom: é o que rodeia a terra de Havilá, onde há ouro. O ouro dessa terra é bom; também se encontram lá o bdélio e a pedra de ônix. O segundo rio chama-se Giom: é o que circunda a terra de Cuxe. O nome do terceiro rio é Tigre; é o que corre pelo oriente da Assíria. E o quarto rio é o Eufrates.” Gênesis 2:10 a 14.

3.“O Senhor Deus, por isso, o lançou fora do Jardim do Éden, a fim de lavrar a terra de que fora tomado. E, expulso o homem, colocou querubins ao oriente do jardim do Éden, e o refulgir de uma espada que se revolvia, para guardar o caminho da árvore da vida.” Gênesis 3:23 e 24.

Capítulo 2

1.“Esta é a gênese dos céus e da terra quando foram criados, quando o Senhor Deus os criou.
“Não havia ainda nenhuma planta do campo na terra. pois ainda nenhuma erva do campo havia brotado; porque o Senhor Deus não fizera chover sobre a terra, e também não havia homem para lavrar o solo.
“Mas uma neblina subia da terra e regava toda a superfície do solo." Gênesis 2:4 a 6.

2.“A terra estava corrompida à vista de Deus, e cheia de violência.” Gênesis 6:11.

3.“Com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito, e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos.” Efésios 6:18.
“Quero, portanto, que os varões orem em todo lugar, levantando mãos santas, sem ira e sem animosidade.” I Timóteo 2:8.
“Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo.” S. Tiago 5:16, última parte.

4.“O Senhor Deus, por isso, o lançou fora do jardim do Éden, a fim de lavrar a terra de que fora tomado.” Gênesis 3:23.

5.“Viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado na terra, e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração.
“Então Se arrependeu o Senhor de ter feito o homem na terra, e isso Lhe pesou no coração.” Gênesis 6:5 e 6.

6.“E disse Deus ainda: Eis que vos tenho dado todas as ervas que dão semente e se adiam na superfície de toda a terra, e todas as árvores em que há fruto que dê semente; isso vos será para mantimento.” Gênesis 1:29.

“Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar.
“E lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente; mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em dela
comeres, certamente morrerás.” Gênesis 2:15-17.

7.“Era desprezado, e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores, que sabe o que é padecer; e como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dEle não fizemos caso.
“Certamente Ele tomou sobre Si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre Si; e nós O reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido.
“Mas Ele foi traspassado pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados.”
Isaías 53:3 a 5.
“Volta, ó Israel, para o Senhor teu Deus; porque pelos teus pecados estás caído.
“Tende convosco palavras de arrependimento, e convertei-vos ao Senhor; dizei-Lhe: Perdoa toda iniquidade, aceita o que é bom, e em vez de novilhos os sacrifícios dos nossos lábios." Oséias 14:1 e 2.

8.“Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu Descendente. Este te ferirá a cabeça. E tu Lhe ferirás o calcanhar.” Gênesis 3:15.
“Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna.
“Porquanto Deus enviou o Seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele.” S. João 3:16 e 17.

9.“E abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera.” Gênesis 2:3.
“Guarda o dia de sábado, para o santificar, como te ordenou o Senhor teu Deus.
“Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra.
“Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu boi, nem o teu jumento, nem animal algum teu, nem o estrangeiro das tuas portas para dentro; para que o teu servo e a tua serva descansem como tu.
“Porque te lembrarás que foste servo na terra do Egito, e que o Senhor teu Deus te tirou dali com mão poderosa, e braço estendido; pelo que o Senhor teu Deus te ordenou que guardasses o dia de sábado.” Deuteronômio 5:12 a 15.
“E acrescentou: O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado, de sorte que o Filho do homem é senhor também do sábado.” S. Marcos 2:27 e 28.

10.“Sábado de descanso solene vos será; então afligireis as vossas almas; aos nove do mês, de uma tarde a outra tarde, celebrareis o vosso sábado.” Levítico 23:32.

11.“Mas se pela sua oferta trouxer uma cordeira como oferta pelo pecado, fêmea sem defeito a trará.
“E porá a mão sobre a cabeça da oferta pelo pecado, e a imolará por oferta pelo pecado, no lugar onde se imola o holocausto.
“Então o sacerdote com o dedo tomará do sangue da oferta pelo pecado, e o porá sobre os chifres do altar do holocausto; e todo o restante do sangue derramará à base do altar.
“Tirará toda gordura, como se tira a gordura do cordeiro do sacrifício pacífico; o sacerdote a queimará sobre o

altar, em cima das ofertas queimadas do senhor; assim o sacerdote por essa pessoa fará expiação do seu pecado que cometeu, e lhe será perdoado." Levítico 4:32 a 35.

12."E havendo Deus terminado no dia sétimo a Sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a sua obra que tinha feito.

"E abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera." Gênesis 2:2 e 3.

"Lembra-te do dia de sábado, para o santificar.

"Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra.

"Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro.

"Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou; por isso o Senhor abençoou o dia de sábado, e o santificou."

Êxodo 20:8-11.

"Se desviares o teu pé de profanar o sábado, e de cuidar dos teus próprios interesses no Meu santo dia, mas se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do Senhor, digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vás, então te deleitarás no Senhor. Eu te farei cavalgar sobre os altos da terra." Isaías 58:13-14.

"Se deveras me ouvirdes, diz o Senhor, não introduzindo cargas pelas portas desta cidade no dia de sábado, e santificardes o dia de sábado, não fazendo nele obra alguma; então pelas portas desta cidade entrarão reis e príncipes, que se assentarão no trono de Davi, andando em carros e montados em cavalos, eles e seus príncipes,

os homens de Judá, e os moradores de Jerusalém; e esta cidade será para sempre habitada." Jeremias 17:24 e 25.
"Indo para Nazaré, onde fora criado, entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o Seu costume, e levantou-Se para ler." S. Lucas 4:16.
"Mas eles, atravessando de Perge para a Antioquia da Pisídia, indo num sábado à sinagoga, assentaram-se.
"Depois da leitura da lei e dos profetas, os chefes da sinagoga mandaram dizer-lhes: Irmãos, se tendes alguma palavra de exortação para o povo, dizei-a." Atos 13:14 e 15.
"Quando foi sábado, saímos da cidade para junto do rio, onde nos pareceu haver um lugar de oração; e, assentando-nos, falamos às mulheres que para ali tinham concorrido." Atos 16:13.
"Paulo, segundo o seu costume, foi procurá-los, e por três sábados arrazoou com eles, acerca das Escrituras, expondo e demonstrando ter sido necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos." Atos 17:2 e 3.
"E todos os sábados discorria na sinagoga, persuadindo tanto judeus como gregos." Atos 18:4.

13."Depois deu à luz a Abel, seu irmão. Abel foi pastor de ovelhas, e Caim, lavrador.
"Aconteceu que no fim de uns tempos trouxe Caim do fruto da terra uma oferta ao Senhor.
"Abel, por sua vez, trouxe das primícias do seu rebanho, e da gordura deste. Agradou-Se o Senhor de Abel e de sua oferta.
"Mas de Caim e de sua oferta não Se agradou. Irou- se, pois, sobremaneira Caim, e descaiu-lhe o semblante." Gênesis 4:2 a 5.
"Levantou Noé um altar ao Senhor e, tomando de animais limpos e de aves limpas, ofereceu holocaustos sobre o altar.

“E o Senhor aspirou o suave cheiro, e disse consigo mesmo: Não tornarei a amaldiçoar a terra por causa do homem, porque é mau o desígnio íntimo do homem desde a sua mocidade; nem tornarei a ferir todo vivente, como fiz. Gênesis 8:20 e 21.

Capítulo 3

1. “Quanto a estes foi que também profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que veio o Senhor entre Suas santas miríades, para exercer juízo contra todos e para fazer convictos todos os ímpios, acerca de todas as obras ímpias que impiamente praticaram, e acerca de todas as palavras insolentes que ímpios pecadores proferiram contra Ele.” S. Judas 14 e 15.
“Jerede viveu cento e sessenta e dois anos, e gerou a Enoque.
“Depois que gerou a Enoque, viveu Jerede oitocentos anos; teve filhos e filhas.
“Todos os dias de Jerede foram novecentos e sessenta e dois anos; e morreu.
“Enoque viveu sessenta e cinco anos, e gerou a Metusalém.
“Andou Enoque com Deus; e, depois que gerou a Metusalém, viveu trezentos anos; e teve filhos e filhas.
“Todos os dias de Enoque foram trezentos e sessenta e cinco anos.
“Andou Enoque com Deus, e já não era, porque Deus o tomou para Si.” Gênesis 5:18 a 24.

2.“O Senhor nos ordenou cumpríssemos todos estes estatutos, e temêssemos o Senhor nosso Deus, para o nosso perpétuo bem, para nos guardar em vida.” Deuteronômio 6:24.
“Vê que proponho hoje a vida e o bem, a morte e o mal; se guardares o mandamento, que hoje te ordeno, que ames ao Senhor teu Deus, andes nos Seus caminhos, e guardes os Seus mandamentos, e os Seus estatutos, e os Seus juízos, então viverá e te multiplicarás, e o Senhor teu

Deus te abençoará na terra a qual passas a possuir." Deuteronômio 30:15 e 16.
"Agrada-Me fazer a Tua vontade, ó Deus Meu; dentro em Meu coração está a Tua lei." Salmo 40:8.
"De tudo o que se tem ouvido, a suma é: Teme a Deus e guarda os Seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem.
"Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más." Eclesiastes 12:13 e 14.
"Dai ouvidos à Minha voz, e Eu serei o vosso Deus, e vós sereis o Meu povo; andai em todo o caminho que Eu vos ordeno, para que vos vá bem." Jeremias 7:23.

3."Lameque tomou para si duas esposas: o nome de uma era Ada, a outra se chamava Zilá." Gênesis 4:19.

Capítulo 4

1."Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes com respeito aos que dormem, para não vos entristecerdes como os demais, que não têm esperança." Tessalonicenses 4:13.
"Isto dizia, e depois lhes acrescentou: Nosso amigo Lázaro adormeceu, mas vou para despertá-lo.
"Disseram-Lhe, pois, os discípulos: Senhor, se dorme, estará salvo.
"Jesus, porém, falara com respeito à morte de Lázaro; mas eles supunham que tivesse falado do repouso do sono.
"Então Jesus lhes disse claramente: Lázaro morreu."
S. João 11:11 a 14.
"Então, ajoelhando-se, clamou em alta voz: Senhor, não lhes imputes este pecado. Com estas palavras adormeceu."
Atos 7:60.
"E ainda mais: os que dormiram em Cristo, pereceram. Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo Ele as primícias dos que dormem." I Coríntios 15:18 e 20.
"Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para a vergonha e horror eterno." Daniel 12:2.

2."Quanto a estes foi que também profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que veio o Senhor entre Suas santas miríades, para exercer juízo contra todos e para fazer convictos todos os ímpios, acerca de todas as obras ímpias que impiamente praticaram, e acerca de todas as palavras insolentes que ímpios pecadores proferiram contra Ele." S. Judas 14 e 15.

3."Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao Céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte; subirei acima das mais altas nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo" Isaías 14:13 e 14.
"Na multiplicação do teu comércio se encheu o teu interior de violência, e pecaste; pelo que te lançarei profanado fora do monte de Deus, e te farei perecer, ó querubim da guarda, em meio ao brilho das pedras." Ezequiel 28:16.

4."Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem." Romanos 12:21.
"O vencedor herdará estas coisas, e Eu lhe serei Deus e ele Me será filho." Apocalipse 21:7.
"Porque tudo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé." S. João 5:4.
"E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas."
II Coríntios 5:17.
"Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova dentro em mim um espírito inabalável;
"Não me repulses da tua presença, nem Me retires
o Teu Santo Espírito.
"Restitui-me a alegria da Tua salvação, e sustenta- me com um espírito voluntário.
"Então ensinarei aos transgressores os Teus caminhos, e os pecadores se converterão a Ti." Salmo 51:10-13.

Capítulo 5

1. “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” S. João 3:16.

2.“Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em Mim.
"Na casa de Meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, Eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar.
“E quando Eu for, e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para Mim mesmo, para que onde Eu estou estejais vós também’ S. João 14:1 a 3.
“Então se verá o Filho do homem vindo numa nuvem, com poder e grande glória.” S. Lucas 21:27.
“E estando eles com os olhos fitos no céu, enquanto Jesus subia, eis que dois varões vestidos de branco se puseram ao lado deles, e lhes perguntaram: Varões galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentro vós foi assunto ao Céu, assim virá do modo como O vistes subir.”
Atos 1:10 e 11.
“Assim também Cristo, tendo-Se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que O aguardam para a salvação.” Hebreus 9:28.

3.“Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes com respeito aos que dormem, para não vos entristecerdes como os demais, que não têm esperança.” Tessalonicenses 4:13.
“E, se Cristo não ressuscitou, é vá a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados.
“E ainda mais: os que dormiram em Cristo, pereceram.

“Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens.
“Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo Ele as primícias dos que dormem.” I Coríntios 15:17 a 20.
“Nesse tempo Se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do teu povo, e haverá tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas naquele tempo será salvo o teu povo, todo aquele que for achado inscrito no livro.
“Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno." Daniel 12:1 e 2.
“Todos vão para o mesmo lugar; todos precedem do pó, e ao pó tornarão." Eclesiastes 3:20.
“Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque no além para onde tu vais, não há obra, nem projetos, nem conhecimento, nem sabedoria alguma." Eclesiastes 9:10.
“Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tão pouco terão eles recompensa, porque a sua memória jaz no esquecimento.
“Amor, ódio e inveja para eles já pereceram; para sempre não têm eles parte em coisa alguma do que se faz debaixo do sol." Eclesiastes 9:5 e 6.
“Pois na morte não há recordação de Ti; no sepulcro, quem Te dará louvor?" Salmo 6:5.
“Os mortos não louvam ao Senhor, nem os que descem à região do silêncio." Salmo 115:17.
“Porquanto o Senhor mesmo, dada a Sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos Céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro." I Tessalonicenses 4:16.
“Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a Sua voz e

sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo." S. João 5:28 e 29.
’ “Tendo esperança em Deus, como também estes a têm, de que haverá ressurreição, tanto de justos como de injustos." Atos 24:15.
“Eis que vos digo um mistério: Nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados.” I Coríntios 15:51 e 52.

4.“Quanto a estes foi que também profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que veio o Senhor entre Suas santas miríades, para exercer juízo contra todos e para fazer convictos todos os ímpios, acerca de todas as obras ímpias que impiamente praticaram, e acerca de todas as palavras insolentes que ímpios pecadores proferiram contra Ele.” S. Judas 14 e 15.

5.“Entrai pela porta estreita (larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz para a perdição e são muitos os que entram por ela), porque estreita é a porta e apertado o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela.” S. Mateus 7:13 e 14.

6.“Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las porque elas se discernem espiritualmente.” Coríntios 2:14.
“Certamente a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus.” I Coríntios 1:18.

7.“Muitas são as aflições do justo, mas o Senhor de todas o livra.” Salmo 34:19.
“Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações.” Salmo 46:1.

“O Senhor é também alto refúgio para o oprimido, refúgio nas horas de tribulação.” Salmo 9:9.
“Quando passares pelas águas Eu serei contigo; quando pelos rios, eles não te submergirão; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti.” Isaías 43:2.
“o Senhor é o meu pastor; nada me faltará.
“Ele me faz repousar em pastos verdejantes.
“Leva-me para junto das águas de descanso; refrigera-me a alma. Guia-me pelas veredas da justiça por amor do Seu nome. “Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque Tu estás comigo; a Tua vara e o Teu cajado me consolam.” Salmo 23:1-4.

8.“E não somente isto, mas também nos gloriemos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança. Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado.” Romanos 5:3 a 5.
“Pois eles nos corrigiam por pouco tempo, segundo melhor lhes parecia; Deus, porém, nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da Sua santidade.” Hebreus 12:10.
“Bem-aventurado o homem que suporta com perseverança a provação; porque, depois de ter sido aprovado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor prometeu aos que o amam.” S. Tiago 1:12.

Capítulo 6

1. “Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros, para serdes curados. Muito pode, por sua eficácia a súplica do justo.” S. Tiago 5:16.

2.“Mas a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o Senhor Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?

“Respondeu-lhe a mulher: Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais.

“Então a serpente disse à mulher: É certo que não morrereis.

“Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes, se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal.

“Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu, e deu também ao marido, e ele comeu.

“Abriram-se, então, os olhos de ambos; e, percebendo que estavam nus, coseram folhas de figueira, e fizeram cintas para si.

“Quando ouviram a voz do Senhor Deus, que andava no jardim pela viração do dia, esconderam-se da presença do Senhor Deus, o homem e sua mulher, por entre as árvores do jardim.

“E chamou o Senhor Deus ao homem, e lhe perguntou: Onde estás?

“Ele respondeu: Ouvi a Tua voz no jardim, e, porque estava nu, tive medo e me escondi.

“Perguntou-lhe Deus: Quem te fez saber que estavas nu? Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses?
“Então disse o homem: A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi.
“Disse o Senhor Deus à mulher: Que é isso que fizeste? Respondeu a mulher: A serpente me enganou, e eu comi.” Gênesis 3:1-13.

3.“Então o Senhor Deus disse à serpente: Visto que isto fizeste, maldita és entre todos os animais domésticos, e o és entre todos os animais selváticos: rastejarás sobre o teu ventre, e comerás pó todos os dias da tua vida.
“Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu Descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu Lhe ferirás o calcanhar.
“E à mulher disse: Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará.
“E a Adão disse: Visto que atendeste à voz de tua mulher, e comeste da árvore que Eu te ordenara não comesses: maldita é a Terra por tua causa; em fadiga obterás dela o sustento durante os dias de tua vida.
“Ela produzirá também cardos e abrolhos, e tu comerás a erva do campo.
“No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás.
“E deu o homem o nome de Eva a sua mulher, por ser mãe a de todos os seres humanos.
“Fez o Senhor Deus vestimenta de peles para Adão e sua mulher, e os vestiu.
“Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal; assim, para que não estenda a mão, e tome também da árvore da

vida, e coma, e viva eternamente: o Senhor Deus, por isso, o lançou fora do jardim do Éden, a fim de lavrar a terra de que fora tomado.
"E, expulso o homem, colocou querubins ao oriente do jardim do Éden, e o refulgir de uma espada que se revolvia, para guardar o caminho da árvore da vida." Gênesis 3:14-24.

4."Quanto a estes foi que também profetizou Enoque o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que veio o Senhor entre Suas santas miríades, para exercer juízo contra todos e para fazer convictos todos os ímpios, acerca de todas as obras ímpias que impiamente praticaram, e acerca de todas as palavras insolentes que ímpios pecadores proferiram contra Ele." Judas 14 e 15.

5."Pois eis que Eu crio novos céus e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, jamais haverá memória delas." Isaías 65:17.
"Nós, porém, segundo a Sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça."
II S. Pedro 3:14.
"Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe.
"Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo.
"Então ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles,
"E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram.

“E aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E acrescentou: Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras." Apocalipse 21:1-5.

6.“Tu me farás ver os caminhos da vida; na Tua presença há plenitude de alegria, na Tua destra delícias perpetuamente.” Salmo 16:11.

“Então irei ao altar de Deus, de Deus que é a minha grande alegria; ao som da harpa eu Te louvarei.” Salmo 43:4.

“Disse-lhes mais: Ide, comei carnes gordas, tomai bebidas doces e enviai porções aos que não têm nada preparado para si; porque este dia é consagrado ao nosso Senhor; portanto não vos entristeçais, porque a alegria do Senhor é a vossa força.” Neemias 8:10.

“E o Deus da esperança vos encha de todo o gozo e paz no vosso crer, para que sejais ricos de esperança no poder do Espírito Santo.” Romanos 15:13.

“E vos alegrareis perante o Senhor vosso Deus, vós, vossos filhos, vossas filhas, os vossos servos, as vossas servas, e o levita que mora dentro das vossas cidades, e que não tem porção nem herança convosco.” Deuteronômio 12:12.

“Alegrai-vos no Senhor, e regozijai-vos, ó justos; exultai, vós todos que sois retos de coração.” Salmo 32:11.

“E minha alma se regozijará no Senhor e se deleitará na Sua salvação." Salmo 35:9.

“Folguem-se e em Ti se rejubilem todos os que Te buscam; e os que amam a Tua salvação digam sempre: Deus seja magnificado!” Salmo 70:4.

“E o meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador.” S. Lucas 1:47.

7.“Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam sobre a terra.

“Criou Deus, pois, o homem à Sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.
“E Deus os abençoou, e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, e sobre todo animal que rasteja pela terra." Gênesis 1:26-28.
“Deu nome o homem a todos os animais domésticos, às aves dos céus, e a todos os animais selváticos; para o homem, todavia, não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea.
“Então o Senhor Deus fez cair pesado sono sobre o homem, e este adormeceu; tomou uma de suas costelas, e fechou o lugar com carne.
“E a costela que o Senhor Deus tomara do homem, transformou-a numa mulher, e lha trouxe.
“E disse o homem: Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne; chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi tomada.
“Por isso deixa o homem pai e mãe, e se une à sua mulher, tomando-se os dois uma só carne.
“Ora, um e outro, o homem e sua mulher, estavam nus, e não se envergonhavam.” Gênesis 2:20-25.

8.“Viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado na Terra, e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração.” Gênesis 6:5.

9.“Então Se arrependeu o Senhor de ter feito o homem na Terra, e isso Lhe pesou no coração.
“Disse o Senhor: Farei desaparecer da face da Terra o homem que criei, o homem e o animal, os répteis, e as aves dos céus; porque Me arrependo de os haver feito.” Gênesis 6:6 e 7.

10.“Enoque viveu sessenta e cinco anos, e gerou a Matusalém.

“Andou Enoque com Deus; e, depois que gerou a Matusalém, viveu trezentos anos; e teve filhos e filhas.
“Todos os dias de Enoque foram trezentos e sessenta e cinco anos. Gênesis 5:21-23.

11.“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.
“Ele estava no princípio com Deus.
“Todas as coisas foram feitas por intermédio dEle, e sem Ele nada do que foi feito se fez.
“A vida estava nEle, e a vida era a luz dos homens.
“A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela. ...
“Estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio dEle, mas o mundo não O conheceu.
“Veio para o que era Seu, e os Seus não O receberam.
“Mas, a todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; a saber, aos que crêem no Seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.
“E o Verbo Se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a Sua glória, glória como do unigênito do Pai.” S. João 1:1-14.
“Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” S. João 3:16.
“Porque Eu desci do Céu não para fazer a Minha própria vontade; e, sim, a vontade dAquele que Me enviou.” S. João 6:38.
“Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o perdido.” S. Lucas 19:10.
“Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a Seu tempo pelos ímpios.
“Dificilmente alguém morreria por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém se anime a morrer.

“Mas Deus prova o Seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores.” Romanos 5:6-8.
“Aquele que não poupou a Seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura não nos dará graciosamente com Ele todas as coisas?” Romanos 8:32.

12.“Andou Enoque com Deus; e, depois que gerou a Matusalém, viveu trezentos anos; e teve filhos e filhas.
“Todos os dias de Enoque foram trezentos e sessenta e cinco anos.
‘Andou Enoque com Deus, e já não era, porque Deus o tomou para Si.” Gênesis 5:22-24.
‘Pela fé Enoque foi trasladado para não ver a morte; não foi achado, porque Deus o trasladara. Pois, antes da sua trasladação, obteve testemunho de haver agradado a Deus.” Hebreus 11:5.

Capítulo 7

1.“Ora, ainda vos declaramos, por palavra do Senhor, isto: nós, os vivos, os que ficarmos até à vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem.
“Porquanto o Senhor mesmo, dada a Sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta do Senhor, descerá dos Céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro.” I Tessalonicenses 4:16 e 17.

2.“Matusalém viveu cento e oitenta e sete anos, e gerou a Lameque. ...
“Lameque viveu cento e oitenta e dois anos, e gerou um filho; pôs-lhe o nome de Noé, dizendo: Este nos consolará dos nossos trabalhos, e das fadigas de nossas mãos, nesta terra que o Senhor amaldiçoou.” Gênesis 5:25-29.

3.“Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em Mim.
“Na casa de Meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, Eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar.
“E quando Eu for, e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para Mim mesmo, para que onde Eu estou estejais vós também." S. João 14:1-3.
“Pois eis que Eu crio novos céus e nova terra, e não haverá lembrança das coisas passadas, jamais haverá memória delas." Isaías 65:17.
“Eles edificarão casas, e nelas habitarão; plantarão vinhas, e comerão o seu fruto.
“Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam; porque a longevidade do Meu povo será como a da árvore, e os Meus eleitos desfrutarão de todo as obras de suas próprias mãos.

“Não trabalharão debalde, nem terão filhos para a calamidade, porque são a posteridade bendita do Senhor, e os seus filhos estarão com eles.
“E será que antes que clamem, Eu responderei; estando eles ainda falando, Eu os ouvirei.
“O lobo e o cordeiro pastarão juntos, e o leão comerá palha como o boi; pó será a comida da serpente. Não farão mal nem dano algum em todo o Meu santo monte, diz o Senhor." Isaías 65:21-25.
“Nós, porém, segundo a Sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça.” II
S. Pedro 3:13.
“Os resgatados do Senhor voltarão e virão a Sião com cânticos de júbilo; alegria eterna coroará as suas cabeças; gozo e alegria alcançarão, e deles fugirá a tristeza e o gemido.” Isaías 35:10.
“De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe e que Se torna galardoador dos que O buscam.” Hebreus 11:6.
“Porque, como os novos céus e a nova terra, que hei de fazer, estarão diante de Mim, diz o Senhor, assim há de estar a vossa posteridade e o vosso nome.
“E será que de uma lua nova à outra, e de um sábado a outro, virá toda a carne a adorar perante Mim, diz o Senhor.” Isaías 66:22 e 23.
“Vi novo céu, e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe.
“Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo.
“Então ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com

eles. Eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles.
“E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram.
“E aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E acrescentou: Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras.
“Disse-me ainda: Tudo está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. Eu, a quem tem sede, darei de graça da fonte da água da vida.
“O vencedor herdará estas coisas, e Eu lhe serei Deus e ele Me será filho.
“Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte.
“Então veio um dos sete anjos que têm as sete taças cheias dos últimos sete flagelos, e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a noiva, a esposa do Cordeiro.
“E me transportou, em espírito, até a uma grande e elevada montanha, e me mostrou a santa cidade, Jerusalém, que descia do Céu, da parte de Deus, a qual tem a glória de Deus. o seu fulgor era semelhante a uma pedra preciosíssima, como pedra de jaspe cristalina.
“Tinha grande e alta muralha, doze portas, e junto às portas doze anjos, e sobre elas nomes inscritos, que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel.
“Três portas se achavam a leste, três ao norte, três ao sul, e três a oeste.
“A muralha da cidade tinha doze fundamentos, e estavam sobre estes os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro.

“Aquele que falava comigo tinha por medida uma vara de ouro para medir a cidade, as suas portas e a sua muralha.
“A cidade é quadrangular, de comprimento e largura iguais. E mediu a cidade com a vara, até doze mil estádios. O seu comprimento, largura e altura são iguais.
“Mediu também a sua muralha, cento e quarenta e quatro côvados, medida de homem, isto é, de anjo.
“A estrutura da muralha é de jaspe; também a cidade é de ouro puro, semelhante a vidro límpido.
“Os fundamentos da muralha da cidade estão adornados de toda espécie de pedras preciosas. O primeiro fundamento é de jaspe; o segundo, de safira; o terceiro, de calcedônia; o quarto, de esmeralda; o quinto, de sardônio; o sexto, de sárdio; o sétimo, de crisólito; o oitavo, de berilo; o nono, de topázio; o décimo, de crisópraso; o undécimo, de jacinto; e o duodécimo, de ametista.
“As doze portas são doze pérolas, e cada uma dessas portas de uma só pérola. A praça da cidade é de ouro puro, como vidro transparente.
“Nela não vi santuário, porque o seu santuário é o Senhor, o Deus todo-poderoso, e o Cordeiro.
“A cidade não precisa nem do Sol, nem da Lua, para lhe darem claridade, pois a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é a sua lâmpada.
“As nações andarão mediante a sua luz, e os reis da Terra Lhe trazem a sua glória.
“As suas portas nunca jamais se fecharão de dia, porque nela não haverá noite.
“E lhe trarão a glória e a honra das nações.
“Nela nunca jamais penetrará coisa alguma contaminada, nem o que pratica abominação e mentira, mas somente os inscritos no livro da vida do Cordeiro.” Apocalipse 21.
“Então me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro.

“No meio da sua praça, de uma e outra margem do rio, está a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos.
“Nunca mais haverá qualquer maldição. Nela estará o trono de Deus e do Cordeiro. Os Seus servos O servirão, contemplarão a Sua face, e nas suas frontes está o nome dEle.
“Então já não haverá noite, nem precisam eles de luz de candeia, nem da luz do Sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e reinarão pelos séculos dos séculos.
“Disse-me ainda: Estas palavras são fiéis e verdadeiras. O Senhor o Deus dos espíritos dos profetas, enviou Seu anjo para mostrar aos Seus servos as coisas que em breve devem acontecer.
“Eis que venho sem demora. Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro.
Eis que venho sem demora. Amém. Vem, Senhor Jesus.
“A graça do Senhor Jesus seja com todos.” Apocalipse 22.

Capítulo 8

1."Então disse Deus a Noé: ... Faze uma arca de tábuas de cipreste; nela farás compartimentos, e a calafetarás com betume por dentro e por fora." Gênesis 6:13 e 14.

2."Pela fé Noé, divinamente instruído acerca de acontecimentos que ainda não se viam e sendo temente a Deus, aparelhou uma arca para a salvação de sua casa; pela qual condenou o mundo e se tomou herdeiro da justiça que vem da fé." Hebreus 11:7.
"Deus não poupou o mundo antigo, mas preservou a Noé, pregador da justiça, e mais sete pessoas, quando fez vir o dilúvio sobre o mundo de ímpios." II S. Pedro 2:5.

3."Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus." Romanos 3:23.

4."Porém Noé achou graça diante do Senhor." Gênesis 6:8.

5."Porque estou para derramar águas em dilúvio sobre a terra para consumir toda carne em que há fôlego de vida debaixo dos céus: tudo o que há na terra perecerá. "Contigo, porém, estabelecerei a Minha aliança: entrarás na arca, tu e teus filhos, e tua mulher, e as mulheres de teus filhos." Gênesis 6:17 e 18.

6."Não havia ainda nenhuma planta do campo na terra, pois ainda nenhuma erva do campo havia brotado; porque o Senhor Deus não fizera chover sobre a terra, e também não havia homem para lavrar o solo.
"Mas uma neblina subia da terra e regava toda a superfície do solo." Gênesis 2:5 e 6.

7."Então disse Deus a Noé: Resolvi dar cabo de toda carne, porque a terra está cheia de violência dos homens; eis que os farei perecer juntamente com a terra.

“Faze uma arca de tábuas de cipreste; nela farás compartimentos, e a calafetarás com betume por dentro e por fora.
“Deste modo a farás: de trezentos côvados será o comprimento, de cinquenta a largura, e a altura de trinta.
“Farás ao seu redor uma abertura de um côvado de alto; a porta da arca colocarás lateralmente; farás pavimentos na arca: um em baixo, um segundo e um terceiro.
“Porque estou para derramar águas em dilúvio sobre a terra para consumir toda carne em que há fôlego de vida debaixo dos céus; tudo o que há na terra perecerá.
“Contigo, porém, estabelecerei a Minha aliança; entrarás na arca, tu e teus filhos, e tua mulher, e as mulheres de teus filhos.
“De tudo o que vive, de toda carne, dois de cada espécie, macho e fêmea, farás entrar na arca, para os conservares vivos contigo.
“Das aves segundo as suas espécies, do gado segundo as suas espécies, de todo réptil da terra segundo as suas espécies, dois de cada espécie virão a ti, para os conservares em vida.
“Leva contigo de tudo o que se come, ajunta-o contigo; ser-te-á para alimento, a ti e a eles.” Gênesis 6:13-21.

8.“Viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado na Terra, e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração; então Se arrependeu o Senhor de ter feito o homem na Terra, e isso Lhe pesou no coração.
“Disse o Senhor: Farei desaparecer da face da Terra o homem que criei, o homem e o animal, os répteis, e as aves dos céus; porque Me arrependo de os haver feito." Gênesis 6:5-7.

9.“Contigo, porém, estabelecerei a Minha aliança; entrarás na arca, tu e teus filhos, e tua mulher, e as mulheres de teus filhos.” Gênesis 6:18.

10.“Era Noé da idade de quinhentos anos, e gerou a Sem, Cão e Jafé.” Gênesis 5:32.

11.“Leva contigo de tudo o que se come, ajunta-o contigo; ser-te-á para alimento, a ti e a eles." Gênesis 6:21.

12.“De todo animal limpo levarás contigo sete pares: o macho e sua fêmea; mas dos animais imundos, um par: o macho e a sua fêmea.

“Também das aves dos céus sete pares: macho e fêmea; para se conservar a semente sobre a face da terra...

“Dos animais limpos, e dos animais imundos, e das aves, e de todo réptil sobre a Terra, entraram para Noé, na arca, de dois em dois, macho e fêmea, como Deus lhe ordenara.”

Gênesis 7:2-9.

13.“Eram macho e fêmea os que entraram de toda carne, como Deus lhe havia ordenado; e o Senhor fechou a porta após ele.” Gênesis 7:16.

14.“Eis que vos digo um mistério: Nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados.” I Coríntios 15:51 e 52.